



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA

DANIELE KELLY LIMA DE OLIVEIRA

**GRAMSCI E OS INTELECTUAIS ORGÂNICOS DA CLASSE TRABALHADORA:
CONTRIBUIÇÃO À EDUCAÇÃO NA PERSPECTIVA DA EMANCIPAÇÃO
HUMANA**

FORTALEZA

2013

DANIELE KELLY LIMA DE OLIVEIRA

**GRAMSCI E OS INTELLECTUAIS ORGÂNICOS DA CLASSE TRABALHADORA:
CONTRIBUIÇÃO À EDUCAÇÃO NA PERSPECTIVA DA EMANCIPAÇÃO
HUMANA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Educação Brasileira. Área de concentração: Educação.

Orientador: Prof. Dr. Osterne Nonato Maia Filho.

FORTALEZA

2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas

O46g

Oliveira, Daniele Kelly Lima de.

Gramsci e os intelectuais orgânicos da classe trabalhadora: contribuição à educação na perspectiva da emancipação humana / Daniele Kelly Lima de Oliveira. – 2013.
96 f. : enc. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza, 2013.

Área de Concentração: Educação.

Orientação: Prof. Dr. Osterne Nonato Maia Filho.

1. Gramsci, Antonio, 1891-1937 – Contribuições em educação. 2. Gramsci, Antonio, 1891-1937 – Crítica e interpretação. 3. Comunismo e educação. 4. Educação – Filosofia. 5. Ontologia. 6. Filosofia marxista. I. Título.

CDD 370.1

DANIELE KELLY LIMA DE OLIVEIRA

**GRAMSCI E OS INTELLECTUAIS ORGÂNICOS DA CLASSE TRABALHADORA:
CONTRIBUIÇÃO À EDUCAÇÃO NA PERSPECTIVA DA EMANCIPAÇÃO
HUMANA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Educação Brasileira. Área de concentração: Educação.

Aprovada em: 15/05/2013.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Osterne Nonato Maia Filho (Orientador)
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Profa. Dra. Ruth Maria de Paula Gonçalves
Universidade Estadual do Ceará – (UECE)

Prof. Dr. Valdemarin Gomes Coelho
Universidade Federal do Ceará – (UFC)

Profa. Dra. Maria das Dores Mendes Segundo
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

À minha mãe

Que sempre lutou pela emancipação humana
de seus filhos

Ao meu esposo, Everton

Grande amigo e imenso amor.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Railda e Antônio Carlos.

Ao meu marido, Everton, grande amigo, que desde o início sempre foi amor.

À querida Helena Freres, mestre exigente de noites cansativas, que se tornou a grande amiga, sincera e verdadeira. Obrigada pelo seu grande incentivo, de acreditar em mim, antes que eu mesma acreditasse.

Ao meu orientador, professor Osterne Nonato Maia Filho, grande intelectual, não somente na medida de seu arcabouço teórico, mas, sobretudo, pela simplicidade e humanidade que transmite a todos que o cercam. Síntese de afabilidade e exigência, figura do educador tão defendido por Gramsci, que guarda com seus alunos uma relação de respeito e exigência. Sua figura lembra-me a personagem da Odisseia de Homero, *Ulisses*, que ao retornar para Itaca, enfrenta inúmeros desafios com inteligência e sabedoria. Obrigada pela convivência tão agradável, que espero continue por toda nossa caminhada e por tantas frestas abertas rumo ao conhecimento.

Às professoras Jackline e Maria das Dores (por que as duas tem uma unidade na diversidade, em tantos momentos me lembram das figuras de Penélope e Ariadne):

Jackline é uma das grandes responsáveis por eu ter chegado até aqui. Paciente e persistente, insistiu em revelar uma concepção de mundo que eu sequer fazia ideia que existisse. Eu a recebi, aliás, num primeiro momento, recebi o marxismo com muita rejeição, mas aos poucos, como a *Penélope de Ulisses*, que esperou vinte anos por seu retorno, negando casar-se com outro homem, por meio da estratégia de que só se casaria após tecer um sudário para o pai de Ulisses, Laerte (tecia durante o dia e desmanchava à noite), Jackline também desmanchava, à noite, tudo que o capitalismo tecia em mim durante o dia. Foi conquistando-me pouco a pouco, primeiro por sua personalidade descontraída e de leveza ímpar, depois pela verdade que nunca “impôs”, mas levou todos os alunos a encontrarem.

Professora Maria das Dores, comparação perfeita com a personagem mitológica de *Ariadne*, que ao saber que seu amado Teseu deveria entrar no labirinto construído por Dédalo como sacrifício para o minotauro, ajudou seu amado, oferecendo a ele uma espada e um novelo de linha, para que Teseu encontrasse o caminho de volta. Nesses dois anos, não somente a mim, mas a todos os alunos, ela vem sempre entregando esse novelo de linha. Muito sincera (característica de todos os professores da Linha Marxismo, Educação e Luta de Classes) nos indica se estamos indo pelo caminho correto ou se estamos apenas andando em círculos dentro do labirinto. Não se contenta em nos ver perdidos e sempre nos puxa de volta

à realidade da pesquisa, direta e sem floreios, características próprias daqueles que cuidam e querem o melhor para seus orientandos. Obrigada especialmente por me apresentar a Economia Política com tanta propriedade.

À professora Ruth de Paula, que aceitou participar deste trabalho desde a defesa do projeto até a defesa da dissertação, trazendo contribuições riquíssimas. Compartilho com ela uma profunda admiração por Vigotski, que havia sido semeada pelo professor Mário na graduação, mas que após a aula na disciplina de Teorias da Educação, vem crescendo cada vez mais. Permitiu-me enxergar as tantas semelhanças entre Vigostky e Gramsci, para além das tantas coincidências pessoais. Poderia compará-la a *Filotes*, personificação da ternura na mitologia grega, filha da deusa Nix.

Ao professor Mário, que já havia sido meu professor na graduação, por um feliz acaso. Sempre muito disponível, simples e amigo, obrigada por tudo.

À professora Susana Jimenez, acolhedora, grande incentivadora dos alunos da graduação, dizendo sempre “estou torcendo por você”, e como não poderia ser diferente, muito sincera. Obrigada pela insistência de uma militância, que como a do Gramsci, tem sido em condições extremamente adversas. À primeira vista poderia logo compará-la a Gaia (Terra), que junto a Urano gerou os Titãs, por ter formado todos os professores da Linha de pesquisa, mas como aprendi com a mesma, é preciso sempre perscrutar todas as determinações do real para conhecê-lo. Encontro sua comparação com a figura de *Prometeu*, que roubou o fogo de Zeus e deu-o aos homens, sendo assim não somente uma defensora de uma Linha de pesquisa, do marxismo, da educação, mas sobretudo, uma grande defensora da humanidade.

A todos os professores da Linha de Pesquisa Marxismo Educação e Luta de Classes (E-Luta) da UFC e da Linha Marxismo e Formação do Educador da UECE, Jackline, Maria das Dores, Osterne Maia, Susana Jimenez, Ruth de Paula, Valdemarin (Mário), Betânea, Frederico Costa e Deribaldo, que me proporcionaram em dois anos preencher as lacunas deixadas por uma graduação de cinco anos norteadas pelo aligeiramento e fragmentação do conhecimento. Aqui encontrei a riqueza da discussão sobre o método de pesquisa, os caminhos da economia, psicologia, filosofia, educação, história, dentre outros.

Ao professor e grande amigo Yuri Brunello, pelas contribuições sobre a cultura e história italiana.

À querida amiga Larissa Mileo, pela doce amizade e tão agradável presença em minha vida.

A todos aqueles que estão estudando o pensamento de Antonio Gramsci: Nágela, Joeline e todos que fizeram parte do grupo de estudo: Gramsci e a Formação do Educador.

A todos os colegas, (Emanoela Terceiro, Samantha, Ádele, Isadora, Adriano, Rosângela, Emanuel, Kildilene, Érico, Fabiano, Cleide, Paula, Felipe, Rafa), especialmente aqueles com quem tive uma maior proximidade:

À Simone, por mesmo com tantas responsabilidades, encontrar sempre tempo para ser tão gentil e amiga.

À Cleidinha e Antônio, amigos que encontrei em Maceió e que depois entraram no mestrado da UECE, obrigada por um encontro tão feliz e que espero se prolongue por toda nossa vida.

À Manuzinha, que chegou a tão pouco, mas cativou-me com sua sinceridade.

Aos meus irmãos: William, Denise, Willer, Wilker, Júnior e cunhados: Edna, Érica, Edson e Ednardo.

Aos meus sogros Pedro e Fátima

Aos meus sobrinhos: Renner, Yasmin, Vivian, Yago, Davih, Maria Eduarda, João Henrique, Érick, Júnior e Pedro Lucas.

À todos que fazem parte da secretaria da Pós-Graduação em Educação Brasileira (Adalgisa, Sérgio, Nataly, Ariadina e Geísa).

À CAPES pela bolsa concedida para o desenvolvimento deste trabalho.

“Instruí-vos, porque precisamos da vossa inteligência. Agitai-vos, porque precisamos do vosso entusiasmo. Organizai-vos, porque carecemos de toda vossa força”. (Gramsci)

RESUMO

O presente trabalho dissertativo consiste em um estudo, à luz da ontologia marxiana-lukacsiana, da proposta de Gramsci, pensador marxista do século XX, sobre a formação de intelectuais orgânicos da classe trabalhadora e sua contribuição à educação na perspectiva da emancipação humana – proposta antagônica à atual formação do educador num cenário de crise estrutural do capital, em que a formação das consciências entorpecidas vem se configurando cada vez mais como um mecanismo de controle da classe trabalhadora, num momento histórico em que esse sistema joga sobre a humanidade a possibilidade de sua própria destruição. Nesse sentido, recompomos a biografia e contexto histórico no qual Gramsci viveu, num esforço de melhor compreensão da elaboração de seu pensamento, especialmente um estudo sobre o processo de unificação italiana, a partir do qual, o filósofo italiano trata das categorias: hegemonia, bloco histórico e intelectuais orgânicos. Contamos ainda com uma exposição sobre a base marxista de Gramsci, que lhe permite pensar uma educação omnilateral na perspectiva da emancipação humana. Na elaboração deste trabalho, lançamos mão do pensamento de Marx e Engels (2007), no Manifesto Comunista, leitura considerada por Gramsci de fundamental importância para o despertar da consciência da classe trabalhadora; Marx (1999), As teses sobre Feuerbach, e O Capital – livro I (2011). Contamos ainda com a obra de Gramsci em seus Escritos Políticos (2004), os Cadernos do Cárcere (2011), mormente os cadernos 12 e 11 e as Cartas do Cárcere (2005), bem como os intérpretes marxistas do pensamento de Gramsci como Manacorda (1990), Del Roio (2006), Coutinho (1999), Nosella (2010), Semeraro (2006) e Schlesener (1992), dentre outros;

Palavras-chave: Gramsci. Intelectuais Orgânicos. Emancipação Humana. ontologia marxiana.

RIASSUNTO

Il presente lavoro di ricerca consiste in uno studio, alla luce dell'ontologia marxiano-lukacciana, della proposta di Gramsci – pensatore marxista del Novecento – sulla formazione di intellettuali organici della classe lavoratrice, nonché in uno studio del contributo gramsciano all'educazione nella prospettiva dell'emancipazione umana, proposta antagonista all'attuale formazione dell'educatore nello scenario di una crisi strutturale del capitale, in cui la formazione delle coscienze stordite si configura sempre più come un meccanismo di controllo della classe lavoratrice, in un momento storico nel quale tale sistema proietta sull'umanità la possibilità della sua distruzione. Abbiamo pertanto ricostruito la biografia e il contesto storico nel quale Gramsci è vissuto, con l'obiettivo di una migliore comprensione dell'elaborazione del suo pensiero e, nello specifico, all'interno dell'ottica di uno studio del processo di unificazione italiana, a partire dal quale il filosofo italiano tratta di categorie quali egemonia, blocco storico e intellettuale organico. Abbiamo inoltre illustrato la base marxista di Gramsci, che gli permette di pensare una educazione onnilaterale nella prospettiva dell'emancipazione umana. Nell'elaborazione di questo lavoro siamo ricorsi al pensiero di Marx ed Engels (2007) nel Manifesto Comunista, lettura considerata da Gramsci di fondamentale importanza per il risveglio della coscienza della classe lavoratrice; Marx (1999), le Tesi su Feuerbach, e Il Capitale – libro I (2011). Le nostre incursioni nell'opera di Gramsci hanno riguardato i suoi Scritti Politici (2004), i Quaderni del Carcere (2011), con una particolare attenzione ai Quaderni 12 e 11 e, infine, alle Lettere dal carcere (2005), senza trascurare interpreti marxisti del pensiero di Gramsci come Manacorda (1990), Del Roio (2006), Coutinho (1999), Nosella (2010), Semeraro (2006) e Schlesener (1992), tra gli altri;

Parole-chiave: Gramsci. intellettuali organici. emancipazione umana. ontologia marxiana.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
1.1	Considerações preliminares acerca da proposta gramsciana de intelectuais orgânicos	13
1.2	A pesquisa à luz da ontologia marxiana	17
1.3	O caminho da pesquisa	20
2	ANTONIO GRAMSCI ELEMENTOS SOBRE O CONTEXTO E A HISTÓRIA DO PENSADOR ITALIANO	27
2.1	Testemunha crítica da história	27
<i>2.1.1</i>	<i>Um legado revolucionário</i>	30
2.2	Da pequena Sardenha a complexa Turim	35
<i>2.2.1</i>	<i>Turim: a chegada ao mundo operário</i>	43
<i>2.2.2</i>	<i>A organização da classe operária</i>	45
<i>2.2.3</i>	<i>Biênio Rosso</i>	48
2.3	Na Rússia com Lênin – na Itália contra Mussolini	52
<i>2.3.1</i>	<i>Os Cadernos do Cárcere: um projeto histórico universal</i>	53
3	ITÁLIA: O LABORATÓRIO DE GRAMSCI	56
3.1	A reflexão de Gramsci sobre o Risorgimento: unificação ou neocolonialismo	56
<i>3.1.1</i>	<i>Um novo caminho para a conquista da hegemonia proletária</i>	62
3.2	O lugar dos intelectuais no processo de emancipação humana	66
3.3	Uma nova inteligibilidade do real e o processo de superação da ideologia dominante	70
4	MARX, GRAMSCI E EDUCAÇÃO	71
4.1	Marxismo e educação	71
4.2	Educação em Gramsci	74
<i>4.2.1</i>	<i>Uma nova escola para formar o novo homem</i>	78
4.3	Gramsci e a formação do educador: apontamentos iniciais	84

CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
REFERÊNCIAS	92

1 INTRODUÇÃO

Nesta dissertação, pretendemos fazer um estudo à luz da ontologia marxiana-lukacsiana da proposta de Gramsci, pensador marxista do século XX, sobre a formação de intelectuais orgânicos¹ da classe trabalhadora. É importante lembrar que em Gramsci os intelectuais orgânicos são aqueles que expressam, organizam, defendem os objetivos do grupo social ao qual estão vinculados, isto é, pertencentes a uma classe e entrelaçados nas relações sociais dão a esse grupo do qual se originam, homogeneidade e consciência de sua própria função:

Todo grupo social, nascendo no terreno originário de sua função essencial no mundo da produção econômica, cria para si, ao mesmo tempo, organicamente, uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e político: o empresário capitalista cria consigo o técnico da indústria, o cientista da economia política, o organizador de uma nova cultura, de um novo direito, etc. (GRAMSCI, 2011b, p. 15).

Nesse sentido, não nos debruçamos sobre a formação dos intelectuais orgânicos em geral, mas sobre as considerações de Gramsci acerca da educação e da necessidade de formação de intelectuais orgânicos da classe trabalhadora por meio de um processo de organização da cultura, objetivando a preparação desta classe para um período de transição socialista. Este momento é ainda investigado como pressuposto de análise à atual formação docente num cenário de crise estrutural do capital, em que a formação das consciências entorpecidas vem se configurando cada vez mais como um mecanismo de controle das classes subalternas, num momento histórico em que esse sistema dá indicações à humanidade da possibilidade de sua própria destruição (Mészáros, 2011).

Antes de adentrarmos a temática dos intelectuais apresentamos algumas considerações preliminares acerca dessa proposta gramsciana, em seguida procuramos delinear a pesquisa à luz da ontologia marxiana e por fim expomos o caminho da pesquisa, isto é, o caminho percorrido durante a realização da mesma.

¹ Nosella (2010) nos informa que a expressão “orgânicos” é muito corrente na Itália e equivale ao termo “quadros” (cadres) em língua francesa. Os orgânicos, na Itália, são as pessoas diretamente engajadas na organização de uma instituição.

1.1 Considerações preliminares acerca da proposta gramsciana de intelectuais orgânicos

Para Gramsci, o intelectual orgânico – ligado à classe trabalhadora – deve ser o educador das massas, que com ela também se educa, de forma a construir um homem integral, refutando, assim, o caráter unilateral da educação destinada à classe trabalhadora. De acordo com a teoria gramsciana, ao educador cabe a tarefa de contribuir para a elevação cultural das massas, colaborando para a formação de indivíduos que possam apreender a totalidade da realidade em que vivem e conseqüentemente tornarem-se sujeitos capazes de agir e transformar essa mesma realidade.

Corroborar com a passagem dos simples² da filosofia espontânea a uma concepção de mundo mais elaborada e coerente, promovendo assim uma quebra na ideologia do bloco dominante e permitindo à classe trabalhadora conquistar a hegemonia demonstra a importância do papel dos intelectuais na teoria gramsciana de elevação das classes subalternas.

O filósofo marxista italiano compreende que a educação da classe trabalhadora é fundamental para a formação do novo homem e da nova sociedade, porém essa é uma tarefa precípua originária do trabalho, categoria fundante do mundo dos homens – conforme nos legou a ontologia marxiana, e é essa categoria que carrega a possibilidade de transformação das relações sociais humanas.

Diante do desafio de formação de um educador das massas e da organização da cultura, o pensador sardenho confirma a tese de Marx de que as relações sociais só poderão ser modificadas a partir do trabalho, estando a educação subordinada a essa atividade fundante. Em outras palavras, a educação das massas contribui para o preparo do proletariado para um o projeto de superação do modo de produção capitalista, do trabalho explorado, rumo ao trabalho livre associado.

O capitalismo amarga uma crise estrutural, que, diferente das tantas crises cíclicas enfrentadas em momentos anteriores, como nos afirma Mészáros (2011), tem caráter irreformável e incontrolável.

² Termo utilizado por Gramsci em seu Caderno 11 para designar todos aqueles que estão presos a filosofia espontânea, isto é, a uma concepção de mundo que se baseia no senso comum.

Buscando uma melhor compreensão da crise estrutural e seus desdobramentos na educação e formação do educador, seguimos Maia Filho (2004), que nos apresenta na introdução de sua tese de doutorado uma explanação muito didática sobre as crises do capitalismo, definindo, na esteira de Marx, as crises como “colapso dos princípios e fundamentos que marcam o modo de funcionamento da sociedade capitalista de produção” (p. 63).

Em relação às causas das crises, o mesmo autor nos informa que:

Para Marx, as causas da crise no sistema do capital devem ser buscadas no modo de acumulação próprio do sistema capitalista de produção, cuja lei básica de funcionamento resulta na tendência decrescente das taxas de lucros. Esta tendência está associada ao avanço das forças produtivas combinado com a irracionalidade característica da concorrência entre os capitais (idem, ibidem).

Nessa mesma exposição, o autor ainda apresenta uma diferenciação entre as crises de caráter cíclico, passageiro e as crises estruturais.

É importante, no entanto, distinguir didaticamente, embora na prática elas se encontrem estreitamente associadas, entre as crises conjunturais ou colapsos parciais das crises gerais ou estruturais que atingem os princípios organizativos do sistema social e conduzem à transformação desta sociedade. As crises parciais estão associadas aos ciclos econômicos e elas são as faces mais visíveis do sistema capitalista de produção: elas envolvem surtos de crescimento e prosperidade aparentemente ilimitados acompanhados de declínio da atividade econômica e de “queima” de capital. Já as crises do segundo tipo resultam naquilo que MÉSZÁROS (2002) denominou de ‘ativação dos limites absolutos do capital’, em que os limites intrínsecos ou absolutos do sistema foram atingidos e não podem ser transcendidos sem que seus pressupostos básicos sejam transformados e, portanto, que seu modo de funcionamento e controle seja qualitativamente alterado. (idem, ibidem).

Voltando a Mézáros (2011), e ainda amparados nas considerações de Maia Filho (2004), entendemos que o atual cenário revela-se na configuração de uma novidade histórica, uma crise estrutural do capital, que se torna manifesta em quatro aspectos principais:

[...] (1) seu caráter é universal, em lugar de restrito a uma esfera particular (por exemplo, financeira ou comercial, ou afetando este ou aquele ramo particular da produção, aplicando-se a este e não àquele tipo de trabalho, com sua gama específica de habilidades e graus de produtividade etc.);
 (2) seu alcance é verdadeiramente global (no sentido mais literal e ameaçador do termo), em lugar de limitado a um conjunto particular de países (como foram todas as principais crises no passado);
 (3) sua escala de tempo é extensa, contínua, se preferir, permanente, em lugar de limitada e cíclica, como foram todas as crises anteriores do capital;
 (4) em contraste com as erupções e os colapsos mais espetaculares e dramáticos do passado, seu modo de se desdobrar poderia ser chamado de rastejante, desde que acrescentemos a ressalva de que nem sequer as convulsões mais veementes ou violentas poderiam ser excluídas no que se refere ao futuro: a saber, quando a complexa maquinaria agora ativamente empenhada na ‘administração da crise’ e no ‘deslocamento’ mais ou menos temporário das crescentes contradições perder sua energia. (MÉSZÁROS, 2011, p. 796).

Obviamente como assevera Mészáros *apud* Maia Filho (2004, p. 64), o sistema do capital fará uso de todas as “armas” e subterfúgios para adiar o “momento da verdade”, no entanto os limites destas estratégias tendem a se reduzir com o agravamento da crise do capital.

Nesse contexto, a formação do educador também possui um caráter de centralidade, pois o capital necessita formar os educadores por conveniência da sua própria lógica de reprodução, ou seja, com uma formação meramente instrumental, contribuindo para a perpetuação da obscuridade do conhecimento, especialmente, em relação à classe trabalhadora.

Combatendo esse tipo de pensamento, Gramsci (2004a) entende, já nos seus escritos da juventude, como necessário ao processo de construção da consciência de uma classe universal, uma cultura que conota horizonte amplo, de longo alcance, isto é, que interessa não apenas ao indivíduo ou a pequenos grupos, mas à coletividade e até a humanidade inteira.

No Manifesto Comunista Marx e Engels (2007), afirmam que a luta do proletariado começa com sua própria existência. Ora, é justamente sobre essa necessidade de organização da classe trabalhadora que Gramsci diante da situação de cárcere, preso fisicamente, mas liberto intelectualmente, reflete em sua obra. É a partir de um estudo sistematizado e detalhado da sociedade burguesa e do modo de produção capitalista que ele, com base no legado marxiano, contra toda a engrenagem da sociedade capitalista, que assegura a dominação intelectual sobre a classe trabalhadora, propôs a necessidade de organização da cultura por parte da classe trabalhadora e de seus intelectuais orgânicos.

Uma categoria que o auxiliou na construção dessa teoria foi a de hegemonia. Para ele, essa categoria não atua somente na esfera econômica, mas também sobre a maneira de pensar, as orientações ideológicas e o modo de conhecer e conceber o mundo. Em sua concepção, a “hegemonia é necessariamente uma relação pedagógica” (GRAMSCI, 2011a, p. 399), visto que, é através das atividades e iniciativas de uma ampla rede de organizações culturais, movimentos políticos e instituições educacionais que a burguesia dissemina suas ideologias e mantém sua hegemonia no sistema social.

Embora o pensador italiano tivesse grande preocupação com uma reforma intelectual e moral da classe trabalhadora remetendo-o assim a um estudo apurado das superestruturas, isso não significa que seu objetivo final se reduzisse a uma reforma cultural.

Pode haver reforma cultural, ou seja, elevação civil das camadas mais baixas da sociedade, sem uma anterior reforma econômica e uma modificação na posição social e no mundo econômico? É por isso que uma reforma intelectual e moral não pode deixar de estar ligada a um programa de reforma econômica; mais precisamente, o programa de reforma econômica é exatamente o modo concreto através do qual se apresenta toda reforma intelectual e moral (GRAMSCI, 2011c, p. 19).

Gramsci se preocupava com a formação do novo homem para a nova sociedade que estava por nascer. Conforme Nosella (2010) o que movia o pensamento e as atitudes do sardo era a possibilidade concreta de liberdade universal.

Nesse viés, uma questão é pungente em Gramsci e alude à atualidade de seu pensamento: a disparidade entre a educação oferecida à classe trabalhadora e a organizada pela classe dominante para ela mesma.

A dualidade da educação a qual o filósofo marxista se referia era legitimada graças ao Estado, que promovia uma educação classista, que seria privilégio de poucos, ou seja, dos filhos dos proprietários, enquanto os filhos da classe trabalhadora eram deixados de fora

A cultura é um privilégio. A escola é um privilégio. E não queremos que seja assim. Todos os jovens deviam ser iguais diante da cultura. O Estado não deve pagar com o dinheiro de todos a escola para os medíocres e deficientes, mas filhos dos abastados, enquanto exclui dela os inteligentes, porque filhos de proletariados (GRAMSCI, 2004a, p. 74).

Diante dessa dualidade e da alienação do trabalho, Gramsci defendeu a necessidade de formação de intelectuais orgânicos da classe trabalhadora que promovessem a organização da cultura das massas, pois somente quando a classe subalterna³ se desligasse da ideologia divulgada pelos intelectuais burgueses e, respectivamente, de sua concepção de mundo, assim, a massa trabalhadora poderia, influenciada por sua própria concepção de mundo, emancipar-se.

Del Roio (2006) indica que a empreitada que Gramsci tinha pela frente era de grandes proporções: “O desafio cultural e educativo que ele se propunha era enorme, mas só

³ Gramsci adota frequentemente o termo subalterno para designar a classe trabalhadora, isso por que como nos esclarece Del Roio (2007), subalterno significa etimologicamente o outro inferior ou inferiorizado.

poderia ser efetivamente resolvido quando a classe operária formasse os seus próprios intelectuais” (p. 323).

A proposta gramsciana de elaboração de intelectuais orgânicos da classe trabalhadora e organização da cultura se afina ao pressuposto da educação na concepção da ontologia marxiana-lukacsiana. Nessa organização da cultura os conhecimentos produzidos pela humanidade deveriam ser universalizados, propiciando assim a formação harmoniosa do homem em todas as suas potencialidades, de forma omnilateral, permitindo a preparação da classe trabalhadora para governar a nova sociabilidade humana.

Reiteramos, assim, a clássica formulação de Saviani (2008) quanto à função e à especificidade da educação: transmitir a cada indivíduo singular a humanidade que foi produzida histórica, intencionalmente e coletivamente pelo conjunto dos homens, ou, em outras palavras, produzir a humanidade no homem e produzir produtores de cultura.

Portanto, uma prática educativa revolucionária – efetivamente comprometida com a formação plena dos indivíduos deve valorizar o conhecimento historicamente acumulado pela humanidade ao longo do tempo – não pode prescindir dessa tarefa, pois o conhecimento cumpre uma função primordial no processo de enriquecimento dos indivíduos e da própria sociedade: a articulação entre generidade e individualidade humana.

1.2 A pesquisa à luz da ontologia marxiana

O marxismo constitui o elemento consciente, científico, superior ao particularismo das várias tendências de caráter e origem nacional, contra as quais ele travou uma luta nos terrenos teórico e organizativo. Todo o processo de formação da I Internacional teve como eixo esta luta, que se concluiu com a expulsão do bakunismo da Internacional. Quando a I Internacional deixou de existir, o marxismo já havia triunfado no movimento operário. Com efeito, todos os partidos que formaram a II Internacional reivindicaram o marxismo e o tomavam como fundamento de suas táticas em todas as questões essenciais.

Depois da vitória do marxismo, as tendências de caráter nacional contra as quais ele havia triunfado buscaram manifestar-se por outros caminhos, ressurgindo no próprio seio do marxismo como formas de revisionismo (GRAMSCI 2004b, p. 318).

Antonio Gramsci revelou ao longo de sua vida ser um militante marxista da luta pela emancipação humana do proletariado, classe histórica, que carrega em si a possibilidade de ruptura e superação desta sociedade capitalista. Nos vemos diante de um homem que entendeu que a história dos homens só pode ser mudada por eles mesmos.

Assim como Marx sofreu a intensa tentativa de deturpação do seu pensamento por seus sucessores, seja pelo marxismo vulgar, determinismo ou economicismo⁴, dentre outros, o pensamento de Gramsci também vem sendo apropriado de maneira indevida – veja o caso de Norberto Bobbio⁵, que colocou o pensamento do sardo no campo do liberalismo – servindo à legitimação das mais diversas vertentes ideológicas, na maioria das vezes, contrária aquilo que o político italiano lutou por toda a vida.

Diante desse panorama, e navegando na contracorrente dessas deturpações, nosso referencial teórico está ancorado na teoria marxista, consubstanciada nos pressupostos da ontologia do ser social de Marx, recuperada por Lukács (1978), que considera o trabalho como a categoria fundante do homem, pois somente a partir dele o homem transforma a natureza conscientemente, criando assim o mundo dos homens. Nesse processo de transformação o homem modifica também a si mesmo, enquanto ser genérico, e a partir daí adquire novas habilidades e novos conhecimentos que precisam ser universalizados. Para atender a essa necessidade de universalização dos conhecimentos socialmente produzidos pelo conjunto da humanidade o trabalho chama à vida um novo complexo, a educação⁶.

No capítulo V do livro I de O Capital, Marx assevera que:

Antes de tudo, o trabalho é um processo de que participam o homem e a natureza, processo em que o ser humano, com sua própria ação, impulsiona, regula e controla o intercâmbio material com a natureza. Defronta-se com a natureza como uma de suas forças. Põe em movimento as forças naturais de seu corpo – braços e pernas, cabeça e mãos –, a fim de apropriar-se dos recursos da natureza, imprimindo-lhes forma útil à vida humana. Atuando assim sobre a natureza externa e modificando-a, ao mesmo tempo modifica sua própria natureza. (MARX, 2011, p. 211).

Seguimos nossa pesquisa à luz da Ontologia do ser social, considerando que o trabalho é a categoria fundante no mundo dos homens, visto que esse pressuposto nos permite entender o homem como um ser histórico e capaz de superar a alienação imposta pela ideologia capitalista, na qual o trabalho se encontra subsumido ao capital.

[...] o ser social é radicalmente histórico e social. Isto significa que o ser social é, em sua integral totalidade, o resultado de um processo que tem no trabalho o seu ato originário e que, portanto, como diz Marx (1989:204) ... a totalidade do que se

⁴ José Paulo Netto aprofunda o estudo sobre essas distorções em seu livro Introdução ao Estudo do Método de Marx.

⁵ Del Roio (2007) trata dessa apropriação indébita em seu artigo Gramsci e a Emancipação do Subalterno.

⁶ Jimenez e Lima (2011), com base nos pressupostos da Ontologia marxiana-lukacsiana, tratam da relação (dependência ontológica, autonomia relativa e determinação recíproca) entre trabalho e os complexos criados a partir dele, dando especial atenção ao complexo da educação.

chama história mundial é apenas a criação do homem através do trabalho. Deste modo, tornando-se insustentável afirmar que o homem é um ser, por natureza, proprietário, privado, mercantil e individualista. Em consequência, também torna-se insustentável a afirmação de que esta ordem é estruturalmente imutável e a mais adequada ao desenvolvimento pleno do homem. (TONET, 2007, p. 16).

O problema da essência humana e de tudo que se relaciona ao homem, ou seja, o problema da ontologia vem ocupando a humanidade desde a antiguidade. Lessa nos coloca diante dessa temática explanando que acerca das investigações sobre a essência humana, poderíamos “classificá-los em dois grupos: o primeiro dos gregos até Hegel e o segundo de Marx até os nossos dias” (2007, p. 87).

No primeiro grupo encontramos sempre, de uma maneira ou de outra, uma concepção dualista/transcendental de que “teríamos um ‘verdadeiro ser’, que corresponderia à essência, à eternidade, ao fixo; e um ser menor, ou uma manifestação ‘corrompida’ do ser, que seria do efêmero, do histórico, do processual” (idem, ibidem).

Embora com a transição do escravismo ao feudalismo tenha predominado uma concepção fatalista da história, a concepção dualista/transcendental não foi abolida,

[...] tal fatalismo é o reflexo ideológico do ‘destino cruel’ ao qual os homens estavam submetidos naquele momento histórico [...] Deus, enquanto eterna e imutável essência de tudo versus o mundo dos homens, cuja característica é ser locus do pecado e, por isso, efêmero, mutável e transitório. Tal como os gregos, os homens medievais também concebiam a sua história como a eles imposta por forças que estes jamais poderiam controlar. (idem, ibidem, p. 87-88).

Mesmo a passagem do mundo medieval para o mundo moderno não conseguiu romper com essa dualidade entre a essência e a historicidade do mundo dos homens.

Tal como os gregos e medievais, também o pensamento moderno está preso à concepção segundo a qual os homens desdobram na sua história determinações essenciais que nem são frutos de sua ação, nem poderiam ser alteradas pela sua atividade. Por serem essencialmente proprietários privados, o limite máximo do desenvolvimento humano não poderia jamais ultrapassar, a forma social que permite a máxima explicitação dessa sua essência imutável, a propriedade privada. Para ser breve: não há como se superar a sociabilidade burguesa porque o homem, sendo essencialmente um egoísta e proprietário privado, não conseguiria desdobrar nenhuma relação social que superasse essa sua dimensão mesquinha. (idem, ibidem, p. 91).

Lessa nos informa que essa dualidade só é quebrada com o projeto revolucionário marxiano, que supera todas as concepções anteriores, a-históricas, “bem como das concepções teleológicas da história que necessariamente as acompanham” (idem, ibidem, p. 91).

Essa demonstração, a partir do pensamento de Marx, é proposta pelo filósofo húngaro, Lukács, a partir de sua Ontologia. Nesse sentido, Marx teria operado uma ruptura fundamental com todas as concepções anteriores acerca da relação entre o homem e sua história.

Se, até Hegel, o problema era descobrir qual o limite das possibilidades de evolução da sociedade a partir da determinação de uma essência a-histórica, com Marx o problema se converte em como transformar a história humana, suas relações sociais predominantes. Ou seja, a questão adquire um tom nitidamente revolucionário.

Esse aspecto revolucionário é confirmado por Lessa:

O marxismo ontológico, cujos teóricos mais expressivos são Lukács e Gramsci, ao mesmo tempo em que reafirma o caráter comunista da obra marxiana, volta-se a demonstrar que o seu caráter revolucionário está também em conceber o mundo dos homens enquanto uma nova forma de ser, uma nova materialidade, que se consubstancia pela construção teleologicamente posta de uma nova objetividade. (idem, *ibidem*, p. 178).

Nesse sentido, a Ontologia marxiana nos situa diante da realidade concreta e nos permite colaborar com o desenvolvimento de uma pesquisa que discorra criticamente acerca da radical diferença entre a autêntica proposta gramsciana, tantas vezes já apropriada de forma ilegítima, asceptizada de seu conteúdo profundamente revolucionário, e a proposta capitalista no que se refere à formação do educador.

1.3 O caminho da pesquisa

A importância do nosso trabalho está no estudo do antagonismo dessas duas propostas. De um lado, a proposta de resgatar a formação do intelectual orgânico, como importante elemento no processo de organização da cultura, construção da consciência de classe e emancipação das classes subalternas, condição *sine qua non* para a formação do homem completo; proposta essa antagônica a um projeto de formação do educador sob a égide do capital, configurada por seu caráter ideológico de manutenção da classe dominante por meio da negação do conhecimento.

Num contexto de crise estrutural do capital, caracterizada pela perda de valores culturais tradicionais, entendemos esse tema como de suma importância no processo de luta pela emancipação humana.

O interesse por esse tema está relacionado à experiência como pesquisadora-colaboradora do Instituto de Estudos e Pesquisas do Movimento Operário (IMO). Fomos impulsionadas após a disciplina de Estágio no Ensino Fundamental, já no final do curso de Pedagogia. A princípio, tal teoria causou-nos uma crise diante de toda uma formação recebida anteriormente, norteadas pela lógica do capital e inculcadas num processo de naturalização da aparência como sendo a essência da realidade. Em seguida, a descoberta da ontologia marxiana, até então totalmente negada por uma formação limitada, descortinou a trama ideológica engendrada pelo capital para a cooptação de nossas subjetividades e ampliou nossa visão de mundo, gerando a necessidade de uma busca incessante de aprofundamento dessa teoria.

Destacamos ainda que essa temática tem encontrado ressonância nas pesquisas desenvolvidas em conjunto pelas Linhas de Pesquisa: Marxismo, Educação e Luta de Classes (E-LUTA), vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da UFC e Marxismo e Formação do Educador do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Estadual do Ceará – UECE juntamente com o Instituto de Estudos e Pesquisas do Movimento Operário – IMO/UECE.

Contamos assim com um grupo de estudos intitulado Gramsci e a Formação do Educador, no qual buscamos realizar um esforço de compreensão do pensamento gramsciano por meio da leitura imanente da obra do autor.

Temos ainda algumas produções que versam sobre o estudo do pensamento do filósofo italiano. Uma monografia de Conclusão de curso: 2010 – Silva Sousa - Da Escola por Correspondência na práxis revolucionária de Antônio Gramsci ao projeto mercadológico de Educação à Distância: uma análise mediada pela crítica marxista; duas dissertações de mestrado concluídas: 2010 – Sobral: O Trabalho como Princípio Educativo em Gramsci: ensaio de compreensão à luz da ontologia marxiana; e Sousa – 2012 – A Formação Humana Omnilateral e a Proposição da Escola Unitária de Antonio Gramsci: uma análise à luz da ontologia marxiana. Uma dissertação de mestrado em andamento: 2013 – Silva e Sousa, As contribuições de Antonio Gramsci para a educação e formação humana da frente única.

Para percorrer o caminho da pesquisa, traçamos como objetivo geral analisar os pressupostos gramscianos necessários à formação do intelectual orgânico da classe trabalhadora e sua contribuição à educação na perspectiva da emancipação humana, como pressuposto para a formação do educador – através do processo de organização da cultura dos

produtores da riqueza social, fundamental para o projeto de emancipação da classe trabalhadora.

Para responder a essa problemática, lançamos mão ainda dos seguintes objetivos específicos, a saber: a) recompor a biografia e o contexto histórico no qual Gramsci viveu, buscando os desdobramentos desses elementos em sua produção escrita; b) investigar como se configura a formação dos intelectuais orgânicos da classe trabalhadora e a organização da cultura em Gramsci; c) expor, à luz da perspectiva onto-histórica, a base marxista de Gramsci e seus lineamentos de uma contribuição educativa na perspectiva da emancipação humana.

Visando o alcance do objetivo proposto neste estudo, utilizamos a pesquisa teórico-bibliográfica, mediante a análise dialética, materialista e imanente dos textos que fundamentarão nosso aprofundamento. Textos esses escolhidos a partir do princípio que compreendemos, à luz da teoria marxiano-lukacsiana, que o pesquisador deve partir das determinações onto-históricas do próprio real. Isso significa que o desenvolvimento de uma pesquisa deve estar condicionado ao desenvolvimento do próprio objeto. Em outras palavras o objeto tem primazia sobre o pensamento, não significando inferioridade ontológica deste em relação ao primeiro.

Parte-se do princípio que a essência dos fatos sociais, as categorias universais que explicam tanto a realidade fenomênica como estrutural, não se encontram num mundo das ideias separado da realidade como pretendia o platonismo e o racionalismo moderno, nem também se encontra somente na concretude do dado sensível, em si, como quer o positivismo realista ou mesmo na sua visão descritivo-pragmática, mas é construída historicamente a partir da análise contextualizada e dialética do real. (MAIA FILHO, 2010, p. 81).

Nesse sentido examinamos o pensamento de Marx e Engels (2007), no Manifesto do Partido Comunista, leitura considerada por Gramsci de fundamental importância para o despertar da consciência da classe trabalhadora; também seu pensamento desenvolvido na A Ideologia Alemã (1999) e (2007), As Teses sobre Feuerbach⁷ (2007), em especial a terceira tese, da qual Gramsci se apropria e repete insistentemente em cartas aos familiares a necessidade de se educar o educador, e a décima primeira tese que reflete a práxis do filósofo italiano em toda sua vida, que não se limitou a interpretar o mundo, mas lutou por sua transformação.

⁷ Gramsci não teve acesso a toda a obra de Marx, visto que alguns textos só foram publicados após sua morte. Coutinho (1981) nos informa que Gramsci conhece As Teses sobre Feuerbach por meio de um famoso ensaio de Gentile publicado em 1899, no qual ele tenta demonstrar, opondo-se a interpretação já formulada por Benedetto Croce, que o essencial do pensamento de Marx não é o determinismo econômico defendido pelos teóricos da II Internacional.

Na esteira da tradição marxiana estudamos a temática dos intelectuais em Gramsci na última edição brasileira do Caderno 12: (2011) Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo. Neste estudo o marxista italiano propõe a formação do intelectual orgânico da própria classe trabalhadora como condição imprescindível à organização das classes subalternas rumo a emancipação. Procuramos, assim, investigar a necessidade dessa formação, bem como o entendimento de como e em quais condições se dá esse processo.

Nos debruçamos ainda sobre o caderno 11 (2011) inserido no primeiro volume: Introdução ao Estudo da Filosofia. A Filosofia de Benedetto Croce, no qual o marxista italiano empreende um esforço de investigação sobre o processo de dominação ideológica que leva os “simples” a uma subordinação intelectual em relação à classe dominante e dá indicações de como promover uma ruptura desse modelo com a mediação de intelectuais orgânicos da classe trabalhadora.

Contamos ainda com a leitura do caderno 19, presente no quinto volume da edição brasileira, que traz a análise gramsciana do processo de unificação italiana.

Fez-se ainda necessário recompormos a biografia do sardo e o contexto histórico no qual viveu. Isso nos permitiu uma melhor aproximação das categorias elaboradas pelo mesmo, já que estas respondem aos problemas de seu tempo, entretanto, com uma visão direcionada para o futuro.

Nesse sentido, contamos com pesquisa de Fiori⁸ (1979); Lajolo (1982), Lepre (2001), Maestri e Candreva (2007) e ainda Quercioli⁹ (2007), que nos permite juntamente com a leitura das Cartas do Cárcere (2007) perceber o homem que estava por trás do militante comunista.

⁸ A biografia escrita por Giuseppe Fiori foi publicada pela primeira vez em 1966, na Itália. Como Gramsci, Fiori era sardo, mas nascido em 1923 não teve oportunidade de conhecer pessoalmente seu biografado. Neste estudo percorreu todas as cidades nas quais o marxista italiano viveu entrevistando familiares, amigos, vizinhos, companheiros de partido, professores, enfim, esta biografia trata-se de um apanhado histórico profundo da vida de Gramsci e análise de seus escritos, dentre eles, os jornalísticos, carcerários e cartas (muitas delas inéditas ainda na época da pesquisa). Vale ainda destacar que o biografado não era ligado ao Partido Comunista Italiano, fato que lhe rendeu a observação de Paolo Scipriano, famoso historiador do PCI, como nos informa Leandro Konder na edição brasileira da biografia publicada em 1979: “É para nós uma lição que tenha sido um não comunista, em parte estranho ao movimento operário, quem enfrentou esse trabalho e bem o realizou; mas é também uma indicação do quanto interesse por Gramsci tornou-se um dado de toda a moderna cultura italiana”.

⁹ Mimma Paulesu Quercioli é sobrinha de Gramsci, filha de Teresinha. Em seu livro *Le Done di Casa de Gramsci* (2007) produz um relato da vida do pensador italiano sob a ótica dos familiares (pais e irmãos), trazendo ainda cartas inéditas da mãe e de Tatiana.

Na reconfiguração do contexto histórico no qual viveu lançamos mão do estudo de Hobsbaw (1981), (1982), (1988), (1995) e (2011); Manacorda (2010); Braick e Mota (2002); Dias (1996) e (2000); Schlesener (1992) e do próprio Gramsci.

Buscamos ainda os intérpretes marxistas do pensamento gramsciano, dentre eles destacamos dois expoentes no estudo do pensamento deste autor, falecidos durante o desenvolvimento desta dissertação: Manacorda (1990), que discorre sobre o princípio educativo em Gramsci e traça ainda uma extensa investigação sobre o desenvolvimento do pensamento do sardo, e Carlos Nelson Coutinho, cujo legado, além da tradução dos escritos da juventude (2 volumes), cadernos (6 volumes) e cartas do cárcere (2 volumes) deixa uma vasta produção sobre a biografia, contexto histórico e categorias do político italiano.

Contamos ainda com Del Roio (2006), que trata das bases para a formação do educador das massas e sua importância no processo de emancipação das classes subalternas, (2005) no qual analisa o papel de Gramsci na resgate do autêntico marxismo; Nosella¹⁰ (2010) que aborda as características da escola pensada pelo sardenho; Sampaio (2007) que trata da relação entre política e educação e Schlesener (2009) que apresenta sua pesquisa sobre a escola de Leonardo – pressuposto do homem integral na concepção gramsciana; Semeraro (2006) que estuda a relação entre subjetividade e objetividade em Gramsci bem como a temática dos intelectuais.

Para a análise da crise estrutural do capital, recorreremos a Mészáros (2011) que em sua obra *Para além do capital*, versa sobre as causas da natureza da crise estrutural do capital e Maia Filho (2004), que em sua tese de doutorado discorre didaticamente sobre esse tema.

A respeito das considerações de Gramsci acerca dos novos métodos de ensino a partir do século XIV e uma suposta proposta de formação integral da criança, contamos com os estudos de Manacorda (1990); Schlesener (2009); e Semeraro (2006) que nos apontam a clara distinção entre as duas propostas, marxista, exemplificada por Gramsci e a escolanovista, exemplificada pelo pensamento de Dewey.

Para a análise da Educação do Educador contamos com o estudo de Del Roio (2006), Semeraro (2006), Simionatto (2011) e o conjunto da obra de Gramsci, especialmente o caderno 12.

¹⁰ Embora nos últimos anos Nosella tenha apresentado aproximações com a perspectiva reformista conforme nos informa Tonet (2005) não podemos negar a contribuição desse estudioso da obra de Gramsci.

O presente trabalho está dividido em quatro capítulos. No primeiro, introdução, buscamos adentrar a proposta gramsciana de formação de intelectuais orgânicos da classe trabalhadora e sua importância para o processo de emancipação humana, situando o referido objetivo à luz da ontologia marxiana-lukacsiana e indicando ainda o caminho que a pesquisa percorreu.

No segundo capítulo, Antonio Gramsci: elementos sobre o contexto e a história do pensador italiano, realizamos uma recomposição acerca da biografia e contexto histórico no qual Gramsci viveu, procurando estabelecer em que proporção tais fatos interferiram na elaboração de seu pensamento, permitindo-nos chegar ao resgate da base marxista e revolucionária do italiano.

No terceiro capítulo, Itália: o laboratório de Gramsci, voltamos a análise de Gramsci sobre o processo de unificação italiana, *Risorgimento*, e seus desdobramentos na vida social italiana, emergindo a partir daí a compreensão das categorias: hegemonia, bloco histórico e intelectuais orgânicos e tradicionais. Nesse capítulo indicamos ainda, segundo o filósofo italiano, um novo caminho para a hegemonia proletária, situando o lugar dos intelectuais no processo de emancipação humana, ou seja, na busca de uma nova inteligibilidade do real e superação da ideologia dominante.

No quarto capítulo: Marx, Gramsci e a Educação, tentamos esboçar a educação na perspectiva marxiana, que intenta uma formação omnilateral, completa, multilateral, em todos os sentidos, das faculdades e das forças produtivas, isto é, de todas as potencialidades humanas. Demonstramos que a questão pedagógica perpassa toda a obra de Gramsci, desde a educação política das massas, a educação dos filhos e sobrinhos, daí a preocupação constante com a educação e a formação do educador, bem como seus questionamentos a alguns novos modelos de ensino, dentre os quais, nos detivemos em suas considerações sobre o escolanovismo.

Nas considerações finais o que se sobressai é a base marxista de Gramsci, que pensa em construir os fundamentos para a formação de toda a classe subalterna, e levá-los ao esclarecimento, a posse da cultura, do conhecimento de seus direitos e deveres. Gramsci rejeita qualquer indicação de anulação ou negação do conhecimento a classe trabalhadora, deplora qualquer projeto pedagógico que se movesse num sentido de se dirigir aos trabalhadores com um rebaixamento da linguagem ou de poucos conteúdos e vê em Marx e em sua Filosofia da Práxis aquilo que busca veementemente para a massa trabalhadora, uma

concepção de mundo original e ligada aos processos do real, que lhes permita passar da subjugação à subjetivação.

2 ANTONIO GRAMSCI: ELEMENTOS SOBRE O CONTEXTO E A HISTÓRIA DO PENSADOR ITALIANO

Uma das dificuldades no estudo da proposta gramsciana é o estranhamento com a história italiana, ou seja, um conhecimento superficial. Essa problemática se dá ao entendermos que o desenvolvimento do pensamento de Gramsci sofre grande influência dos acontecimentos vividos e testemunhados pelo filósofo italiano. Na maioria das vezes esse conhecimento limitado corrobora para o processo de distorção do pensamento do autor.

Nesse sentido, empreendemos um esforço de reconfiguração dos fatos que tiveram uma influência importante no desenvolvimento do pensamento gramsciano. Encontramos o sardo como uma testemunha crítica da história, em momentos como a Revolução Russa de 1917 e a I Guerra Mundial.

Ainda nesse percurso apreendemos o legado revolucionário deixado por Gramsci e os momentos de ruptura e superação do idealismo de Croce rumo ao marxismo, mormente nos momentos em que chega a Turim e encontra o movimento operário e posteriormente sua passagem pela Rússia e contato com Lênin.

2.1 Testemunha crítica da história

Gramsci nasceu em 1891 e morreu em 1937. Período de grandes transformações mundiais. Ascensão dos governos totalitários, em especial o Fascismo na Itália; a I Guerra Mundial; a Revolução Russa de 1917; a crise de 1929. Filho de uma Itália recém-unificada viveu o resultado mais pungente deste processo, a questão meridional, isto é, a grande fenda econômica, social e cultural que havia entre o Norte industrializado e o Sul predominantemente agrário e atrasado.

Hobsbawn (2011) nos fornece um desenho do cenário que o marxista italiano tinha pela frente e afirma que por tudo o que apresentava a Itália era uma espécie de laboratório de experiências políticas:

[...] (1) A Itália era, por assim dizer, um microcosmo do capitalismo mundial, na medida em que continha, em um só país, metrópoles e colônias, regiões avançadas e atrasadas. (2) O movimento operário italiano, antes de 1914, era tanto industrial quanto agrário, tanto proletário quanto camponês (3) caráter especial da história da

Itália como nação e sociedade burguesa (embora tenha sido pioneira na abertura de caminho para a civilização moderna não conseguiu manter suas realizações e findou numa revolução parcial, não conseguindo assim, a burguesia cumprir seu papel histórico de criar uma nação italiana (4) A Itália não era apenas um país católico, era a sede da Igreja. (HOBSBAWN, 2011, p. 288-289).

Todas as condições expostas acima eram potencializadas graças a um processo de unificação italiano encabeçado pelo Estado do Piemonte, cujo líder intelectual havia sido o primeiro ministro do Rei Victor Emanuele II, o Conde de Cavour, processo esse, que diferente da Revolução Francesa, não havia sido liderado pela sociedade civil.

Diante de um socialismo italiano eivado de positivismo, que naturalizava e justificava os conflitos entre Norte e Sul, Gramsci inicia sua trajetória filosófica como neo-idealista – corrente mais avançada da época – que não compartilhavam da assertiva positivista do socialismo italiano quanto à naturalização da questão meridional, entretanto também não a problematizava.

Nesse cenário Gramsci travou uma intensa luta contra as influências positivistas no pensamento marxista, especialmente aqueles decorrentes da II Internacional¹¹, assumindo como missão um combate contra

[...] a intrusão positivista e neokantista na cultura do movimento operário, do qual o debate sobre o revisionismo foi um exemplo forte, subsumiu a classe operária à hegemonia burguesa, sob a forma de reformismo. (DEL ROIO, 2005, p. 19).

Juntamente com o filósofo húngaro György Lukács, Gramsci situa-se no momento de refundação do autêntico marxismo.

A refundação comunista do século XX, teórica e prática, particularmente com Lenin e Rosa Luxemburgo, partiu do resgate da dialética materialista de Marx, da crítica do imperialismo capitalista, do papel do campesinato no processo revolucionário e da cisão com o reformismo. [...] Gramsci (assim como Lukács) faz parte da segunda fase da refundação comunista, cujas características são a derrota da revolução socialista internacional, o início da transição socialista da União Soviética, e isolamento e o enfrentamento da ofensiva do capital, sob a forma fascista. (idem, *Ibidem*).

Assiste a recusa e posterior entrada da Itália na I Guerra Mundial e todos os desdobramentos advindos deste fato. Participa do *Bienio Rosso* (1919-1920), período de

¹¹ Nesse sentido o estudo de Oldrini e Lowi são destaque na pesquisa acerca desses dois pensadores. O primeiro se aprofunda no esclarecimento de convergências entre Gramsci e Lukács quanto às deturpações do marxismo promovidas especialmente pela II Internacional. O segundo se aprofunda em temas como a ideologia nos dois pensadores.

efervescência da luta operária italiana. Presencia também a derrota da classe operária diante de um Partido Socialista que lhe abandonou a sua própria sorte.

Deste momento tira várias lições, não como analista de uma derrota, mas como nos lembra Semeraro (2006), como um mestre da dialética ele observa as contradições que emergem no seio da luta entre classes na Itália. Vê no PSI um partido dividido, mas é também na figura de um novo partido¹² que enxerga a possibilidade de educação e elevação cultural e política das classes subalternas.

[...] percebe-se o mestre consumado na arte da dialética, o educador experimentado capaz de levar gradualmente o leitor a enxergar a complexidade do real, a reconhecer a multiplicidade das suas partes, suas contradições fundamentais, seus nexos mais profundos e os caminhos para recomposição do mundo a um nível superior e mais avançado de compreensão e unidade. (SEMERARO, 2006, p. 21).

Retorna a história da unificação italiana, estuda a Revolução Russa¹³ e toda a luta dos operários grevistas no período do *biênio rosso* e entende que o proletariado precisa construir sua hegemonia com a ajuda de intelectuais que os eduquem e que sejam educados por eles também.

Da Sardenha para Turim, nasce um novo Gramsci, que passa a entender que a luta dos trabalhadores é mais ampla do que simplesmente lutar contra os continentais: vê agora como inimigo a ser vencido, o grande capital opressor.

Como militante do Partido Socialista Italiano e posteriormente no Partido Comunista d'Itália, participa do ativo discurso da III Internacional Comunista e da proposta da frente única¹⁴, que enxerga de maneira original.

Na prática política, Gramsci definiu sua posição, contrastando a investida de Bordiga e de Tasca. O primeiro favorável à formação de uma corrente de esquerda internacional que fosse contra a política de frente única, defendida pela IC, e também contra a fusão ou mesmo aliança com os socialistas; já o segundo, favorável à política da frente única que preconizava a aliança e a fusão com os socialistas. Gramsci, por sua vez, defendeu a manutenção dos laços com o grupo dirigente da IC, a incorporação do PCI de elementos da esquerda socialista, sendo favorável à política da frente única, mas não com os socialistas, pois tanto o PSI quanto a CG eram, para ele, instituições assimiladas ao Estado burguês. Entendia ainda que a fórmula da frente única deveria unificar a classe operária e selar uma aliança fundamental com o proletariado agrícola e o campesinato, para o que os intelectuais

¹² Lembramos que para Gramsci partido não se resume a uma legenda específica.

¹³ Apesar das poucas informações sobre a realidade da Revolução de Outubro Gramsci consegue perceber seu caráter revolucionário.

¹⁴ A Frente Única foi uma estratégia revolucionária indicada pela III Internacional na direção de construir o Estado Socialista que propunha que para o desenvolvimento do Partido Italiano deviam aglutinar novas forças e defender a posição unitária com relação aos socialistas e a criação de órgãos de oposição ao fascismo.

meridionalistas liberais deveriam contribuir decididamente. (DEL ROIO, 2006, p. 319-320).

Em Moscou, o militante comunista amadurece suas posições e observa com maior clareza a questão da luta de classes, da educação e emancipação das massas.

Mas é no cárcere, em meio a censuras e privações, escapando da sentença que lhe fora imposta – *devemos impedir esse cérebro de funcionar durante 20 anos*¹⁵ – que formula suas teses sobre diversas temáticas, que mesmo parecendo desconexas, se entrelaçam e se completam numa organicidade própria da dialética gramsciana, apontando para um único caminho, uma nova ordem, a sociabilidade comunista.

2.1.1 Um legado revolucionário

Estou tranquilo e sereno, moralmente estava preparado para tudo, tentarei superar até mesmo fisicamente as dificuldades que me esperam e permanecer equilibrado. (GRAMSCI, 2005a, p. 76).

O trecho acima faz parte de uma carta de Gramsci enviada à mãe poucos dias após sua prisão pelo regime fascista, em 1926. Embora preocupado com os possíveis danos que seu encarceramento pudesse repercutir na figura materna¹⁶, o então secretário do Partido Comunista da Itália esclarece que esse fato era inerente a escolhas políticas e ideológicas¹⁷.

Refutamos desde já a imagem pejorativa de Gramsci, que tende a relacionar a importância de sua obra com a medida de seus sofrimentos físicos e morais; ao contrário, para além destes, o que alcançamos da personalidade do sardo é a figura de um homem que aderiu a luta das classes subalternas como intelectual orgânico da mesma e tornou-se marxista não por ignorância, mas por extrema clareza de convicção, frente a realidade que vivia “[...] não quero ser mártir, nem herói. Acredito ser simplesmente um homem médio, que tem suas convicções profundas e não as troca por nada no mundo¹⁸” (idem, *Ibidem*, p. 190).

¹⁵ O promotor Michele Isgro em suas alegações finais de 2 de junho, é quem teria pronunciado a célebre frase.

¹⁶ O pai de Antonio, Francesco Gramsci foi preso por cinco anos, pela acusação de peculato e corrupção.

¹⁷ Em outra carta à mãe, em 1927, Gramsci pediu que explicassem a sobrinha Edmea que tanto o exílio do pai da menina, Gennaro – irmão mais velho de Gramsci – quanto a prisão do tio tinham razão política: “devem lhe explicar que seu pai hoje não pode voltar do exterior, e isto se deve ao fato que Nannaro, tal como eu, e muitos outros, pensamos que as muitas Edmeas que vivem neste mundo deveriam ter uma infância melhor do que a que tivemos e ela mesma tem” (id, *Ibid*, p. 121).

¹⁸ Carta enviada ao irmão Carlo em 12 de setembro de 1927.

Adentrar ao pensamento de Antonio Gramsci significa adentrar a história de luta da classe trabalhadora por sua emancipação. Na esteira de Marx, o italiano percorre o caminho teórico e político rumo a uma superação do capital e assume todas as consequências dessa escolha.

Nessa jornada teórica passa pelo neo-idealismo, que tem como expoente italiano Benedetto Croce¹⁹, na tentativa de enfrentar com o sardismo²⁰ a “questão meridional”²¹ na Itália, resultado de um processo tardio de unificação, encabeçado pelo “Estado Piemontês”, com o financiamento da burguesia do Norte e dos grandes agricultores do Sul.

Conheceu ainda o socialismo meridionalista²² de Salvemini²³ e o anarquismo de Sorel²⁴. Ao chegar a Turim, em 1911, a cidade mais vermelha da Itália, um novo cenário lhe saltou aos olhos, a exploração de classes não se restringia ao Sul e as massas camponesas, mas atingia também as massas operárias do Norte.

O grande inimigo a ser combatido toma nova forma: não é mais o Norte – metrópole exploradora do pobre Sul – mas o grande capital que subjuga “toda” a classe subalterna. Essa percepção se dá pela sua aproximação com a classe operária de Turim.

Em Torino, Gramsci encontra o Partido Socialista Italiano eivado de positivismo e numa profunda crise de orientação, dirigido por Filippo Turatti. Frente ao imobilismo do PSI no tocante a formação da classe operária, despontam as primeiras tentativas de formação cultural e moral para os trabalhadores, traduzidas, em dezembro de 1917, na proposta de

¹⁹ Benedetto Croce (1866-1952): filósofo, político liberal-conservador, exerceu grande influência na cultura italiana do Novecento. Como filósofo, aproximou-se do hegelianismo pela influência de Labriola. Seu sistema neo-idealista reinterpreta Hegel e dialoga com as obras de Marx; seus escritos principais: *Breviário di Estetica* (1913), *Filosofia dello Spirito* (1902-1917), *Cultura e Vita Morale* (1914), além, de numerosas obras historiográficas, entre elas a *Storia d'Italia* de 1871 a 1915. Como político foi Senador (1910), na ascensão do fascismo manteve-se vacilante; mais tarde, posicionou-se contra o regime fascista.

²⁰ O sardismo de esquerda explicava o atraso da ilha como produto da sua exploração nacional pela Itália continental.

²¹ Contraste socioeconômico e político entre os dois troncos que formam a península italiana, meridional (Sul) e setentrional (Norte).

²² Corrente meridionalista representada por intelectuais liberal-conservadores que tentavam explicitar e resolver o problema do Sul a partir de premissas éticas, procurando combinar a ação do Estado na realização de algumas reformas que melhorassem as condições sociais do campesinato (Schlesener, 1992).

²³ Gaetano Salvemini (1873-1957). Historiador e político, docente universitário em Messina, Pisa e depois Florença, participou do Partido Socialista até 1911, quando passou a tomar parte do semanário *L'Unità*; eleito deputado em 1919, foi forte opositor de Mussolini; detido em 1925, logo que libertado, partiu para o exílio na França e depois na Inglaterra, retornando a Itália em 1947 (Id, *Ibid*, p.72).

²⁴ Georges Eugène Sorel (1847-1922) foi notado, sobretudo como teórico francês do “sindicalismo revolucionário”. Produziu uma teoria que apresentou pontos de confluência com a II Internacional e dedicou-se a escrever uma solução “a via parlamentar” para o socialismo, defendendo então o “mito” da greve geral. Oliveira (2008), em sua tese de doutorado assinala a influência do pensamento de Sorel nas primeiras formulações de Gramsci e seu posterior afastamento desse teórico.

fundação de uma Associação de Cultura. A questão educacional terá espaço significativo na militância política e intelectual, isso porque

As classes subordinadas precisavam se libertar da sua dependência dos intelectuais burgueses, de modo, que pudessem desenvolver e disseminar a sua própria cultura (ou, como Gramsci frequentemente preferia dizer, elaborar sua própria concepção de mundo e de vida). Isto implicava, entre outras coisas, romper com as abordagens superadas da educação e se afastar das correntes filosóficas dominantes da época. A batalha conduzida por Gramsci durante toda a vida contra o positivismo (que permeava tanto o pensamento socialista quanto a cultura em geral, se é que não permeava mais o primeiro) decorria da sua firme crença de que o positivismo reforçava uma visão de mundo fatalista, uma atitude passiva que impedia as classes subalternas de abraçarem a noção de que podiam ser agentes de transformação da história. (BUTTIEG, 2003, p. 43).

É no coração industrial do Norte italiano, observando a contraditória relação social de produção, que consegue compreender a assertiva de Marx acerca do papel de sujeito histórico do proletariado, rumo a uma nova sociabilidade.

[...] não existe na Itália a possibilidade de uma revolução que não seja a revolução socialista. Nos países capitalistas, a única classe que pode realizar uma transformação social real e profunda é a classe operária. Somente a classe operária é capaz de pôr em prática as mudanças de caráter econômico e político necessárias para que as energias de nosso país tenham liberdade e possibilidade de um complexo desenvolvimento. (GRAMSCI, 2004b, p. 322).

Do jovem expectador neo-idealista meridional, que acreditava ser suficiente a mudança das consciências por meio do convencimento para garantir a revolução, nasce o militante político que entende sua função como demiurgo de um novo momento histórico.

Essa catarse leva o universitário turinês a uma preocupação ainda maior com a formação dos quadros do partido e da massa operária (tentativa de elevar os operários a dirigentes). Nesse sentido, em 1919, funda juntamente com outros companheiros de partido, o *L'Ordine Nuovo*, semanário socialista que busca preencher a lacuna deixada pelo PSI. Entretanto, após uma virada editorial na publicação de número 7²⁵, o semanário toma como objetivo a transformação das comissões internas em conselhos de fábrica, com base no modelo dos *soviets* russos.

Depois do fracasso do movimento operário e consequente extinção dos Conselhos de Fábrica no *Bienio Rosso (1919-1920)*, vários questionamentos se levantam diante do militante socialista e este percebe que a situação do estado italiano (Ocidente) guarda

²⁵ A virada a qual Gramsci se refere, trata-se da mudança ideológica-política do semanário que iniciou como uma resenha de cultura socialista e passou a ter como objetivo a composição e organização dos Conselhos de Fábrica.

significativas diferenças com a formação do estado soviético (Oriente). Isso o leva a uma busca de entender as razões da derrota da classe operária a fim de construir a via italiana para a transição socialista.

Nesse percurso se debruça sobre a história de luta das classes subalternas²⁶, remetendo-o ao processo de *Risorgimento* Italiano, no qual busca as origens históricas do desenvolvimento desigual e descontínuo da sociedade italiana.

Estudo esse que no cárcere lhe servirá de base para a ampliação de importantes conceitos, como o transformismo, revolução passiva, hegemonia e a própria teoria dos intelectuais.

No rico contexto histórico de Gramsci temos ainda sua experiência com os debates da Internacional Comunista, final da II e fundação da III Internacional. Na última participará ativamente, tendo oportunidade de conhecer mais de perto as formulações de Lênin²⁷, encontro que o auxiliará no amadurecimento de suas posições.

Gramsci pode ser considerado, como bem analisa Monal (2003) um clássico do pensamento político – no entendimento de que um autor pode ser considerado um clássico quando é capaz de falar ao mesmo tempo para o seu tempo e para além dele, para o futuro – “uma dupla dimensão de difícil articulação” (p. 189). Sendo ele, como continua a autora, um clássico de tipo especial, um clássico revolucionário, “seu empenho e sua contribuição se dão plenamente no âmbito do marxismo e da luta política e ideológica pela transformação revolucionária” (idem, ibidem).

Nega as motivações biológicas que naturalizam a exploração e entende toda a lógica de desagregação da classe trabalhadora (camponeses e operários), manobra de manipulação auxiliada por uma concepção de mundo divulgada por intelectuais orgânicos da burguesia italiana.

Analisa ainda a relação entre educação e hegemonia, fazendo desde a juventude a crítica de um sistema escolar dualista, passando pela necessidade de auto-educação das massas na experiência do L'Ordine Nuovo e a proposta de sua maturidade política e ideológica, a escola unitária, entendida como modelo de educação que atende à uma formação humana omnilateral.

²⁶ À exemplo do *Risorgimento* italiano, estuda também a Revolução Francesa, a Comuna de Paris, a Revolução Russa, buscando em todos apreender as especificidades da luta dos subalternos.

²⁷ Na época do L'Ordine Nuovo foram publicados alguns trechos da obra de Lênin.

Buscando uma melhor compreensão da construção de seu pensamento, e o lugar dos intelectuais orgânicos nesse processo, é preciso que retomemos algumas questões que nos permitam apreender a totalidade das elaborações do escritor dos Cadernos do Cárcere.

É ponto pacífico entre vários estudiosos gramscianos que uma das dificuldades nesse caminho é o estranhamento com a cultura italiana, isto é, o conhecimento superficial da história desse país torna-se um entrave no estudo da teoria de Gramsci, visto que

[...] compreender o texto gramsciano supõe, portanto, conhecer a história italiana, a relação entre economia, política e cultura no processo de desenvolvimento do capitalismo e as características específicas deste modo de produção na fase imperialista, que se traduz na política fascista. (SCHLESENER, 1992, p. 11).

Diante desse panorama entendemos a necessidade de seguirmos o conselho do rigoroso pesquisador italiano:

Se se quer estudar o nascimento de uma concepção de mundo que não foi nunca exposta sistematicamente por seu fundador (e cuja coerência essencial se deva buscar não em cada escrito particular ou série de escritos, mas em todo o desenvolvimento do variado trabalho intelectual em que os elementos da concepção estão implícitos), é preciso fazer preliminarmente um trabalho filológico minucioso e conduzido com escrúpulos máximos de exatidão, de honestidade científica, de lealdade intelectual, de ausência de qualquer tipo de apriorismo ou posição preconcebida. É preciso antes de mais nada reconstruir o processo de desenvolvimento intelectual do pensador dado para identificar os elementos que se tornaram estáveis e “permanentes”, ou seja, que foram assumidos como pensamento próprio, diferente e superior ao “material” anteriormente estudado e que só serviu de estímulo; só estes elementos são momentos essenciais processo de desenvolvimento. (GRAMSCI, 2011d, p. 18-19).

Evitamos assim aceções fragmentadas que nos induzam a uma visão parcial e consequentes distorções, já tantas vezes realizadas, na leitura da obra do comunista italiano, como nos lembra Coggiola:

De Gramsci, torna-se aquilo que se quer. Faz-se dele, então, “o mais importante teórico político marxista do século XX”, o criador de uma “nova ciência política”, um inovador que “revelou a riqueza de determinações pertinentes à sociedade civil no Ocidente burguês [...] que proclamou o fim do reducionismo de classe, para ficarmos em exemplos recentes, produzidos todos por autores com posições político-ideológicas muito diversas. (1996, p. 97).

Não obstante primarmos pela tentativa de apreensão do edifício categorial de Antonio Gramsci, assinalamos que devido à restrição imposta pelo tempo determinado dessa pesquisa e a vasta obra do autor italiano, algumas categorias não serão tomadas em sua profundidade nesse momento, mesmo porque parafraseando Gramsci, consideramos essa

pesquisa em nossa formação docente como um projeto *für ewig*, da qual nos debruçaremos durante toda nossa vida²⁸.

2.2 Da pequena Sardenha à complexa Moscou

[...] eu pensava que precisava lutar pela independência nacional da região: ao mar os continentais! Quantas vezes repeti essas palavras. Depois conheci a classe operária de uma cidade industrial e compreendi o que realmente significavam as coisas de Marx, que havia lido antes por curiosidade intelectual. Me apaixonei assim pela vida, pela luta, pela classe operária. (GRAMSCI *apud* NOSELLA, 2010, p.36).

A pequena ilha da Sardenha, na qual Gramsci nasceu – localizada ao Sul da Itália – era considerada uma das regiões mais atrasadas do país, isso devido a chamada “Questão Meridional”, que era agravada por medidas protecionistas²⁹ em relação ao Norte, que vigoravam no país como herança deixada pelo processo de unificação italiana.

Essa contradição interna era legitimada por um uma incrustação positivista no pensamento socialista da época.

[...] na Itália, o positivismo se impõe e se difunde sobretudo depois da unificação, aproximadamente entre 1870 e 1900, dando seus melhores frutos na reflexão sobre criminologia (Lombroso), na pedagogia (Gabelli e Angiulli), na historiografia (Villari) e na medicina (Tommasi e Muri). A figura de maior relevo no positivismo italiano foi Roberto Ardigó. O pensador positivista estrangeiro que teve maior repercussão na Itália foi Herbert Spencer. Contrários ao espiritualismo dos filósofos anteriores (Rosmini, Gioberti) e avessos ao idealismo difundido na Itália meridional, os positivistas italianos afirmavam a necessidade de relacionar a filosofia com o desenvolvimento das teorias científicas, assumiram atitude crítica em relação às metafísicas da transcendência e do espírito e renovaram os estudos antropológicos, jurídicos e sociológicos. (REALI e ANTISERI, 1991, p. 338).

²⁸ Aqui não nos referimos ao atual pressuposto coadunado aos ideias neoliberais e pós-modernos de aprendizagem continuada ao longo da vida como ilustração de uma educação meramente instrumental.

²⁹ Em fins do século XIX, a Sardenha era uma região de economia rural e agrária atrasada, mesmo em relação à atrasada Itália. Apenas em 1835, superou-se o regime latifundiário de natureza semifeudal, consolidado durante a ocupação espanhola. A nova estrutura da posse de terra não desenvolveu a produção agrícola, artesanal, manufatureira e industrial. A produção sarda era dominada por agricultura rústica, vergada pelos impostos, realizada em minúsculas propriedades. A Sardenha exportava sobretudo, seus produtos agrícolas para a França. Após a unificação, em 1889, o aumento das barreiras alfandegárias nacionais, imposto pelos interesses industriais do Norte italiano, levou ao rompimento dos tratados comerciais com aquele país, aprofundando a depressão da agricultura sarda. Desde 1896, os principais bancos sardos fecharam as portas, aumentando a crise da economia regional (MAESTRI e CANDREVA, 2007, p. 14).

Exacerbadamente cientificista, tal corrente defendia a tese de que o “Sul era a bola de chumbo que pesava sobre o norte” (GRAMSCI, 2004b, p. 409) atribuindo à natureza biológica³⁰ do homem meridional a responsabilidade pelo atraso da região.

Gramsci se ocupou desta questão durante toda a sua vida, desnudando os reais motivos do atraso do *Mezzogiorno* em seus escritos jornalísticos e políticos “a burguesia setentrional subjogou a Itália meridional e as ilhas, reduzindo-as a colônias de exploração” (GRAMSCI, 2004a, p. 406). Em 1926 escreveu um denso ensaio inacabado³¹ sobre esse tema. Inacabado, pois neste mesmo ano foi preso pelo governo fascista.

Neste ensaio o marxista italiano ainda exemplifica o papel dos intelectuais, como comissários das superestruturas, como é o caso dos intelectuais ligados ao clero e dos intelectuais meridionais. A estes últimos cabe, além da tarefa de manutenção da relação de dominação entre camponês e proprietário rural, evitar “que as fissuras no bloco agrário se tornassem demasiado perigosas e causassem rupturas” (idem, ibidem, p. 430); a garantia de afastamento entre camponeses do sul e operários do norte, justificando-as como classes antagônicas que corroboram para o atraso uma da outra, e incentivando o sardismo.

A questão meridional foi determinante para a formação do jovem sardo nesses vinte anos que morou na ilha. Isso porque embora pertencesse a uma família de classe média, quando tinha seis anos seu pai foi preso acusado de corrupção, fato que levou a família a uma situação de privação financeira, na qual as consequências do atraso da península eram sentidas mais intensamente.

Aqui fazemos uma pequena digressão para exemplificarmos a constância das raízes meridionais de Gramsci. Lembramos que, em 1925, eleito deputado, compareceu ao Montecitorio, sede do parlamento italiano, pela primeira e última vez³². Embora tendo sido eleito no dia 06 de abril do mesmo ano, Gramsci, juntamente com os deputados anti-fascistas haviam decidido abandonar³³ o parlamento após o caso Matteoti.³⁴

³⁰ Em 1891 pesquisadores do Norte foram a ilha realizar testes nos cérebros de sardenhos para constatar sua inferioridade biológica. Para “desapontamento” dos cientistas os testes deram negativo.

³¹ Notas sobre o problema meridional e sobre a atitude diante dele dos comunistas, dos socialistas e dos democratas.

³² Esse discurso pronunciado em 16 de maio de 1925 na Câmara dos Deputados, foi publicado no jornal L'Unità, em 28 de maio do mesmo ano.

³³ Esse movimento ficou conhecido com o nome de Aventino em alusão ao monte de mesmo nome, no qual a plebe romana se teria reunido em 494 a.C., para protestar contra a política opressiva do patriciado romano.

³⁴ No dia 10 de junho de 1924, o deputado Giacomo Matteoti, do Partido Socialista Unitário, foi sequestrado e assassinado por militantes fascistas, posteriormente Mussolini assumiu o crime.

A motivação para sua ida a Câmara dos deputados naquele dia era um projeto de lei enviado pelo governo, que supostamente visava atingir a maçonaria, mas como nos revela Fiori (1979) tinha fins mais genéricos, isto é, disciplinar a atividade das associações, entidades e institutos, e a participação neles de funcionários públicos. Já no início de seu discurso, o político comunista denunciava o verdadeiro objetivo do projeto de lei:

O projeto de lei contra as sociedades secretas foi apresentado à Câmara como um projeto de lei contra a maçonaria, mas se trata do primeiro ato efetivo do fascismo para pôr em prática aquilo que o Partido Fascista chama de revolução (GRAMSCI, 2004b, p. 299).

Após uma tumultuada tentativa de pronunciamento – isso porque o então deputado comunista era constantemente interrompido pela bancada fascista, composta por deputados como Rossoni e o próprio Benito Mussolini – o sardo afirmava que o fascismo tinha a mesma atitude dos funcionários giolittianos³⁵ no *Mezzogiorno*, que prendiam os eleitores de oposição com a desculpa de que queria apenas conhecê-los. Após essa última declaração uma voz surgiu na câmara: eram casos isolados. O senhor não conhece o sul. “Sou um meridional”, imediatamente Gramsci respondeu. Lajolo (1982) nos informa que da origem meridional de Gramsci, apenas os amigos mais próximos do continente tinham acesso.

O pai de Gramsci, Francesco Gramsci era um homem tipicamente continental³⁶, “Ciccilo”, com 21 anos, cursava a Faculdade de Direito quando seu pai morreu, sendo obrigado a abandonar os estudos e viajar para a Sardenha a fim de assumir, após um concurso, a direção do Registro de Imóveis de Ghilarza.

Foi em Ghilarza que conheceu a jovem Giuseppina³⁷ Marcias, com quem se casou em 1883. Nesta mesma cidade nasceu o primeiro filho dos Gramsci Marcias: Gennaro, nome dado em homenagem ao avô paterno. Em seguida Ciccilo foi transferido para Ales, “acanhado centro urbano, cercado de serros, na encosta oriental do monte Arci, a pouco menos de 50

³⁵ Giovanni Giolitti (1842-1928). Político, deputado liberal, Primeiro-ministro em mais de uma ocasião; tomou medidas que favoreciam o desenvolvimento econômico industrial e a consolidação da hegemonia setentrional; com a ascensão do fascismo foi afastado do poder, passando a fazer oposição após o delito Matteotti.

³⁶ Alto, loiro e de olhos azuis, nascido em 1860, vinha de uma família de origem albanesa, espanhola e peninsular. Seu pai, Gennaro fora oficial das forças armadas borbônicas; após a unificação italiana tornara-se coronel do corpo dos carabineiros, casado com Teresa Gonzáles, filha de um advogado napolitano de origem espanhola.

³⁷ Peppina era alta para o padrão sardo da época, que devido a desnutrição registrava baixa estatura entre os seus habitantes. Outra característica que distinguia a mãe de Gramsci das demais jovens da época era o grande gosto pela leitura, aliás, o simples fato de ser mulher e saber ler e escrever já se constituía num grande diferencial (FIORI, 1979).

quilômetros da cidade costeira de Oristano, coração urbano do centro-oeste da Sardenha” (MAESTRI e CANDREVA, 2007, p. 19).

É em Ales que nasce Antonio Gramsci, em 22 de janeiro de 1891. Nino³⁸, era o quarto de uma família de sete filhos: Gennaro (1884), Grazietta (1887), Emma (1889), Antonio (1891), Mario (1893), Teresina (1895) e Carlo (1897). Em 1893 Francesco foi transferido novamente para Sörgono.

Quercioli (2007) nos informa que após os 18 meses, Nino começou a desenvolver algumas enfermidades como um caroço nas costas e frequentes indisposições. Tais sintomas seriam decorrentes do Mal de Pott, tuberculose óssea que lhe deformou a coluna vertebral. Aos quatro anos, após uma hemorragia que o faz perder sangue por três dias acompanhada de convulsões, sua família chegou a lhe preparar um pequeno caixão e uma roupinha especial para o sepultamento³⁹.

Mas a enfermidade de Gramsci lhe acompanhará por toda a vida, sendo diagnosticada no cárcere pelo médico Umberto Arcangeli⁴⁰. Embora as limitações físicas dificultassem a vida de Nino, a primeira grande mudança na vida do sardo ocorreu quando seu pai foi preso acusado de desfalque e corrupção⁴¹. Esse fato terá desdobramentos principalmente em sua trajetória escolar.

³⁸ Nino era um menino bonito de cabelos encaracolados e claros e de olhos azuis.

³⁹ Com relação a causa da doença de Nino, Lepre (2001) relata que com intenção de preservação do filho dos preconceitos da aldeia, Peppina teria criado a hipótese de que a enfermidade era decorrente de uma possível queda dele ainda bebê dos braços de uma babá, chegando a relatar a confissão da mesma. Isso acontecia por que “Em certos ambientes populares, uma doença que não fosse proveniente de causa externa, acidente ou contágio, mas congênita, era uma marca, uma vergonha a ocultar [...]” (p.10).

⁴⁰ Relatório emitido em 20 de março de 1923, “Antonio Gramsci sofre de mal de Pott. Tem lesões tuberculares no lóbulo superior do pulmão direito, que provocaram duas hemoptises, uma delas com quantidade notável de sangue. [...]” (FIORI, 1979, p. 344).

⁴¹ Tudo começou com as eleições políticas de 1897. No colégio eleitoral de Isili, que fazia parte de Sörgono, onde naquela época o pai de Gramsci era gerente do cartório, deviam concorrer as eleições de 1897, numa luta acirrada, Francesco Cocco Ortu e Enrico Carboni Boy. O primeiro candidato, experiente político, que iniciara sua carreira aos 21 anos, já havia sido sub-secretário do Estado em duas pastas, da Agricultura e depois da Justiça; era homem influente do governo, enquanto que o segundo era um jovem, da aldeia de Nuragus, que contava com imensa popularidade em sua aldeia e nos centros-chave como Tonara e Sörgono. Ao final da eleição Cocco Ortu foi reeleito, e empreendeu uma ofensiva contra aqueles que haviam apoiado seu concorrente. Dentre esses estava Francesco Gramsci. Tendo o irmão de Ciccilo, Nicolino, de 42 anos, falecido no dia 17 de dezembro de 1897, em Orzieri, Francesco viajou para tomar parte no funeral do irmão e resolver a situação de Gennaro, seu filho mais velho, que na época morava com o tio, para continuar os estudos. Aproveitando a ausência de Francesco no cartório, Cocco Ortu solicitou aos que o apoiaram que fosse feita uma investigação secreta sobre as atividades de Francesco no cartório. Esta concluiu com um processo por peculato. Ao retornar de Ozieri, Francesco foi afastado sem direito a salário. Voltou com sua família para Ghilarza esperando o final de seu processo. No dia 09 de agosto de 1899 os carabineiros vieram prendê-lo sob as acusações de peculato, concussão e adulteração de declarações. No dia 27 de outubro de 1900 o Tribunal Criminal emitiu sua sentença de condenação por “leve dano e valor”, cinco anos, oito meses e 22 dias na prisão.

Com a prisão e posterior condenação do pai, a situação financeira dos Gramsci Marcias se tornou muito difícil⁴². A mãe com 37 anos enfrentou a situação com grande firmeza. Desfez-se de uma parte da terra herdada dos pais, cujo dinheiro servia além da alimentação dos filhos, como fundo para pagar os advogados. Trabalhava e dava ainda pensão a um veterinário, o doutor Vittore Nessi⁴³.

A postura da mãe durante este período deixará marcas indeléveis na mente de Nino, que no cárcere lembrará várias vezes a atitude materna de cuidado com os filhos, dentre elas numa carta a irmã Grazietta:

[...] se pensar bem, ela merece muito mais do que paciência, porque trabalhou para nós a vida toda, sacrificando-se de modo extraordinário; se fosse outro tipo de mulher, sabe-se lá o fim desastroso que todos teríamos tido quando crianças; talvez nenhum de nós hoje estivesse vivo [...] (GRAMSCI, 2005a, p. 466).

Embora Giuseppina contasse aos demais filhos que Francesco estava em Gaeta visitando a avó Teresa Gonzáles, a mentira não pode ser sustentada por muito tempo e Nino descobriu da pior maneira possível⁴⁴, “através de fuxicos dos vizinhos” (LAJOLO, 1982, p. 18).

Em 1900 Gennaro foi o primeiro a contribuir com o baixo orçamento familiar, trabalhando no cartório local. Nesta época Nino frequentava a escola primária de Ghilarza⁴⁵; suas notas no primeiro ano oscilavam entre nove e dez. Devido a origem e à atividade de seu pai, era um dos poucos alunos que conhecia o italiano, língua obrigatória para prosseguir nos estudos, de fato, o sistema no qual estudava era muito atrasado.

Devido às dificuldades financeiras, Gramsci abandonou os estudos⁴⁶ e foi trabalhar no Registro de Imóveis de Ghilarza para ajudar a família:

⁴² Diante da situação, Peppina contou apenas para o filho mais velho – Gennaro – sobre o real destino do pai. Negando-se inclusive a informar a situação aos sogros: Lajolo (1982) informa que para não tentar transparecer sua humilhação, continua a enviar regularmente notícias à família do marido, sem fazer a menor referência à tragédia que está vivendo.

⁴³ O pensionista é mencionado por Gramsci em carta à mãe em 25 de abril de 1927.

⁴⁴ Quando o primeiro filho de Antonio, Delio, completou sete anos, este episódio voltou a memória de Antonio. Ocorria que Giulia, companheira de Gramsci, assim como a senhora Peppina, escondia do filho Delio a prisão do pai. O marxista italiano insistia para que o filho soubesse da verdade pela mãe e entendesse que o pai estava preso por acreditar que ele e todas as outras crianças do mundo mereciam um mundo diferente daquele no qual eles viviam.

⁴⁵ Devido a sua saúde precária a mãe o enviara a escola apenas com sete anos e meio para que ele não se cansasse.

⁴⁶ Nessa época na Itália, de um modo geral, sobretudo nas famílias camponesas e operárias, era comum que as crianças comessem a trabalhar muito cedo, muitas vezes aos seis anos. Entretanto esse hábito era desconhecido nas famílias de classe média, o que causava profunda revolta em Nino, que via que os alunos menos preparados que ele continuavam seus estudos por serem filhos de ricos. Em Ghilarza, os ricos eram os filhos do açougueiro, do farmacêutico e do comerciante de tecidos. (LAJOLO, 1982).

Cuidei de mim desde criança. Comecei a trabalhar aos 11 anos, ganhando nove liras por mês (isto correspondia a um quilo de pão por dia) por dez horas diárias de trabalho, inclusive na manhã de domingo que eu passava mexendo em livros de registros que pesavam mais do que eu. (GRAMSCI *apud* FIORI, 1979, p. 33).

Em 31 de janeiro de 1904, Francesco Gramsci teve a pena reduzida em três meses e finalmente foi solto. Fora da prisão teve uma demorada reabilitação⁴⁷ no serviço público. Em 1905, mesmo com a renda ainda muito escassa, Francesco e Peppina decidem fazer novos sacrifícios e enviar Nino ao precário ginásio municipal da vizinha Santulussurgiu⁴⁸, a aproximadamente 18 km de Ghilarza, para dar continuidade a seus estudos. Para Nino, o prosseguimento nos estudos significava a possibilidade de conseguir um emprego que não necessitasse do esforço físico.

Em Santulussurgiu Gramsci instalado como pensionista na casa de uma família camponesa continuava a enfrentar dificuldades que se refletiam em sua vida escolar; a distância da família, a falta de recursos financeiros e o agravamento de suas enfermidades pela má alimentação⁴⁹. Nesta mesma época, nos fins de semana que retorna para casa é constantemente repreendido pelo pai, que via alguns folhetos subversivos nas mãos do filho⁵⁰.

A atitude de Ciccilo também era motivada pela experiência dos anos que havia passado na prisão devido ao jogo político e não queria ver seus filhos envolvidos nesta seara, afinal “[...] naquela época, expor ideias socialistas significava ser imediatamente fichado na política” (FIORI, 1979, p. 52).

⁴⁷ Nesse ínterim trabalhou num clube de leitura, na secretaria de uma cooperativa recém-constituída que cuidava do seguro do gado bovino. Isso graças a simpatia da comunidade local, que “geralmente não perdoavam a quem caía em desgraça, mas no caso de Francesco Gramsci temiam cometer uma injustiça” (FIORI, 1979, p. 47). Assim foi reabilitado e trabalhou inclusive como advogado de defesa, graças a seus anos na universidade de direito. Posteriormente voltou a trabalhar no cadastro local.

⁴⁸ Tratava-se de um ginásio muito pobre, havia apenas três professores que deveriam dar conta de lecionar todas as matérias nas cinco séries. Antes da chegada de Gramsci constavam no ginásio dois professores que sequer possuíam habilitação, tendo sido dado um prazo de dois anos para a regularização dos mesmos. Ao fim do prazo a situação não foi regularizada, abrindo-se então concurso para novos professores. O concurso foi realizado, mas não teve participação de bons professores, e os melhores colocados acabaram desistindo do cargo. Ao fazer referências a esse período, Nino lembrava que “Deste criança tive vocação para as ciências exatas e para a matemática. Perdi o entusiasmo durante o ginásio porque tive péssimos professores.” (id, *ibid*, p. 49).

⁴⁹ Ao chegar em casa ocasionalmente era repreendido pela mãe que tomava conhecimento das vezes que Antonio vendia seus mantimentos as pessoas do vilarejo, o que a deixava preocupada com o agravamento de suas condições de saúde.

⁵⁰ Os folhetos eram enviados pelo irmão Gennaro, que prestava serviço militar em Turim e desde a época que trabalhava no cadastro, tomara conhecimento e simpatizava com as ideias socialistas, trazidas pelos jovens técnicos que vinham das cidades mais adiantadas.

No verão de 1908 Antonio foi para Oristano concluir o ginásio; não esperava resultados satisfatórios após os anos de aulas particulares, durante a pausa nos estudos em Ghilarza e o precário estudo no ginásio de Santulussurgiu.

Dedicou-se com afinco ao estudo de história, indo além dos livros escolares. Sobre esse fato escreverá mais tarde ao filho Délio:

[...] penso que você gosta de história, como eu gostava na sua idade porque ela trata de homens vivos, homens do mundo inteiro que se reúnem em comunidade, trabalham e lutam para melhorar suas condições e tudo que se refere a esses homens não pode deixar de lhe agradar mais do qualquer outra coisa (GRAMSCI, 2005b, p. 429).

Com quase 18 anos Gramsci foi frequentar o curso colegial no Liceu Dettori, na cidade de Cagliari, onde já morava seu irmão Gennaro⁵¹. Os dois alugaram um quarto e mantinham-se com o salário de Nannaro – cem liras – que lhes obrigava a uma vida bastante restrita.

Na cidade eram publicados três jornais diários: *L'Unione Sarda*, que apoiava o deputado Cocco Ortu; *Il Paese*, tendendo ao radicalismo e o *Corriere dell'isola*, que seguia uma Linha clerical. Havia também alguns periódicos, dentre eles o *La Voce del Popolo*, de inclinação socialista.

Um colega de estudos desse tempo, Renato Figári, lembra da figura do estudante do Liceu:

[...] vestia sempre as mesmas roupas, as calças estreitas e curtas e uma jaqueta muito apertada. Nos dias frios vinha para a escola com um cachecol de lã dentro da jaqueta. Não tinha livros, ou pelo menos, não tinha todos os exigidos. Mas prestava muita atenção às aulas e possuía, além de uma grande inteligência, uma memória excelente que o ajudava sempre (FIORI, 1979, p. 66).

É em Cagliari que o jovem estudante sardo conhece, no início do primeiro trimestre do segundo ano colegial, o professor de italiano Raffa Garzia⁵² que posteriormente

⁵¹ Os pais haviam pedido a Gennaro que solicitasse transferência do cadastro de Ghilarza para o de Cagliari, a fim de que Antonio pudesse morar com ele. Instalado na cidade a um mês Gennaro encontrou uma oportunidade de emprego melhor do que no cadastro, foi trabalhar como contador da fábrica de gelo dos irmãos Marzullo. (FIORI, 1979, p. 65).

⁵² Garzia era também o diretor do jornal mais lido na ilha, *L'Unione Sarda*. Tinha ainda um perfil anticlerical intransigente e radical, e mesmo sem se intitular socialista, não hesitava em divulgar suas iniciativas no jornal. Passou a emprestar a seu novo jovem discípulo livros escolares e não escolares. Os escritos de Gramsci agora eram lidos em sala de aula como ensaios, “não só de estilo, mas também de clareza intelectual” (FIORI, 1979, p. 71).

se tornará seu amigo e mestre. O professor era inclemente com os alunos preguiçosos e não tolerava baixos rendimentos.

O jovem estudante era um ávido leitor. Como passava as noites trancado no quarto, lia de tudo. Além dos livros emprestados pelo mestre, dispunha no pequeno quarto de todo o material propagandista socialista que o irmão Gennaro, eleito caixa da Câmara do Trabalho e posteriormente secretário da seção socialista em Cagliari, trazia.

Nesse momento Gramsci passa a se aproximar das leituras de Marx, mais por curiosidade intelectual do que por opção política. Nesse mesmo período escreve seu primeiro ensaio jornalístico, trata-se do artigo Oprimidos e Opressores⁵³, no qual aborda o tema dos povos oprimidos pelo colonialismo. Nele notamos o despertar das ideias socialistas e o estilo inteligente e irônico do futuro jornalista, “mas não digam aos italianos que os austríacos vieram nos trazer a civilização, até as colunas de mármore protestariam [...] as guerras foram feitas para o comércio não para a civilização” (GRAMSCI, 2004a, p. 44).

Encerrando o colegial, com ótimas notas, Gramsci sabia que a família não teria condições de lhe manter numa universidade. A única possibilidade de continuar seus estudos seria obter uma das raras bolsa de estudos concedidas aos alunos pobres do antigo reino da Sardenha. A oportunidade apareceu através do concurso de bolsas⁵⁴ concedidas pelo Colégio Carlo Alberto; seriam 70 liras mensais durante 10 meses para continuar os estudos na Universidade de Turim. No ano de 1911, a Fundação Albertina concederia 39 bolsas.

Quando estava em Cagliari, muitas vezes Gramsci fazia uma única refeição; isso agora se refletia em seu péssimo estado de saúde e conseqüente dificuldade na preparação para os exames em Turim. Dando-se conta da situação precária de Nino, o tio Serafino Delogu, um farmacêutico que morava em Oristano, convidou-o para dar aulas particulares⁵⁵ ao seu filho, que se chamava Delio.

⁵³ Texto escolar escrito mediante solicitação do professor Vittorio Amedeo que substituíra o professor Garzia por ocasião de uma licença médica.

⁵⁴ A seleção consistia numa primeira fase que se baseava nas notas obtidas nos exames finais do colegial; sendo admitido neste primeiro momento, enfrentaria uma série de exames orais e escritos em Turim.

⁵⁵ A ajuda concedida pelo tio transformou-se em mais um problema; Antonio passou um mês e meio com o primo e não conseguiu estudar para o concurso já que Delio lhe absorvia todos os momentos. Decidiu ir embora às escondidas, pois faltava apenas um mês para as novas provas e ele acabara de saber que havia sido selecionado na primeira fase dos exames.

Ao final dos exames obteve o nono lugar. O segundo lugar foi do jovem estudante vindo também do Liceu da Sardenha, Palmiro Togliatti⁵⁶.

Dos vinte anos que viveu na Sardenha, embora tenha se aproximado da propaganda socialista, é predominante o sardismo e a meridionalismo⁵⁷ em sua formação cultural isto é, para ele todos os problemas socioeconômicos da ilha tinham como raiz a dominação continental do Norte. A luta de classes era já um ponto fechado para Gramsci, entretanto a classe a ser combatida era ainda uma questão confusa no sardo.

Traçando um balanço da formação juvenil de Gramsci, Coutinho afirma que:

A formação juvenil de Gramsci teve o mérito de livrá-lo dos impasses positivistas e fatalistas que paralisavam o PSI de seu tempo; de prepara-lo para uma concepção mais rica e mais articulada do socialismo (concebido também como criação de uma nova cultura e de um homem novo); de evitar sua passagem pela ideologia deformante da II Internacional; e de tornar mais fácil sua compreensão do significado de Lênin e da Revolução Soviética. (1981, p. 25).

2.2.1 Turim: a chegada ao mundo operário

Da árida e quente Sardenha, Gramsci chega a glacial Turim. Na Universidade de Letras e Filologia Moderna⁵⁸, se via diante das várias correntes filosóficas da época: “O futurismo, o irracionalismo, o neo-idealismo de Croce e o socialismo marxista disputavam o cetro do ideológico nacional” (MAESTRI e CANDREVA, 2007, p. 40). Mas na Universidade de Turim predominava o democratismo liberal, o positivismo e o neo-romantismo.

⁵⁶ Além da origem meridional, Togliatti se assemelhava a Gramsci na situação financeira. O pai, economista do Internato Nacional, havia morrido em janeiro e o jovem cursara os três anos de Liceu no Domenico Alberto Azuni. A situação financeira dos dois era evidenciada no modo como se vestiam

⁵⁷ O Meridionalismo era dividido em várias correntes: o dos intelectuais liberal-conservadores (Croce e Fortunato) que defendiam reformas promovidas pelo Estado para a melhora da vida do campesinato como solução da questão; o democrático (Nitti) defendia as reformas políticas e econômicas, ou seja, a ampliação parlamentar dos representantes do Sul; o católico popular (Surzo) de base essencialmente rural, defendia a descentralização regional, a reforma agrária parcial e o sufrágio universal; o meridionalismo científico (Salvemini), embora vislumbrasse o caráter de classe não articulava uma aliança política entre operários e camponeses; enfim o meridionalismo revolucionário (Guido Dorso e Piero Gobetti) propunham a criação de um grupo de intelectuais que dirigissem a massa, propondo medidas radicais como a reforma agrária pela coletivização das terras transformadas em grandes fazendas e o sistema de cooperativismo.

⁵⁸ Alguns autores mencionam a faculdade de Letras e Direito (Nosella), Letras e Filosofia (Lajolo).

A universidade causava um reboiço interior no jovem Gramsci; os estudos começaram a aflorar no sardo um gosto pela investigação e o hábito da disciplina severa em busca da precisão.

Sobre o universitário turinês Togliatti recorda que

Encontrava (Antonio) em todo lugar, pode-se assim dizer, onde havia um professor que nos iluminava sobre uma série de problemas essenciais, desde o professor Einaudi até Chiaroni e Ruffini [...] Gramsci estava assiduamente presente com atenção às aulas. (NOSELLA, 2010, p. 39).

Eram raros os professores turinenses influenciados pelo movimento operário, e como no Partido Socialista Italiano – PSI, o que se via na Universidade era um socialismo difuso e confuso.

Fundado em 1892, o Partido Socialista Italiano – PSI era permeado por um cientificismo – isso devido a influência da cultura burguesa setentrional – que tinha uma interpretação estreitamente evolucionista e economicista do marxismo que vigorou na II Internacional⁵⁹. “Isso desembocava numa visão positivista e evolucionista do marxismo” (COUTINHO, 1999, p. 11). Essa influência servia para justificar e legitimar ideologicamente a prática política imobilista e fatalista dentro do PSI. Felipe Turatti, concordava com Kausty quando este afirmava que a revolução seria resultado da inexorável lei do desenvolvimento econômico.

Essa incrustação positivista no marxismo italiano era ainda resultado do combate ao pensamento teológico⁶⁰, ideologicamente dominante na Itália. Nesse panorama o socialismo italiano era periférico e retardatário em relação ao continente.

Basta lembrar que no momento em que o Anti-Dühring era publicado na Alemanha, os bakunistas ainda tinham um peso importante no movimento social italiano. O socialismo italiano surge em uma articulação com a “ciência” oficial do momento, como economicismo, amplamente mesclado com o materialismo ottocentesco iluminista. Para se ter uma ideia do socialismo italiano nesse momento basta recordar que só em 1891 o Manifesto Comunista é publicado na Itália. (DIAS, 2000, p. 23-24).

⁵⁹ Sobre a história das Internacionais vale a pena consultar o estudo realizado por Sagra (2010).

⁶⁰ Esse combate é ilustrado por Gramsci em seu artigo de 15 de janeiro de 1916, publicado no jornal O Grito do Povo intitulado O Sillabo e Hegel. O *Syllabus* ou catálogo foi um documento publicado pela Cúria Romana em 1864, no qual eram elencados os supostos erros em matéria religiosa e moral, documento que figurava como expressão das posições mais reacionárias da Igreja Católica. Ao final do artigo Gramsci afirma que “na luta entre o Sillabo e Hegel, foi Hegel quem venceu: porque Hegel é a vida do pensamento que não conhece limites e põe a si mesmo como algo transitório, superável, que sempre se renova como a história e de acordo com ela, enquanto o Sillabo é o obstáculo, é a morte da vida interior, é um problema de cultura e não um fato histórico” (GRAMSCI, 2004a, p. 55-56).

A adesão de Gramsci ao Partido Socialista é tardia, ao chegar a Turim, em 1911, sua prioridade serão seus estudos universitários; passou assim a se aproximar do movimento operário organizado durante a greve de 1913:

Naquela ocasião, juntamente com outros estudantes, dentre eles, Palmiro Togliatti, escuta os discursos dos trabalhadores em agitação, a fim de compreender o sentido das suas reivindicações. Aqueles encontros lhe causam uma imensa emoção, suscitando nele a exigência de conhecer melhor os programas do Partido Socialista e da organização sindical.” (LAJOLO, 1982, p. 21).

Seu horizonte se amplia: explorados e miseráveis não são apenas os pastores sardos, mas também os operários turineses, toda a classe operária; não há contraposição entre camponeses meridionais e os operários das cidades industriais: “os verdadeiros inimigos de classe são os capitalistas do Norte e os latifundiários do Sul” (idem, ibidem).

2.2.2 A organização da classe operária

O proletariado passa por diferentes fases de seu desenvolvimento. Sua luta contra a burguesia começa a sua existência.

No começo, empenham-se na luta operários isolados, mais tarde, operários de uma mesma fábrica, finalmente operários de um mesmo ramo de indústria, de uma mesma localidade, contra o burguês que o explora diretamente. (MARX e ENGELS, 2007, p. 47).

O movimento operário que Gramsci conheceu em Turim, já trazia uma longa história de lutas como poderemos ver a seguir.

Em 1901 a situação de organização da classe operária italiana ainda era muito incipiente. A grande bota era um país de fortes raízes rurais na península e nas ilhas; a instituição que representava de modo geral todos os trabalhadores da região era a *Camera del Lavoro*⁶¹. Não obstante as dificuldades decorrentes da organização horizontal, a Câmara do Trabalho facilitava a unificação das lutas dos trabalhadores artesanais, manufatureiros e fabris. Sua grande arma era a greve geral.

Se em 1900, Turim, capital do Piemonte, tinha 300 mil habitantes e sua força de trabalho constituía-se, sobretudo, por mulheres, crianças e trabalhadores não especializados, a situação mudou radicalmente em 1911. Após uma rápida industrialização, apoiada em

⁶¹ A Câmara do Trabalho havia sido fundada no fim do século XIX, como organização refratária à política e a religião, voltadas à colocação, à instrução, à recreação e à assistência dos operários associados.

empresas modernas de grande porte, Torino se tornou o coração industrial da Itália em 1911⁶² e conseqüentemente devido ao confronto direto entre burguesia e proletariado “a ponta-de-lança do movimento proletário socialista revolucionário italiano.” (MAESTRI e CANDREVA, 2007, p.37).

A *Fabbrica Italiana Automobili Torino* (FIAT) foi a primeira megaindústria italiana, fundada em 1899. Em 1905 a crescente produção metal-mecânica local atraiu os setores mais preparados do operariado regional. O desenvolvimento da indústria levou os trabalhadores a se organizarem, embora apoiados em organizações sindicais e políticas de orientação reformistas.

Em 1902 Turim assistiu a primeira greve geral espontânea, apoiada timidamente pela Câmara do Trabalho local. A vanguarda operária em Turim organizava-se em torno da Federação Nacional dos Empregados Operários Metalúrgicos – FIOM, fundada em 1901. Essa federação havia alcançado algumas conquistas para a classe operária de Turim em 1906, dentre elas: “[...] estavam as 60 horas semanais de trabalho e a representação sindical de “comissões internas” formadas por 5 trabalhadores eleitos pelos companheiros” (idem, *ibidem*).

Neste mesmo ano, os empresários responderam a luta operária com a criação da Liga Industrial de Turim, contando com mais de 200 empresas. Em outubro surgiu ainda a Confederação Geral do Trabalho – CGL, e uma organização operária de orientação socialista, com sede em Turim. Apareceu também uma Liga do Trabalho católica, entretanto não encontrou sucesso entre as massas de trabalhadores urbanos de clara orientação classista e socialista.

Mesmo com as graves derrotas sofridas pela classe trabalhadora no período de 1907, devido a forte recessão econômica, em 1910 o movimento operário se recompôs apoiado pela reativação econômica que concentrou a produção automobilística em torno de algumas poucas empresas de porte – FIAT, ITALA e LANCIA.

Enquanto a classe trabalhadora organizava-se e ganhava força, nos anos seguintes os industriais reagiam fundando, em 1908, em Turim, a Confederação Italiana da Indústria – CONFINDÚSTRIA – com 2,1 mil empresas.

⁶² Em 1907, das 66 indústrias automobilísticas italianas, 12 localizavam-se em Turim.

Nesse bojo surgia ainda a proposta de um consórcio patronal das fábricas automobilísticas:

[...] propôs novo contrato de trabalho para o ramo metal-mecânico. Se os operários dissolvessem as “comissões internas” e não fizessem greves, receberiam aumento de 4% e as 57 horas de trabalho semanal, “[...] os patrões ofereciam aumentos da hora trabalhada diferenciados para trabalhadores especializados e não especializados. Nos fatos, os últimos sofreriam redução de salários devido à redução de horas trabalhadas. (idem, ibdem, p. 38).

Mesmo com a rejeição do operariado não qualificado, a FIOM aceitou a proposta. Isso levou esses operários a criar o Sindicato Autônomo dos Operários Automobilísticos, de orientação classista e anticolaboracionista, que em 17 de janeiro de 1912 decretou greve por tempo indeterminado.

Após 65 dias de paralisação e com uma representação sindical dividida, o movimento foi derrotado, voltando a vigorar as 60 horas semanais de trabalho. Entretanto em 19 de março de 1913, sob a nova orientação da FIOM, foi lançada uma nova greve, saindo vitoriosa a classe operária, que conseguira as 57 horas semanais, sem redução de salários e o reconhecimento das comissões internas de fábrica.

Em 1914, após o início da I Guerra Mundial, a Itália se via diante de um dilema, entrar ou não no conflito. Decidiu a princípio manter-se neutra, mas com alguns meses a situação italiana em relação a I Guerra mudara,

O grupo industrial hegemônico da burguesia italiana evoluiu do neutralismo para o intervencionismo, vendo na guerra uma excelente oportunidade para realizar negócios magníficos, libertar-se da tutela financeira alemã, qualificar-se como potência dominante na Europa Danúbio balcânica. (idem, ibdem, p. 23).

Em 16 de maio de 1915 o movimento operário lançou uma greve geral contra a intervenção militar. A greve não se alastrou, esbarrou na indecisão da direção do PSI, que após a queda do Governo Gigliotti limitou-se a defender a tímida proposta de “nem aderir, nem sabotar”.

Gramsci teve uma adesão demorada ao PSI, de 1911 a 1913 participava das discussões apenas como ouvinte, primando por seus estudos universitários. Em 1915 após a perda definitiva da bolsa de estudos, abandonou a universidade e firmou-se como jornalista.

Neste período escreveu um artigo chamado Neutralidade Ativa e Operante⁶³, no qual concordava com a posição do PSI de não entrar na guerra, mas criticava a passividade do partido.

2.2.3 *Biennio Rosso*

Embora a situação revolucionária italiana em 1919 parecesse iminente, afinal o cenário propiciado pela guerra deixava evidente a conquista de uma vitória mutilada para os italianos e o agravamento das condições de miséria da população:

A Itália sai da guerra exaurida em homens e recursos. Sua vida social está despedaçada: grandes desequilíbrios, grandes fraquezas, pouca estabilidade. O processo inflacionário toma proporções imensas. A inflação passa do índice 100 (1913) para 409 (1918). O dólar, que era cotado a 5,18 por lira (1914), passa a 13,07 (1919) e 28,57 (dezembro de 1920). A dívida pública soma no final da guerra 74.496 milhões de lira e o ritmo da indústria cai de 20 a 40%. O déficit do Estado eleva-se de 214 milhões de liras (1914-1915) para 23.345 milhões (1918-1919). A circulação monetária passa de 2.007 milhões (junho de 1914) para 20 milhões (dezembro de 1920). Entre 1916 e 1918 cerca de 30% da renda nacional é obtida de empréstimo. A agricultura está em crise, 40% da balança comercial estão comprometidos com a importação de alimentos. “Falta, sobretudo o trigo: antes de 1914, a Itália produzia em média cerca de 50 milhões de quintais de trigo por ano e tinha que importar cerca de 14 milhões, mas durante a guerra a produção tinha caído para 38 milhões”. O custo da guerra fora brutal: 65 milhões de lira-ouro; 680 mil mortos; 680 mil prisioneiros; mais de um milhão de feridos; 500 mil mutilados e 600 mil mortos pela espanhola. (DIAS, 2000, p. 255).

Nosella relata que para Gramsci a guerra teve para a velha e conservadora Itália o mesmo efeito que o arado produz quando revolve um árido e comprimido solo.

Assim como este campo revolvido pelo arado, com o calor do sol da primavera brota imediatamente com pujança natural, as massas dos trabalhadores da Itália, removidas e comovidas pela guerra, à luz dos ideais revolucionários soviéticos, desencadeavam de repente imensas energias renovadoras, historicamente reprimidas. Nessa conjuntura favorável, só faltava a intervenção pronta e objetiva do agricultor, no caso, o Partido Socialista. (2010, p. 65).

Não obstante o pós-guerra ter revelado a verdadeira face do capitalismo ao povo italiano, que desacreditado das velhas promessas liberais entendeu que o socialismo era a única via possível, o PSI não correspondeu às expectativas da grande massa e permanecia numa posição imobilista.

⁶³ Este artigo o levou a ser considerado intervencionista, inclusive na época de fundação do PC'I sua presença na comissão executiva do partido foi negada devido à lembrança de sua posição no artigo.

Na tentativa de suprir a lacuna deixada pelo partido, em abril de 1919, Gramsci juntamente com Tasca, Togliatti e Terracini⁶⁴ fundaram uma revista semanal de cultura socialista, intitulada *L'Ordine Nuovo*, cujo primeiro número saiu em 01 de maio de 1919⁶⁵.

No início a revista não passou de uma resenha de cultura abstrata, mas como indica o jornalista sardo, a partir do número 7, “tramamos eu e Togliatti, um golpe de Estado redacional” (GRAMSCI, 2004a, p. 403) e o objetivo central do semanário passou a ser a transformação das comissões internas em Conselhos de Fábrica.

Nas comissões internas⁶⁶ Gramsci vislumbrava um “germe de soviete”, entretanto na prática elas funcionavam como “correia de transmissão do sindicato” e esse era um dos pontos que ele reivindicava a mudança “as comissões internas são órgãos de democracia operária que é necessário libertar das limitações impostas pelos empresários e nos quais é preciso difundir vida e energia novas” (GRAMSCI, 2004b, p. 247).

Outro ponto importante nesse processo de transformação seria que o Conselho de Fábrica proposto deveria surgir da escolha de “todos” trabalhadores, não importando a orientação política, ideológica ou filiação sindical.

Ora, contrários aos sindicatos, que para Gramsci, “revelou-se nada mais que uma forma da sociedade capitalista, não uma superação potencial desta” isto é, “ele organiza os operários não como produtores, mas como assalariados” (GRAMSCI, 2004b, p. 299), os Conselhos teriam a missão de permitir aos operários se apropriarem de todo o processo de

⁶⁴ Mais tarde o próprio Gramsci teria feito menção a participação de mais dois fundadores

⁶⁵ Inicialmente com 300 assinantes e 3 mil exemplares, em 1920, subira para 5 mil exemplares e 1,5 mil assinantes.

⁶⁶ Embora tenham surgido em 1906, de modo tímido, as comissões internas jamais foram um fato aceito pacificamente pelos empresários; somente no fim da guerra, em 1919, é que a Associação dos Industriais estipula com a Federação dos Metalúrgicos a aceitação das comissões, ou seja, o reconhecimento mesmo explícito do direito dos operários de ter uma representação no interior da própria fábrica. As Comissões Internas, segundo o pacto, tinham a finalidade principal de garantir e defender, no local de trabalho, os direitos dos trabalhadores (à participação nos prêmios de produção, a condições adequadas de trabalho, etc). Os dirigentes da Comissão deveriam ser eleitos pelos próprios operários sindicalizados; eles eram, assim, os delegados do sindicato de categoria no interior da empresa, já que eram indicados diretamente pelas direções sindicais. Para usar um termo que entraria em moda mais tarde, a Comissão era uma simples “correia de transmissão” do sindicato, gozando de escassa autonomia. E é precisamente essa características que Gramsci e seus amigos pretendem modificar. Antes de mais nada, trata-se de fazer da Comissão Interna um organismo representativo de todos os trabalhadores da fábrica, incluindo os técnicos e os engenheiros (COUTINHO, 1999, p. 29-30).

produção, determinando assim sua autonomia e criando condições para que o operariado pudesse se tornar dirigente.

Em setembro de 1919, 2 mil operários da Fiat-Brevetti elegeram o primeiro Conselho de Fábrica, e a seguir, a comissão interna da Fiat-Centro renunciou. Essa conquista tinha também um caráter internacional, já que:

Em meados de julho de 1920, o partido bolchevique conseguira estabilizar-se no governo da Rússia. Porém, o movimento dos conselhos e a revolução foram derrotados na Alemanha e na Hungria, com o apoio ativo da social democracia. A esperança de um avanço revolucionário na Europa que aliviasse a pressão sobre a Rússia soviética depositava-se agora, sobretudo na Itália, onde o forte PSI aderira, totalmente à Terceira Internacional. (MAESTRI e CANDREVA, 2007, p. 97).

Contrários a constituição dos Conselhos de Fábrica, as alas divididas do PSI não poupavam críticas ao grupo do L'Ordine Nuovo, juntamente com a ofensiva anti-operária e anti-socialista patronal que em 07 de março de 1920 fundou, em Roma, a Confederação Geral da Indústria italiana, com 11 mil empresas.

Em meio a precarização das condições de vida que se abatera sobre a Itália, em abril de 1920, eclodiu uma greve geral no Piemonte, conhecida como greve da “hora legal⁶⁷” Essa era a oportunidade esperada pelos patrões para pedir o redimensionamento do papel dos Conselhos, “o grande objetivo patronal era a recomposição da autoridade sacrossanta do capital sobre o templo do trabalho” (idem, ibidem p. 81).

O objetivo dos empresários foi atingido em 23 de abril de 1920, contando com o auxílio do PSI e da CGL, o acordo final anistiu os grevistas e restringiu a função dos Conselhos. Entretanto em 15 de junho de 1920, diante da grande inflação, a FIOM, mesmo controlada pelo sindicalismo reformista, foi obrigada a apresentar reivindicação de aumento de salários, desembocando em 21 de agosto numa “greve de zelo”.

A nova forma de luta alastrou-se pela Itália, “com o passar dos dias, a combatividade operária aumentava, caindo inexoravelmente a produção, devido ao baixo ritmo do trabalho” (idem, ibidem, p. 84)

Em poucos dias, meio milhão de metalúrgicos promoviam um movimento inédito na história do movimento operário italiano, conduzindo a direção das fábricas nas ocupações

⁶⁷ Greve da hora legal ou greve dos ponteiros girava em torno da competência e do poder das comissões internas. Em 28 de março de 1920, sem consultar as comissões internas, a direção da FIAT modificou os relógios substituindo a hora solar pela hora legal.

das fábricas sem derramar uma gota de sangue⁶⁸, mesmo contando com grandes dificuldades⁶⁹ para manter a produção.

Apesar de todos os esforços, a classe trabalhadora foi derrotada em 19 de setembro, em Roma, após a aliança entre sindicatos, partido e classe patronal, sendo obrigada a devolver o comando da fábrica aos patrões nos dias 25 a 30 de setembro. Estes, no retorno ao comando perceberam que a força da classe operária deveria ser combatida.

Durante todo o período de ocupação das fábricas o L'Ordine Nuovo havia funcionado como direção teórica para o movimento, chegando nos momentos mais críticos a ser fechado por Gramsci que ia à fábrica na tentativa de auxiliar os operários na administração.

Após a derrota dos Conselhos, o grupo do L'Ordine Nuovo se dissolveu e a situação da esquerda dentro do PSI agravou-se. No artigo de 08 de maio, Gramsci já se colocava a favor da necessidade de renovação do Partido Socialista. Esta posição se afinava a proposta apresentada no II Congresso da Internacional Comunista, realizado entre 19 de julho a 7 de agosto, em Moscou, que apresentava as “21 condições” para a filiação dos partidos à III Internacional, exigindo a expulsão dos reformistas de seus quadros.

Em 21 de janeiro de 1921, no XVII Congresso do PSI, uma fração comunista decidiu constituir o Partido Comunista da Itália. Nesse mesmo período Gramsci, além de criticar os sindicatos, os reformistas e os centristas maximalistas passa também a analisar o conteúdo de classe do movimento fascista, “[...] Antonio Gramsci é, neste ponto, um pioneiro, pois já em 24 de novembro de 1920 ele escrevia no *Avanti!*: o fenômeno do ‘fascismo’ não é somente italiano, tal como não é somente italiana a formação do partido comunista (KONDER, 1977, p.35).

Em 15 de maio de 1921 Gramsci candidatou-se a deputado pelo PCI, na província de Turim, mas não conseguiu ser eleito.

⁶⁸ Nas fábricas ocupadas as bebidas alcóolicas eram proibidas e os furtos reprimidos. Nas paredes das oficinas palavras de ordem operárias registravam a nova moral sobre a qual se erguia a ordem revolucionária: “Quem não trabalha, não come! “Honestidade e trabalho!”, “Não queremos riqueza, mas liberdade!” (Maestri e Candreva, 2007, p. 86).

⁶⁹ Falta de parte dos técnicos que abandonaram as fábricas logo após as ocupações, a própria administração (compra de matéria-prima, venda de mercadorias, pagamentos de salários) e a dependência da adesão de outros setores – trabalhadores ferroviários para a manutenção da produção. Para o pagamento dos salários foram estampadas cédulas de 10 e 20 liras, ornamentadas com foices e martelos.

2.3 Na Rússia com Lênin – na Itália contra Mussolini

O período que procedeu a derrota dos Conselhos de Fábrica levou Gramsci a um intenso empenho intelectual pelo entendimento das razões que levaram o movimento ao fracasso. Atribuindo a si uma tarefa revolucionária, o sardo se debruçou, numa pesquisa dialética de todo o cenário que encontrava ao seu redor.

Como detalhamos anteriormente, o movimento operário no biênio vermelho (1919-1920) parecia apresentar – à exemplo da Rússia em 1917 – todas as condições necessárias para o estabelecimento da revolução proletária na Itália, entretanto a revolução não se efetivou, dando lugar a ofensiva capitalista.

A tarefa de Gramsci foi favorecida pelo fato de que, em maio de 1922, foi enviado a Moscou juntamente com Bordiga e Antonio Graziadei como representante do Partido Comunista da Itália, isso lhe permitiu conhecer de perto a realidade de outra forma de Estado, o estado proletário, bem como as novas experiências de ensino nesse contexto, [...] Gramsci, de fato, durante sua estada na União Soviética, nos anos difíceis de 1922 e 1923, certamente conheceu e acompanhou com atento interesse, os debates e as primeiras realizações no campo do ensino (MANACORDA, 2010b, p. 143).

Em setembro encontrava-se em difícil situação de saúde e Zinoieva o encaminha para tratamento no sanatório *Serebrjanyvy bor* (bosque de prata). Durante esse período conhece Eugênia Schutz, (internada para tratamento de um esgotamento físico e psicológico) que havia lutado na guerra civil em um corpo de fuzileiros, tornando-se depois secretária da mulher de Lênin, Nadejda Krupskaja (LEPRE, 2001, p. 53).

Eugênia era irmã de sua futura esposa Giulia Schucht⁷⁰, com quem Gramsci teve dois filhos: Delio e Giuliano. Nesse mesmo ano foi convidado por Trotski para escrever uma nota sobre o futurismo italiano, sendo publicada como apêndice ao livro do comunista soviético: *Literatura e Revolução*.

⁷⁰ Giulia (1896-1980) violinista profissional, era a quinta filha da família Schucht, toda a família tinha sido militante na Revolução de Outubro, seu pai havia conhecido Lênin desde 1884 num período de exílio na Sibéria e Giulia era inscrita no partido bolchevique desde 1917 Casou-se com Gramsci em 1923. Passou a sofrer problemas físicos e psíquicos desde 1920, sendo agravados durante o período de prisão do marido.

Enquanto Gramsci estava em Moscou a Itália assiste a ascensão do fascismo, após a “marcha sobre Roma”, em 28 de outubro. Decorrente desse fato iniciou-se o período de ilegalidade do PCI.

Em novembro de 1923 partiu para Viena,⁷¹ onde ficou até maio de 1924. Em 06 de abril de 1924 foi eleito deputado através da região de Vêneto. Retornou a Itália em meados de maio de 1924, graças a imunidade parlamentar. Voltou a Moscou no período de 21 de março a 6 de abril para ajudar nos trabalhos da V sessão do Executivo do *Comintern*.

No período em que esteve em Moscou e Viena manteve intensa correspondência com os membros do PC'I, na qual revela as primeiras aproximações de suas reflexões sobre as razões de derrota do movimento operário.

O período que permaneceu em Moscou e Viena (1922-1924) [...] foi dedicado a um assíduo trabalho crítico em torno de dois problemas principais: a) exame da evolução assumida pelo Comintern no contexto da situação política internacional; b) a análise das forças sociais e políticas atuantes na Itália depois do advento do fascismo. (SCHLESENER, 2002, p. 159).

No ano de 1926 Gramsci alcança uma nítida apreensão da realidade italiana e tarefas necessárias ao partido comunista da Itália expressas nas suas famosas Teses de Lyon. É nesse período que escreve também um denso ensaio denominado Questão Meridional.

2.3.1 Os Cadernos do Cárcere: um projeto histórico universal

No dia 08 de novembro de 1926, Gramsci que havia retornado a Itália confiando em sua imunidade parlamentar, foi preso pelo regime fascista. Lá encontrou Bordiga. Na prisão encontram-se como companheiros⁷² e formaram uma escola para os confinados.

Em condições extremamente adversas, é no cárcere que Gramsci desenvolverá o um projeto de estudo histórico universal, *für ewig* (para sempre), como ele mesmo explica,

⁷¹ Ainda à serviço da Internacional, para cuidar dos contatos entre o Partido Italiano e outros partidos comunistas de países da Europa (STACCONE, 1991).

⁷² Ao contrário do ocorrido na União Soviética no confronto entre Stálin e Trotski, que atingiu picos de extraordinária dureza, as contraposições políticas na Itália ainda não tinham chegado ao ponto de levar a ódios pessoais.

“segundo complexa concepção de Goethe, que lembro ter atormentado muito Pascoli”⁷³ (GRAMSCI, 2005a, p. 128).

Tendo várias vezes se negado a publicar seus escritos, entendidos como passageiros, que deveriam morrer ao final do dia, agora ele se colocava diante da ideia de um estudo que lhe permitisse não sucumbir ao processo de embrutecimento humano causado pelo cárcere e ao mesmo tempo continuar contribuindo com a luta pela emancipação humana, que agora entendia ser um processo de longa duração.

Coutinho nos indica a dimensão da influência da obra gramsciana produzida no cárcere:

Quando morreu, em 27 de abril de 1937, Gramsci não podia ter a menor ideia de que esses apontamentos carcerários, que ocupam cerca de 2.500 páginas impressas, tornar-se-iam uma das obras mais influentes, comentadas e discutidas do século XX. Nenhuma área do pensamento social – da filosofia à crítica literária, da política à sociologia, da antropologia à pedagogia – ficou imune ao desafio posto pela publicação póstuma dessa obra de Gramsci. Traduzidos em inúmeras línguas, os chamados Cadernos do Cárcere deram lugar a uma imensa literatura secundária, que de resto cresce cada vez mais, igualmente difundida em múltiplos idiomas (2011, p. 8).

No cárcere escreveu 33 cadernos, assim chamados por serem cadernos escolares, dos quais 4 foram destinados à traduções e 29 sobre temas diversos. É importante lembrar que a redação de tais cadernos não ocorre imediatamente após sua prisão.

Somente no início de 1929, ou seja, dois anos depois de preso, quando já fora encaminhado para o cárcere de Turi, na província de Bári, Gramsci obteve autorização para dispor em sua cela de material para escrever. A partir de então e até abril de 1935, ou seja, enquanto suas condições de saúde lhe permitiram continuar trabalhando, Gramsci utilizou 33 cadernos escolares, todos de capa dura, que iam sendo fornecidos à medida que os requisitava ao diretor do presídio. Alguns desses cadernos (sobretudo os primeiros) foram inteiramente preenchidos, enquanto outros (os mais tardios) contêm, em maior ou menor medida – várias partes em branco (idem, *ibidem*, p. 9)

Quatro desses cadernos são inteiramente dedicados a exercícios de tradução, sobretudo do alemão e do inglês, nos quais Gramsci verteu autores como Marx, Goethe e os irmãos Grimm, além de muitos artigos de revistas. Esses exercícios de tradução se iniciam já em 1929.

⁷³ Giovanni Pascoli (1855-1912), próximo dos ambientes socialistas e anarquistas na juventude, tornou-se poeta ora pastoril, ora místico, ora celebrados das glórias nacionais. Este último aspecto lhe valeu o epíteto, dado por D’Annúzio, de “o último filho de Virgílio”. No livro *Canti di Castelvecchio*, cuja edição de 1914 estava entre os livros de Gramsci, encontra-se o poema “Per Sempre”. (COUTINHO, 2005, p. 130)

A divisão cronológica dos cadernos é um tema complexo, já que Gramsci escrevia em vários cadernos ao mesmo tempo, o que torna praticamente impossível estabelecer uma ordem cronológica de suas várias notas.

Na edição realizada por Valentino Gerratana, conhecida como edição crítica, na qual o editor reproduz apenas poucos fragmentos de traduções, os 29 cadernos temáticos são divididos, seguindo indicações explícitas do próprio Gramsci, em dois tipos: Cadernos miscelâneos (1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 14, 15, 17) e cadernos especiais (10, 11, 12, 13, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28 e 29).

Nos cadernos miscelâneos, Gramsci redige notas sobre variados temas, muitas das quais iniciadas por títulos idênticos ou semelhantes (passado e presente, noções enciclopédicas, introdução ao estudo da filosofia, intelectuais italianos, jornalismo, lorianismo, os filhotes do padre Bresciani, etc. etc.) títulos que se repetem tanto no interior de cada caderno quanto ao longo dos mesmos. Já os cadernos especiais reúnem apontamentos sobre assuntos específicos, razão pela qual, com duas exceções (as do 11 e do 19), eles têm títulos dado pelo próprio Gramsci (COUTINHO, 2011, p. 12).

No período que esteve preso escreveu ainda diversas cartas aos familiares e aos companheiros políticos, estas últimas muitas vezes de maneira indireta por intermédio de sua maior interlocutora, a cunhada Tatiana Schutz⁷⁴, que como bem explica Lepre tratou-se de uma escolha política.

Antonio fizera uma escolha que haveria de ter uma influência decisiva em sua vida. Podia enviar apenas um número limitado de cartas e tinha escolhido Tania como correspondente, e não Giulia. É verdade que, se tivesse escolhido Giulia que estava na Rússia, a correspondência teria um desenvolvimento ainda mais trabalhoso. Mais tinha sido uma escolha política: por meio de Tania, Gramsci podia comunicar-se com o Comitê Central no exterior, que estava em Paris e com Sraffa. (LEPRE, 2001, p. 143-144).

⁷⁴ Tatiana (Tânia) Schucht (1887–1943) nasceu na Sibéria, durante o primeiro exílio do pai. Em Roma, diplomou-se em Ciências Naturais, deu aulas particulares e lecionou em escola privada. Sem que se saiba o motivo, não acompanhou a família quanto esta, em 1915, decidiu voltar a Rússia. Em 1917, simpatizante dos socialistas revolucionários, apoio criticamente o governo bolchevique. Afastada dos familiares desde a guerra civil russa, só em 1925 seria encontrada por Gramsci em Roma. Aí também seria funcionária da embaixada soviética, mas, a partir de 1928, transferiu-se para a delegação comercial de seu país em Milão. Prestou dedicada assistência a Gramsci, servindo como elo entre o prisioneiro, sua família – em Moscou e na Sardenha – e a direção do PCI. Tornou-se figura-chave na preservação dos cadernos, das cartas e da biblioteca carcerária de Gramsci. Deixou a Itália no fim de 1938 ou início de 1939. Na URSS, em 1941, depois da invasão alemã, fugiu com a mãe e as irmãs Giulia e Eugenia para Frunze, capital do Quirguistão, na Ásia Central. Morreu de Pelagra. Cf. Coutinho e Henriques, 2005, p.64.

3 ITÁLIA: O LABORATÓRIO DE GRAMSCI

Como expusemos no capítulo anterior, o melhor entendimento do pensamento de Gramsci pressupõe um rastreamento da influência do contexto histórico no qual o autor viveu. O próprio Gramsci, ao tratar da história do *Risorgimento* italiano, aponta que alguns historiadores tratam a história de forma parcial levando a leituras que induzem a uma percepção errônea desses momentos e consequentemente uma distorção sobre suas causas e desdobramentos.

Neste capítulo partimos da análise de Gramsci sobre o processo de unificação italiana e as conexões feitas pelo autor sobre esse fato e as categorias da hegemonia, bloco histórico e os intelectuais, chegando a proposta de uma nova inteligibilidade do real por parte das classes subalternas.

3.1 A reflexão de Gramsci sobre o *Risorgimento*: unificação ou neocolonialismo?

Na tentativa de elaboração de um plano de reforma intelectual e moral da classe trabalhadora (rural e urbana) objetivando sua unificação, o filósofo marxista italiano se vê diante de vários obstáculos que se tornam questionamentos a serem vencidos, dentre eles: por que se dá a separação entre os camponeses do sul e os operários do norte, com traços de forte rivalidade? Como explicar a distância dos intelectuais para com a grande massa? Qual o papel da Igreja na manutenção da ideologia que domina o campesinato? O que é preciso para as classes subalternas poderem exercer a hegemonia de classe?

Frente a essas indagações Gramsci volta-se ao processo de unificação italiana, isso porque ele busca as raízes históricas do desenvolvimento desigual e descontínuo da sociedade italiana. Nesse retorno, o escritor dos Cadernos do Cárcere alerta que existem inúmeras interpretações sobre o período.

Existe uma notável quantidade de interpretações, as mais díspares, do *Risorgimento*. A própria quantidade delas é um sinal característico da literatura histórico-político italiana e da situação dos estudos sobre o *Risorgimento*. Para que um evento ou um processo de acontecimentos históricos possa produzir um tal gênero de literatura, deve-se pensar que ele é pouco claro e justificado em seu desenvolvimento devido a insuficiência das forças “interiores” que parecem tê-lo produzido, à escassez dos elementos objetivos “nacionais”, aos quais fazer referência ao caráter inconsistente e

gelatinoso do organismo estudado (e, de fato, muitas vezes se ouviu mencionar o “milagre” do *Risorgimento*). (GRAMSCI, 2011d, p. 28).

Ao estudar o Ressurgimento, Gramsci difere da abordagem de autores como Croce que trata do tema de maneira parcial, esquecendo-se das lutas revolucionárias, contribuindo para uma “leitura da história que favorecia interpretação fascista reforçando o nacionalismo e imperialismo nacionalista e militar” (SCHLESENER, 1992, p. 60), e ao mesmo tempo colaborando para a perpetuação da desagregação da cultura das classes subalternas.

Ao contrário do revisionista italiano, Gramsci recupera esse estudo primando pela interpretação da totalidade histórica que lhe permite compreender as determinações desse momento e suas consequências na formação econômica, cultural, social e política daquela sociedade.

Nessa investigação, historicizando o Ressurgimento, o filósofo marxista se debruça sobre alguns desdobramentos desse período como a questão meridional e a questão Vaticano, se aproximando ainda de conceitos importantes que são aprofundados a partir deste estudo, como é o caso da revolução passiva e o de transformismo.

O *Risorgimento*, nome como ficou conhecido o processo de unificação italiana, foi o período compreendido entre 1815 e 1870, aparentemente liderado pelas forças populares, personificadas nas pessoas de Mazzini e Garibaldi; contava como verdadeiro mentor e articulador político, o conde – e grande proprietário de terras – Camilo de Cavour (1810-1861), primeiro ministro do Rei Vitor Emanuele II, do reino do Piemonte e Sardenha, localizado ao Norte da Itália.

Alguns chefes de estado de destaque da Europa nesse período contavam com características peculiares:

Os chefes de estado que figuravam com maior proeminência nas histórias tradicionais da Europa deste período eram, por conseguinte, aqueles que de forma mais sistemática combinavam controle político com diplomacia e controle da máquina do governo, como Bismark na Prússia, conde Camilo Cavour (1810-61) em Piemonte e Napoleão III [...]. (HOBSBAWN, 1982, p. 90).

Diferentemente da Revolução Francesa, “a revolução burguesa italiana não nasceu a partir da sociedade civil organizada, mas é o Estado que lidera a revolução, visando criar as condições gerais para que as forças econômicas pudessem desenvolver-se nos moldes de outros países europeus” (SCHLESENER, 1992, p. 62).

As reflexões de Gramsci sobre a questão meridional estão pautadas a partir de uma perspectiva histórica da formação das classes sociais e da forma e conteúdo do Estado italiano. Para ele, a incompleta revolução democrática burguesa conduziu ao desequilíbrio da unidade nacional da Itália através do domínio da burguesia setentrional entre 1860-1871.

Para entendermos melhor é preciso acompanharmos o marxista italiano – ainda que de maneira preliminar, devido as limitações de aprofundamento deste tema numa dissertação de mestrado – sobre como se deu o processo de *Risorgimento* italiano e quais foram suas implicações na formação cultural, política e social da nação italiana, bem como que papel os intelectuais exercem nesse movimento.

Não se deve, pois, deixar passar essa ocasião, a fim de que a Itália conheça, depois de tanto tempo, um seu redentor. Nem posso exprimir com que amor ele seria recebido em todas aquelas províncias que têm sofrido por essas invasões estrangeiras, com que sede de vingança, com que obstinada fé, com que piedade, com que lágrimas. Quais portas se lhe fechariam? Quais povos lhe negariam obediência? Qual inveja se lhe oporia? Que italiano lhe negaria o seu favor? A todos repugna este bárbaro domínio [...] (MAQUIAVEL, 1999, p. 146).

Nicolau Maquiavel encerra com estas palavras seu livro *O Príncipe*, e com elas traduziu o desejo da inteligência italiana do século XV, que diante de uma terra dividida e conseqüentemente enfraquecida, aspirava pela unificação de seu território. Entretanto este não era somente um desejo do século XV, mas de todo o período no qual a Itália esteve dispersa, dividida em cidades-estados.

A primeira unificação italiana se deu com o império romano, séculos antes de Cristo, após longas batalhas com seus vizinhos⁷⁵, findando por volta do ano 262 a.c. No ano V, com a queda do Império Romano, a península voltou a um estado de divisão, cada região, por menor que fosse, tornou-se um país, vigorando entre eles a hostilidade. Isso transformava a Itália numa terra frágil, alvo fácil de invasões estrangeiras como a dos sarracenos, germanos ou normandos na Idade Média; o fato agravava-se ainda mais, pois além de divididas geograficamente, as cidades não se uniam sequer para combater os inimigos estrangeiros, tornando-se um palco de eternas rivalidades. Nem mesmo a disputa desde 1494 entre os reis da França e Espanha conseguiu unir os italianos para fazer uma frente nacional contra os estrangeiros.

⁷⁵ Até então o nome Itália servia apenas para designar as terras do Sul. Com a unificação o nome passou a designar todo o território da grande bota e a língua oficial passou a ser o italiano.

Paralelo a esse conflito territorial, um outro se desenrolava ao longo do medievo entre o Sacro Império Romano-germano⁷⁶ e a Igreja Católica⁷⁷, que disputavam a hegemonia da Itália e sobre o restante da cristandade europeia. A Itália estava fragmentada entre seus territórios (cidades-estados) e suas grandes instituições daquela época, o Papado e o Império.

A vontade de unificação pairava sobre a mente da inteligência italiana: artistas, pensadores e escritores envidavam esforços e colocavam sua arte à serviço da luta por uma mobilização nacional pela unificação. Encontramos como alguns exemplos Dante Aligheri, Nicolau Maquiavel e Petrarca.

Dante redigiu entre 1310 e 1314 o texto *Da Monarquia*, no qual propunha o acerto entre o Papado e o Império, que o primeiro encerrasse sob um comando um governo secular, devolvendo a Itália a paz e tranquilidade mesmo que sob um comando estrangeiro.

Relembrando as antigas batalhas na península, Petrarca enaltecia a figura do general romano Cipião, no seu poema *África*, lembrando que ele havia afastado o perigo de Roma cair em mãos inimigas, isto é, derrubando Aníbal de Zama, em 202 a.c..

Em alusão a necessidade de unificação da Itália, Nicolau Maquiavel escreve no seu livro *O Príncipe*, de 1513, sobre a necessidade do surgimento de um homem, um líder corajoso e varonil, que a unisse para resgatá-la dos “*barbari*”, como ele denominava os reis vindos de fora que faziam da sua pátria um palco de destruições, rapinagens, saques e atrocidades sem fim.

A Itália conheceu uma primeira expressão de seu ressurgimento por meio das artes no Renascimento no século XV, com nomes como Leonardo D’Vinci e Miguel Ângelo e na ciência com Galileu e Bruno.

A esperança da unificação passou a tomar força com a Revolução Francesa e a figura do jovem general republicano de 27 anos, nascido na Córsega de família Italiana: Napoleone Bonaparte, que após estudar em Paris afrancesou seu nome para Napoleão Bonaparte.

Mesmo com a derrota, em 1815, do comandante do exército francês, os feitos de Napoleão na tentativa de retomar a autonomia francesa, haviam deixado uma importante

⁷⁶ Fundado por Otão, o grande em 962.

⁷⁷ Reconhecida por Teodósio como religião oficial em 390.

mente do nacionalismo nos italianos, especialmente daqueles que habitavam nas regiões do Norte, que viviam sob o domínio do imperador austríaco.

Com o fim da era napoleônica, a Europa sofreu uma profunda reconfiguração em seu mapa; isso se deu após o Congresso de Viena⁷⁸, em 1815. Desse modo a Itália foi dividida em oito regiões:

Ao sul localizava-se o reino das Duas Sicílias; no centro, continuaram a existir os Estados Pontifícios, e logo acima os principados de Toscana, Módena e Parma. Ao norte, Milão e Veneza ficaram sob domínio austríaco. Mas também ao norte, o reino do Piemonte, ligado à Sardenha, constituiu-se em Estado soberano governado pela casa de Savóia. (MOTA e BRAICK, 2002, p. 335).

Embora algumas regiões levantassem motins contra o domínio austríaco, como foi o caso do Reino das duas Sicílias e do Piemonte, em 1820 e 1821, as rebeliões eram imediatamente derrotadas, pois tinham um caráter sectário, desprovidas de força necessária e sem apoio de outras nações europeias. Isso motivou o surgimento de sociedades secretas, dentre elas os carbonários⁷⁹, e a Jovem Itália.

Entre os grupos que almejavam a unificação italiana existiam divergências econômicas, políticas e ideológicas que impediam a união mais efetiva do povo italiano, dando ao império austríaco plenas condições para sufocar toda tentativa de insurreição.

Os democratas, liderados por Giuseppe Mazzini⁸⁰, desejavam uma unificação que desse lugar a uma república unitária, baseada no princípio da igualdade e soberania popular. Os liberais, conhecidos como “moderados”, desejavam um processo de reformas graduais culminando em um governo de monarquia constitucional, nos moldes da inglesa. Havia ainda uma parte da população que desejava uma confederação governada pelo Papa.

⁷⁸ O Congresso de Viena foi uma conferência entre embaixadores das grandes potências europeias que aconteceu na capital austríaca, iniciado em 1814, após a abdicação de Napoleão Bonaparte, sendo interrompido por conta do “Governo de cem dias” e retomados após a segunda abdicação do imperador francês, em 1815. Mota e Braick (2002) informam que o objetivo era redesenhar o mapa político do continente europeu após a derrota da França napoleônica na primavera anterior, iniciar a colonização (como visto na Revolução Liberal do Porto, no caso do Brasil), restaurar os respectivos tronos às famílias reais derrotadas pelas tropas de Napoleão Bonaparte (como a restauração dos Bourbon) e firmar uma aliança entre os burgueses.

⁷⁹ Sociedade secreta e revolucionária que tinha organização interna semelhante a maçonaria.

⁸⁰ Giuseppe Mazzini (1805-1872) foi fundador da sociedade secreta, *La Giovane Italia*, que pregava um patriotismo de fundo religioso. Nos anos de 1848-1849 foi um dos líderes da breve República Romana. Transformou-se, depois de 1853, num dos principais animadores do Partido de Ação, partido que apenas inicialmente defendeu uma solução republicana unitária, em contraposição à estratégia monarquista e da burguesia industrial e comerciante do Norte da Itália, que efetivamente manteve sua hegemonia após o Ressurgimento (Oliveira, 2008).

No século XIX, um novo cenário passou a ser desenhado na busca pela unificação italiana, graças ao único estado com uma constituição liberal na Itália, o reino Sardo Piemontês, comandado pelo Rei Victor Emanuel II (1820-1878) e seu hábil ministro, o conde Camilo Benso de Cavour (1810-1861).

Embora alguns historiadores apontem Mazzini e Garibaldi⁸¹ como expoentes do *Risorgimento*, por trás de todas as correlações de força necessárias a esse processo é o perspicaz e estrategista Conde de Cavour que encontramos. O primeiro ministro do Estado do Piemonte soube, inclusive, se utilizar da influência das figuras emblemáticas de Mazzini e Garibaldi, e da fragilidade do Partido da Ação, a seu favor.

Mota e Braick (2002) asseguram que o projeto de Cavour era a unificação da Itália sob o domínio da dinastia de Savóia; isto significava um alargamento do reino piemontês e a conseqüente negação de um movimento baseado em setores populares.

Como político, Cavour conseguiu aquilo que os italianos até então não alcançavam: a simpatia das forças internacionais. Isso graças a sua participação na guerra da Criméia, na qual aliou-se à França e Grã-Bretanha contra a Rússia. Com o tratado de Villa Franca, a Lombardia foi anexada ao Piemonte. Em 1860, após um plebiscito, Módena, Parma, Lucca e Toscana também se anexaram a região governada por Victor Emanuele II.

Cavour acreditava que, para ter sucesso numa guerra contra a Áustria, precisava de aliados fortes e respeitados no cenário diplomático europeu. Por isso, decidiu aliar-se a Grã-Bretanha e a França contra a Rússia, na Guerra da Criméia (1853-1856). Essa aliança aproximou Cavour do imperador francês Napoleão III (1808-1873), que em 1859 apoiou a casa de Savóia numa guerra contra a Áustria. Apesar de não ter alcançado o sucesso total, o reino do Piemonte-Sardenha praticamente dobrou seu território, anexando os ducados de Toscana, Parma e Módena e parte dos Estados pontifícios. Com isso tornou-se o Estado mais influente na Itália. (MOTA e BRAICK, 2002, p. 336).

Enquanto isso ao sul, em 1860, Giuseppe Garibaldi conquistou as duas Sicílias com os seus 1000 guerrilheiros que ficaram conhecidos como os camisas vermelhas. O processo de unificação teve continuidade com o Tratado de Praga, em 1866, que obrigou a Áustria a devolver Veneza a Itália.

⁸¹ Giuseppe Garibaldi (1807-1882) político, membro da Jovem Itália; após o fracasso de um ataque a Gênova (1836) vem para o Brasil, permanecendo até 1848. Schlesener (1992) informa que quando retornou a Itália para lutar pela República; combateu os austríacos na Lombardia e em 1849, após um fracasso em Roma, exila-se em 1854; em 1860, com o apoio de Cavour, organizou em Gênova a Expedição dos Mil, que conquistou o Sul da Itália, viabilizando a unificação. Deputado por Roma em 1874, retirou-se mais tarde para escrever suas memórias.

Em 1870, Roma é tomada, entretanto o papa não se rende. A anexação de Roma só se dará efetivamente em 1929 com o Tratado de Latrão, realizado no governo fascista de Benito Mussolini, no qual é criado o Estado do Vaticano.

3.1.1 Um novo caminho para a conquista da hegemonia proletária

No seu caderno 19, Gramsci analisa a literatura que se produziu sobre o Ressurgimento italiano e examina o papel dos dois partidos que atuaram na efetivação da unificação italiana, o Partido da Ação formado pela pequena burguesia, artesãos, pequenos comerciantes e o Partido dos Moderados formado pela união da grande burguesia e dos grandes agricultores.

Nesse estudo dá especial atenção as pessoas de Mazzini e Garibaldi – como “líderes” do Partido da Ação – e ao Conde de Cavour – como intelectual do Partido dos Moderados. Completando este panorama, expõe qual o papel da Igreja Católica, situada entre os principais oponentes do processo de unificação.

O novo Estado reuniu duas regiões profundamente diferentes, tanto econômica quanto culturalmente: o norte da Itália onde existia uma organização econômica similar à de outros Estados da Europa, propícia ao ulterior desenvolvimento do capitalismo e da indústria, e as regiões meridionais, nas quais a burguesia ainda não havia se constituído, onde a agricultura era primitiva e não era sequer suficiente para abastecer o mercado local.

É preciso lembrar que a unidade ocorreu principalmente a partir das pressões de núcleos regionais burgueses que precisavam ampliar seus mercados para desenvolver sua capacidade capitalista, “impelida pela necessidade de mercados sempre novos, a burguesia invade todo o globo terrestre. Necessita estabelecer-se em toda parte, explorar em toda parte, criar vínculos em toda parte” (MARX e ENGELS, 2007, p. 43).

Ao analisar o papel dos dois partidos no processo de unificação Gramsci acentua que “[...] os moderados representavam um grupo social relativamente homogêneo, de modo que sua direção sofreu oscilações relativamente limitadas” (GRAMSCI, 2011d, p. 62). Já o partido da Ação:

[...] não se apoiava especificamente em nenhuma classe histórica e as oscilações sofridas por seus órgãos dirigentes, se compunham, em última análise, segundo os

interesses dos moderados; ou seja, historicamente o Partido da Ação foi guiado pelos Moderados; a afirmação atribuída a Victor Emanuele II “ter no bolso” o Partido da Ação, ou algo semelhante, é praticamente exata, e não só pelos contatos pessoais do Rei com Garibaldi, mas porque, de fato, o Partido da Ação, foi dirigido “indiretamente” por Cavour e o Rei. (idem, *ibidem*).

Embora o partido da Ação tivesse sua origem a partir de princípios da Revolução Francesa com uma ideologia mazziana, não era ligado especificamente a nenhuma fração popular.

Para o Partido da Ação, o problema se colocava de modo diverso. Sua base social era extremamente heterogênea: não se localizava em nenhum grupo social fundamental específico. Não tinha assim possibilidades concretas de atração. Mais do que dirigir, era dirigido. Sua relação com as massas populares passava inclusive por fortes reminiscências históricas: o pânico de um 93 terrorístico reforçados pelos acontecimentos franceses do 48-49. Acontecimentos que os deixavam temerosos na sua relação com o povo, não permitindo assim essa aproximação. Além disso alguns de seus mais importantes dirigentes, como Garibaldi, estavam “em relação pessoal de subordinação com os chefes moderados”. (idem, *ibidem*, p. 99).

Na análise da relação que se dá entre os dois partidos no *Risorgimento*, Gramsci explicita a necessidade do grupo ser dirigente antes mesmo de chegar ao poder, já que “a supremacia de um grupo social se manifesta de dois modos, como “domínio” e como “direção intelectual e moral” (idem, *ibidem*, p. 62). Aqui está expresso o conceito gramsciano de hegemonia⁸² da classe trabalhadora, ou seja, capacidade de direção que fornece à ditadura do proletariado as bases sociais necessárias. Nesse sentido, a supremacia de um grupo dominante é “concebida como direção e domínio, e portanto, como conquista, persuasão, do consenso, mas também como força para reprimir as classes adversárias” (GRUPPI, 1978, p. 58).

Embora a noção de hegemonia estivesse presente nas reflexões da juventude de Gramsci, Simionato (2011) nos informa que esse tema passa a assumir uma relevância mais explícita com o ensaio “Alguns temas da questão meridional”.

Podemos entender melhor essa inflexão ao lembrarmos que:

Antes mesmo de escrever o ensaio de 1926, Gramsci expõe o caminho a ser trilhado na luta pela conquista da hegemonia. Serão as discussões sobre a política de ‘frente única’ surgida no III Congresso da Internacional Comunista em 1921 que lhe possibilitarão formular a categoria da hegemonia a partir de um novo patamar

⁸² No livro *O Conceito de Hegemonia em Gramsci*, Gruppi (1978, p. 1) informa que o termo hegemonia deriva do grego *eghestai*, que significa “conduzir”, “ser guia”, “ser líder”; ou também do verbo *eghemoneuo*, que significa “ser guia”, “preceder”, “conduzir”, e do qual deriva “estar a frente”, “comandar”, “ser o senhor”. Por *eghemonia*, o antigo grego entendia a direção suprema do exército. Trata-se portanto de um termo militar. Hegemônico era o chefe militar, o guia, também o comandante do exército. Na época das guerras do Peloponeso, falou-se de cidade hegemônica para indicar a cidade que dirigia a aliança das cidades gregas em luta entre si.

teórico. É a partir da política da frente única, que defendia a necessidade de alianças dos comunistas com as demais forças operárias e socialistas, que Gramsci terá a brilhante intuição da diferenciação entre sociedades orientais e ocidentais, ou seja, as condições da revolução socialista nos países da Europa Central e Ocidental apresentavam-se de forma diversa da Rússia. Isto significa, na prática, o encaminhamento de uma análise histórica, o reconhecimento do terreno nacional e uma reflexão voltada para a compreensão do estado capitalista em suas especificidades históricas (idem, *ibidem*, p. 44-45).

Para além das interpretações do Estado de Maquiavel a Hobbes, Locke, Rousseau até Hegel⁸³, Gramsci, seguindo o método de Marx de investigação da realidade concreta, que já havia no século XIX em suas análises dessacralizado o Estado, isto é, juntamente com Engels tinham exposto seu caráter de classe no Manifesto do Partido Comunista “o executivo no Estado moderno não é senão um comitê para gerir os negócios comuns de toda a classe burguesa” (MARX e ENGELS, 2007, p. 42), escreve a Tatiana, em 1931, relatando sua concepção de intelectuais e de Estado:

[...] eu amplio muito a noção de intelectual e não me limito à noção corrente, que se refere aos grandes intelectuais. Esse estudo também leva também a certas determinações do conceito de Estado, que habitualmente é entendido como sociedade política (ou ditadura, ou aparelho coercitivo para adequar a massa popular a um tipo de produção e a economia a um dado momento); e não como equilíbrio entre a sociedade política e sociedade civil (ou hegemonia de um grupo social sobre a inteira sociedade nacional, exercidas através de organizações ditas privadas, como a igreja, os sindicatos, as escolas, etc.), e é especialmente na sociedade civil que atuam os intelectuais [...] (GRAMSCI, 2005b, p. 84).

Nesse panorama a noção de hegemonia articula-se à concepção gramsciana de Estado,

Que se propõe compreender as novas características da formação e reprodução das relações de poder nas sociedades onde o capitalismo alcançou um novo estágio do seu desenvolvimento. Nestas sociedades o poder é exercido através da sociedade política, composta pelos aparelhos políticos-burocráticos e político-militar, pelos quais a classe que detém o poder tem condições de reprimir e disciplinar os grupos sociais que se opõem ao seu domínio; e da sociedade civil, formada pelas instituições que elaboram e/ou divulgam as ideologias, possibilitando a formação do consenso, base de sustentação das relações de poder (SCHLESENER, 1992, p. 18).

Diante da complexificação das sociedades ocidentais⁸⁴, que Gramsci presencia em seu tempo, isto é, ao contrário do que ocorria no Oriente, no qual havia um predomínio quase

⁸³ Em seu livro “Tudo começou com Maquiavel: as concepções de Estado em Marx, Engels, Lênin e Gramsci” Luciano Gruppi (1986) delinea o surgimento e consolidação do Estado Moderno, expondo as concepções de Estado em Maquiavel, Bodin, Hobbes, Locke, Kant, Rousseau, Benjamin Constant, Tocqueville, Croce, Hegel, Marx, Engels, Lênin e Gramsci.

⁸⁴ É importante lembrar que para Gramsci o enquadramento nos termos oriente e ocidente não se limita a localização geográfica de cada país, mas, sobretudo, a seu desenvolvimento histórico. Entende-se como

absoluto do Estado-coerção sendo a sociedade civil caracterizada por sua debilidade, no Ocidente era encontrado um equilíbrio entre sociedade civil e sociedade política (Estado – força e consenso).

A partir da constatação desta diferença, como assevera Coutinho (1999) torna-se possível a Gramsci estabelecer uma estratégia de luta adequada a realidade do ocidente,

[...] nas formações “orientais”, a predominância do Estado-coerção impõe a luta de classes uma estratégia de ataque frontal, “uma guerra de movimento” ou de “manobra”, voltada diretamente para a conquista e conservação do Estado em sentido restrito; no “Ocidente”, ao contrário, as batalhas devem ser travadas inicialmente no âmbito da sociedade civil, visando à conquista de posições e de espaços (guerra de posição), da direção político-ideológica e do consenso dos setores majoritários da população, como condição para o acesso ao poder do Estado e para sua posterior conservação (1999, p. 147).

Gramsci observa que nos estados mais avançados a sociedade civil tornou-se uma estrutura muito complexa e resistente a irrupções catastróficas do elemento econômico imediato (crises, depressões, etc.): “as superestruturas da sociedade civil são as trincheiras na guerra moderna”.

Ainda em sua elaboração sobre a hegemonia, o marxista italiano, lança mão do conceito de bloco histórico para explicar as correlações de força que atuam na sociedade ocidental.

O conceito de bloco histórico tem sua origem em Georges Sorel, teórico francês do sindicalismo revolucionário. Gramsci parte dele, mas amplia esta visão, utilizando-a em sentido conjuntural, isto é, bloco histórico tem para ele a noção de articulação entre infraestrutura e superestrutura, ou de formação social no sentido marxiano. Nas notas sobre a questão meridional, Gramsci emprega essa categoria para indicar alianças de classe e se refere especialmente ao bloco industrial-agrário. Nos cadernos, ele inclui no conceito de bloco histórico os componentes que Sorel excluiu, ou seja, os intelectuais, o partido, o Estado, bem como o nexo filosófico entre estrutura e superestrutura (SIMINONATTO, 2011, p. 47).

Dentro deste bloco, que assume características diferentes em cada momento da história, se dá uma relação de reciprocidade entre a estrutura (forças materiais) e a superestrutura (forças ideológicas e de formação do consenso). É no interior do bloco histórico que se explicitam as relações de hegemonia.

3.2 O lugar dos intelectuais no processo de emancipação humana

A temática do intelectual tem ocupado lugar considerável dentro do marxismo. Simionatto (2011) nos lembra que Marx dedicou, nos estudos que produziu em *A Ideologia Alemã*, juntamente com Engels, bem como na *Miséria da Filosofia*, mediante as críticas dirigidas a Proudhon, muita atenção a esse tema

A discussão presente em *A Ideologia Alemã* e no próprio *Manifesto Comunista* sobre o socialismo utópico e o socialismo científico contempla, certamente, uma discussão sobre os intelectuais, que não se refere apenas ao nível da militância, mas levanta um debate sobre a busca do conhecimento, sobre o desenvolvimento de uma reflexão científica forte e consciente. É uma discussão sobre a relação do intelectual com as controvérsias que permeiam a sociedade, com o jogo das forças sociais, debate que coloca, de certa forma, o problema do intelectual tradicional e do intelectual orgânico (p. 56).

A referida autora ainda nos esclarece que “praticamente em toda a sua obra, ao discutir o campo das ideias, da ciência e da ideologia, Marx discute a presença do intelectual na vida social” (idem, *ibidem*).

Na tradição marxiana, Gramsci é o autor que se debruça a fundo nessa temática. Nos escritos da juventude, nos textos jornalísticos, em cartas aos familiares, o tema dos intelectuais vai ganhando aos poucos cada vez mais espaço. Entrelaço na discussão sobre a cultura, educação, alienação e ideologia, dentre outros, encontramos o tema dos intelectuais, até chegar a sua obra da maturidade, os *Cadernos do Cárcere*, no qual, ganharão destaque, na redação de um caderno exclusivo, e diferente da grande maioria dos demais cadernos, teve seu título dado pelo próprio autor – *Os Intelectuais*.

Aqui é preciso assinalar que a análise gramsciana se coloca na trilha da clássica relação indicada por Marx entre estrutura e superestrutura, ou seja, as “classes sociais nascem e se constituem no terreno da produção econômica até outros aspectos da vida social e estatal” (SIMIONATTO, 2011, p. 57).

Para prosseguirmos nessa exposição, faz-se necessário que examinemos mais profundamente como se desdobra a temática dos intelectuais em Gramsci. Para ele existem dois tipos de intelectuais: os tradicionais e os orgânicos.

Como bem explana o marxista italiano, logo no início da redação de seu caderno 12, o “problema em definir os intelectuais era complexo” (p.15). Isso se dava devido as várias formas que haviam assumido até ali; o processo real de formação das diversas

categorias de intelectuais. Na concepção gramsciana, o intelectual se define pelo seu lugar e pela sua função que ocupa no conjunto das relações sociais.

Os intelectuais tradicionais são aqueles que sobreviveram ao desaparecimento do modo de produção anterior e que não se acham atualmente organicamente ligados a nenhuma das classes fundamentais, como explica o marxista italiano:

Todo grupo social “essencial”, contudo, emergindo na história a partir da estrutura econômica anterior e como expressão do desenvolvimento desta estrutura, encontrou – pelo menos na história que se desenrolou até nossos dias – categorias intelectuais preexistentes, as quais apareceriam, aliás, como representantes de uma continuidade histórica que não foi interrompida nem mesmo pelas mais complicadas e radicais modificações das formas sociais e políticas. (GRAMSCI, 2011d, p. 16).

Aqui é interessante assinalar que, para Gramsci, os intelectuais tradicionais não são sinônimo de intelectual conservador, bem como veremos mais adiante, os intelectuais orgânicos também não são sinônimo de intelectual revolucionário.

O intelectual tradicional também pode ser revolucionário, na medida em que, na passagem de uma formação histórica a outra, passe a defender os interesses da classe subalterna.

Nesse sentido, o intelectual tradicional não está preso ao passado, visto que ele se articula ao presente porque é, “ao mesmo tempo, depositário de uma tradição cultural” (SIMIONATTO, 2011, p. 59).

O intelectual orgânico, como já dissemos anteriormente, é aquele que expressa, organiza, defende os objetivos do grupo social ao qual está vinculado, isto é, pertencente a uma classe e entrelaçado nas relações sociais dá a esse grupo do qual se originam homogeneidade e consciência de sua própria função.

O conceito de intelectual orgânico implica as relações dos grupos intelectuais com as classes fundamentais e a explicitação de suas funções técnicas. A concepção de organicidade é inerente à formação mesma das suas competências e das funções que desenvolvem no interior do modo de produção capitalista, inclusive o encaminhamento das lutas junto à classe a que está vinculado. Estar vinculado organicamente a uma classe não significa agir de fora, externamente, de maneira mecânica. Significa sim, participar efetivamente de um projeto junto às classes fundamentais: burguesia ou proletariado (idem, ibidem, p. 63).

O que define o caráter orgânico do intelectual depende de dois fatores: sua relação com a classe a que pertence e o lugar que ocupa nas organizações da sociedade econômica, política e civil.

[...] a origem de classe de um intelectual pode ser diversa e até mesmo oposta à classe a que está organicamente vinculado [...] Marx e Lênin, só para exemplificar, eram de origem pequeno-burguesa, mas se vincularam ao proletariado [...] (idem, ibidem).

A importante contribuição do estudo de Gramsci sobre os intelectuais, se dá no campo de luta pela conquista da hegemonia das classes subalternas. Isso porque, além de organizadores da função econômica, os intelectuais são entendidos por ele como portadores da hegemonia que a classe dominante exerce na sociedade civil, “Os intelectuais são os ‘prepostos’ do grupo dominante para o exercício do grupo dominante para o exercício das funções subalternas da hegemonia social e do governo político” (GRAMSCI, 2011b, p. 21).

Para Gramsci o caminho para a conquista da hegemonia proletária encontra exigências fundamentais, como superar o corporativismo; destruir a dominação ideológica que a classe dominante exerce sobre os subalternos com a construção de uma nova concepção de mundo da classe trabalhadora que lhe permita ascender do senso comum à consciência filosófica. No contexto das relações hegemônicas, a direção política e cultural de uma classe social sobre a sociedade se realiza pela mediação de seus intelectuais.

Ciente da fragilidade da capacidade de organização da classe trabalhadora diante da dominação e aprisionamento de sua subjetividade pela burguesia, “o proletariado, como classe, é pobre de elementos organizativos; não tem e não pode formar um estrato próprio de intelectuais a não ser muito lentamente, de modo muito trabalhoso [...]” (GRAMSCI, 2004b, p. 434). O político comunista combate o preconceito que é difundido de que a filosofia seja algo muito difícil de ser apreendido, sendo, portanto possível apenas a pequenos grupos

É preciso destruir o preconceito, muito difundido, de que a filosofia é algo muito difícil pelo fato de ser a atividade intelectual própria de uma determinada categoria de cientistas especializados ou de filósofos profissionais e sistemáticos. É preciso, portanto, demonstrar preliminarmente que todos os homens são “filósofos”, definindo os limites e as características desta “filosofia espontânea”, peculiar a “todo o mundo”, isto é, da filosofia que está contida: 1) na própria linguagem, que é um conjunto de noções e de conceitos determinados e não, simplesmente, de palavras gramaticalmente vazias de conteúdo; 2) no senso comum e no bom senso; 3) na religião popular e, conseqüentemente em todo o sistema de crenças, superstições, opiniões, modos de ver e de agir que se manifestam naquilo que geralmente se conhece por folclore. (GRAMSCI, 2011a, p. 93).

Para ele não podemos falar em homens não intelectuais. O que se deve diferenciar é que nem todos os homens ocupam na sociedade a função de intelectuais, mas todos podem ser considerados filósofos, visto que todos possuem ao menos uma filosofia espontânea

[...] todos os homens são intelectuais mas nem todos têm na sociedade a função de intelectuais (assim, o fato de que alguém possa, em determinado momento, fritar dois ovos ou costurar um rasgão no paletó não significa que todos sejam cozinheiros ou alfaiates). Formam-se assim, historicamente, categorias especializadas para o exercício da função intelectual. (Gramsci, 2011b, p. 18).

Justificando sua afirmação de que todos os homens são filósofos, Gramsci afirma que é preciso fazer a distinção entre aqueles que na sociedade atuam como intelectuais e os chamados “simples”, denominação utilizada pelo sardo no caderno 11 ao tratar da questão de preservação da unidade ideológica promovida pela Igreja Católica:

A força das religiões, e notadamente da Igreja Católica, constitui e consiste no seguinte: elas sentem intensamente a necessidade de união doutrinária de toda a massa religiosa e lutam para que os estratos intelectuais superiores não se destaquem dos inferiores. A Igreja romana foi sempre tenaz na luta para impedir que se formassem oficialmente duas religiões, a dos intelectuais e a das almas simples (idem, ibidem, p. 99).

Os simples possuem uma filosofia, aqui entendida como concepção de mundo, adquirida de forma espontânea, acrítica e apresenta-se de forma desagregada, incoerente, inconsequente. Diferente do filósofo profissional que “domina a técnica do pensamento reflexivo e coerente” (idem, ibidem, p. 182) a filosofia espontânea é a filosofia do homem da rua, filosofia vulgar e popular, sem rigor metodológico.

A teoria gramsciana de formação de intelectuais orgânicos da classe trabalhadora acena justamente com uma proposta contrária àquela da preservação da unidade ideológica da Igreja Católica, ou seja, por meio da Filosofia da Práxis com a mediação dos intelectuais promover uma aproximação dos estratos superiores e dos inferiores de tal forma elevando os últimos a um ponto que os primeiros sejam integrados a ele.

A posição da filosofia da práxis é antitética a esta posição católica: a filosofia da práxis não busca manter os simples na sua filosofia primitiva, do senso comum, mas busca, ao contrário, conduzi-los a uma concepção de mundo superior. Se ela afirma a exigência do contato entre intelectuais e dos simples não é para limitar a atividade científica e para manter uma unidade no nível inferior das massas, mas justamente para forjar um bloco intelectual-moral que torne politicamente possível um progresso intelectual de massa e não apenas de pequenos grupos intelectuais (GRAMSCI, 2011a, p. 103).

Esse processo se dá de forma dialética, indo ao senso comum e cancelando toda sua forma desagregada, mantendo o núcleo sadio que nele se encontra: o bom senso, que como afirma o sardo é a parte crítica do senso comum, direcionando-o, com a mediação dos intelectuais, para uma elevação de qualidade, uma concepção de mundo superior.

3.3 Uma nova inteligibilidade do real e o processo de superação da ideologia dominante

A décima primeira Tese sobre Feuerbach “os filósofos apenas interpretaram o mundo de diversas maneiras; porém o que importa é transformá-lo” (MARX e ENGELS, 1999, p. 14) exprime a grande preocupação de Gramsci na sua militância política e intelectual. Isto implicava em criar condições para que as classes subalternas se libertassem da dominação política e ideológica que as oprimiam.

Para atingir esse objetivo, isto é, subverter as relações de dominação, é preciso entender que mecanismos atuam nesse processo. Gramsci apresenta sua visão de dimensão ideológica de dominação de classe na sociedade capitalista que estaria dividida em dois momentos:

O primeiro momento dessa dominação é econômico: é a dominação do capital sobre o trabalho, que corresponde à exploração das classes subalternas. Tal exploração é a base da luta de classes, que se expressa na política, na luta ideológica, na disputa por hegemonia. Para garantir a dominação econômica (exploração), existe uma dominação político-ideológica, cuja principal agência é o Estado, enquanto defensor dos interesses das classes dominantes. Essa dominação de classe político-ideológica se faz pela repressão – o exército, a polícia, as prisões, a dominação pela força, que só deve ser acionada explicitamente em períodos de crise – e pela dominação ideológica – a produção de um consenso social que aceita a direção que a classe dominante dá à sociedade. (MOCHCOVITCH, 1988, p. 13).

O prisioneiro comunista entende que dois fatores atuavam na efetivação dessa dominação: a interiorização da ideologia dominante pelas classes subalternas e a ausência de uma visão de mundo coerente e homogênea por parte da classe trabalhadora que lhes permitisse autonomia.

As classes dominadas, presas ao senso comum, à religião, ao folclore, tinham uma visão de mundo desagregada, que não lhes permitia avançar, caracterizando a dominação ideológica como subordinação intelectual.

Para romper com a dominação era preciso criar a sua própria concepção de mundo, que diferente daquela do senso comum fosse unitária e homogênea, ou seja, formada de uma maneira crítica e consciente, num processo teórico-prático.

O instrumento para trabalhar o núcleo de bom senso que existe dentro do senso comum seria a Filosofia da Práxis. Na Itália não ocorreu uma reforma religiosa protestante como em outros países, esse era um dos motivos de seu atraso.

Para Gramsci, aos intelectuais orgânicos cabe a missão de levar a massa a Filosofia da práxis, assim, esse intelectual seria o organizador, dirigente, político, nascido das lutas políticas das classes dominadas.

4 MARX, GRAMSCI E A EDUCAÇÃO

Gramsci foi um dos pensadores marxistas que mais se debruçou sobre a temática da educação. Na esteira de Marx, sua proposta é de uma educação que proporcione aos homens o desenvolvimento omnilateral, isto é, de todas as suas potencialidades, pressuposto para o processo de emancipação humana.

Neste capítulo buscamos demonstrar que a proposta de Gramsci só é possível a partir do pensamento de Marx. Apresentamos os pressupostos marxianos e posteriormente gramscianos de uma proposta de educação emancipatória. Tratamos ainda dos questionamentos de Gramsci em relação aos métodos surgidos no século XX, ditos revolucionários. De maneira especial expomos o escolanovismo na vertente de John Dewey. Finalizamos com apontamentos iniciais sobre as considerações de Gramsci sobre a formação do educador.

4.1 Marxismo e educação

Dante Alighieri, no início do Inferno – parte integrante de sua obra, Divina Comédia, invoca a figura do poeta Virgílio, para guiá-lo rumo a uma saída:

Dante, perdido numa selva escura, erra nela toda a noite. Saindo ao amanhecer, começa a subir por uma colina, quando lhe atravessa a passagem uma pantera, um leão e uma loba, que o repelem para a selva. Aparece-lhe então a imagem de Virgílio, que o reanima e se oferece a tirá-lo de lá, fazendo-o passar pelo Inferno e pelo Purgatório. Beatriz depois o guiará ao Paraíso. Dante o segue (DANTE, 1971, p. 17).

Virgílio significava para Dante um modelo de poeta:

“_ Óh! Virgílio, tu és aquela fonte
Donte em rio caudal brota a eloquência?
Falei curvando vergonhoso a fronte.

_Ó dos poetas lustre, honra, eminência!
Valham-me o longo estudo, o amor profundo
Com que em teu livro procurei ciência!

“És meu mestre, o modelo sem segundo;
Unicamente és tu que hás me ensinado;
O belo estilo que honra-me no mundo.
(idem, ibidem, p. 21)

Se para Dante, Virgílio é um mestre que lhe conduz pelo inferno e purgatório rumo a saída, para Gramsci, é Marx, o grande mestre da dialética que o conduz por meio da Filosofia da Práxis a encontrar a saída para a falácia da naturalização da dominação capitalista. Assim, é em Marx que Gramsci encontra os elementos necessários para sair da câmara escura, na qual, o entendimento sobre a realidade humana está submetido.

[...] E se, em toda ideologia, os homens e suas relações aparecem invertidos como numa câmara escura, tal fenômeno decorre de seu processo histórico de vida, do mesmo modo por que a inversão dos objetos na retina decorre de seu projeto de vida diretamente físico (MARX e ENGELS, 1999, p. 37).

Conforme exposto no capítulo anterior, a preocupação de Gramsci com a questão educacional se coaduna a seu projeto de elevação cultural e moral da classe trabalhadora, sendo necessário superar o senso comum e construir uma concepção de mundo homogênea e coerente, uma consciência filosófica com o auxílio da Filosofia da Práxis.

Entendemos, assim, que a concepção gramsciana de educação, segue, na esteira de Marx, a profunda preocupação de formação omnilateral, de superação da divisão social do trabalho.

Essa superação, como bem nos esclarece Lukács, não se trata de dizer que no campo da cultura signifique uma completa renúncia ao passado, destarte, trata-se de um momento dialético.

[...] que a emancipação do proletariado comporte no campo da cultura uma completa renúncia ao passado. Os clássicos e fundadores do marxismo jamais adotaram tal ponto de vista. No entender deles, a concepção do mundo proletário, a sua luta pela emancipação e a futura civilização a ser criada por essa luta devem herdar todo o conjunto de valores reais elaborados pela evolução plurimilenar da humanidade. Lênin constata, num de seus trabalhos, que uma das razões da superioridade do marxismo em comparação com as ideologias burguesas consiste exatamente nesta sua capacidade de incorporar criticamente toda a herança da cultura progressista e de assimilar organicamente tudo o que é grande no passado. O marxismo supera estes seus predecessores apenas (se quem que 'apenas' signifique muitíssimo, que metodologicamente, que no que concerne ao conteúdo) por tornar conscientes as suas aspirações, eliminando os desvios idealistas e mecanicistas de tais aspirações, reconduzindo-os às suas verdadeiras causas e inserindo-as apropriadamente no sistema de leis da evolução social (LUKÁCS, 2010, p. 24).

Em 1918, no artigo O Nosso Marx, publicado no jornal O Grito do Povo, Gramsci promove uma exposição sobre o marxismo e o método utilizado pelo filósofo alemão em seu estudo com impecável apreensão da teoria marxiana

Marx foi grande, sua ação foi fecunda, não porque inventou a partir do nada, não porque extraiu de sua fantasia uma visão original da história, mas porque nele o fragmentário, o incompleto e o imaturo se tornaram maturidade, sistema e tomada de consciência. Sua tomada de consciência pode se tornar de todos, já se tornou de

muitos, por causa disso, ele não é somente um estudioso, mas também um homem de ação; é grande e fecundo tanto na ação como no pensamento, seus livros transformaram o mundo tanto quanto transformaram o pensamento [...] Marx se planta na história com a sólida estrutura de um gigante. Não é nem um místico nem um metafísico positivista, mas um historiador, um intérprete de documentos do passado, de todos os documentos, não apenas de uma parte deles (GRAMSCI, 2004a, p. 161).

O que tentamos demonstrar aqui é que a análise de Gramsci só é possível a partir de Marx. Diante disso, precisamos voltar ao autor de *O Capital*. Semeraro nos esclarece que em 1845, quando Marx e Engels escreviam a *Ideologia Alemã*, o mundo das ordens não existia mais.

Na Europa a intensa atividade nas fábricas e a agitação política revolucionavam as relações sociais, provando que a sociedade podia ser recriada pela iniciativa e a audácia de diferentes protagonistas. Então, em contraposição à burguesia instalada nos centros de poder, irrompiam na história também classes organizadas de trabalhadores que carregavam aspirações próprias e lutavam por um mesmo projeto de sociedade (2006, p. 129).

Nesse novo contexto, os intelectuais não podiam se limitar mais ao mundo das ideias e das palavras. A própria figura de Marx, demonstrava claramente que novo intelectual o momento exigia:

[...] um novo intelectual politicamente compromissado com o grupo social para fazer e escrever a história e, por isso, capaz de refletir sobre o entrelaçamento material com as controvertidas práticas da reprodução simbólica. (idem, *ibidem*, p. 130).

A partir de agora, mais do que elucubrações mentais, era preciso conhecer o funcionamento da sociedade, descobrir os mecanismos de dominação encobertos pela ideologia dominante. Só assim, a classe trabalhadora poderia caminhar rumo a luta pelo rompimento do trabalho explorado.

A Filosofia da Práxis apresenta-se como a base deste novo modelo de educação pensada por Marx. A nova filosofia é da práxis porque está profundamente entrelaçada com o movimento do real que supera o estado das coisas.

Totalmente ao contrário do que ocorre na filosofia alemã, que desce do céu à terra, aqui se ascende da terra ao céu. Ou, em outras palavras: não se parte daquilo que os homens dizem, imaginam, ou representam, e tampouco dos homens pensados, imaginados e representados para, a partir daí, chegar aos homens de carne e osso; parte-se dos homens realmente ativos e a partir de seu processo de vida real [...] (MARX e ENGELS, 1999, p. 37).

Marx inaugura aquilo que Gramsci deseja para toda a massa trabalhadora, uma concepção de mundo original, ligada aos processos do real, que lhes dê a possibilidade de

passar da subjugação a subjetivação. Indica ainda, que a fabricação de conceitos e de teorias não acontece no vazio da mente, mas dentro de determinados processos histórico-econômicos e em sintonia com seus protagonistas políticos.

Os pressupostos de que partimos não são arbitrários, nem dogmas. São pressupostos reais de que não se pode fazer abstração a não ser na imaginação. São os indivíduos reais, sua ação e suas condições materiais de vida, tanto aquelas por ele já encontradas, como as produzidas por sua própria ação (MARX e ENGELS, 1999, p. 26).

Um dos pressupostos para formar os intelectuais desse tempo era o de uma formação omnilateral

Pensar pois, na formação do trabalhador é pensar inicialmente para além de uma formação para o trabalho. Da mesma, forma, é pensar numa formação daquele que trabalha para além da realização instrumental de uma tarefa, para além do trabalho alienado. É nesse contexto que a formação do trabalhador deve ser pensada no contexto da formação omnilateral para além de uma formação instrumental e alienada (MAIA FILHO, 2011, p. 226).

Entendamos omnilateral, como nos explica Manacorda (2010, p. 94) como o “desenvolvimento total, completo, multilateral, em todos os sentidos, das faculdades e das forças produtivas, das necessidades e da capacidade da sua satisfação”.

4.2 Educação em Gramsci

A questão educacional me interessa muitíssimo (GRAMSCI, 2005a, p. 439).

A questão pedagógica perpassa toda a obra de Gramsci, desde o período pré-carcerário (1914-1926), na qual se destaca a educação política das massas, passando pelos Cadernos do Cárcere, onde se percebe a maturidade da reflexão do sardo até as cartas dirigidas aos familiares, nas quais se expressam a preocupação em torno da educação dos filhos e sobrinhos, intimamente imbricadas numa preocupação pedagógica com a educação da classe trabalhadora.

Aqui vale lembrar que:

Na Sardenha Gramsci sonhava tornar-se professor de língua e literatura italiana, em uma escola de uma carreira como catedrático universitário e linguista. Porém, na cidade vermelha, sob o influxo do movimento operário, interessava-se pelas questões da cultura operária e popular. Afastado da Universidade devido à

fragilidade de sua saúde e dificuldades econômicas, abraçara com paixão o jornalismo político e militância socialista. (MAESTRI e CANDREVA, 2007, p. 106).

Lajolo (1982) recorda que durante o período da ocupação das fábricas, constantemente o político dava lugar a um tom mais pedagógico quanto se dirigia às massas, entretanto essa caráter didático não significava rebaixamento da linguagem, tão pouco dos conteúdos – atitude severamente criticada por Gramsci no *L'Ordine Nuovo*

Não há nem duas verdades, nem dois modos diversos de discutir. Não há nenhum motivo por que um trabalhador deva ser incapaz de chegar a gostar de um canto de Leopardi mais do que de uma canção popular, digamos, de Felice Cavallotti, ou de um outro poeta popular; de uma sinfonia de Bethoven mais do que de uma canção de Piedigrotta. E não há nenhum motivo por que, dirigindo-se a operários e camponeses, tratando de problemas que lhes dizem respeito tão de perto, como os da organização de sua comunidade, deva-se usar um tom menor, diverso daquele que convém a tais temas. Vocês querem que quem até ontem foi escravo se torne homem? Então, devem começar a tratá-lo, sempre, como um homem. O maior passo à frente já terá sido dado. (GRAMSCI *apud* LAJOLO, 1982, p. 38).

Na redação do jornal *Grido del Popolo*, em 1917, Gramsci já era alvo de críticas irônicas e oportunistas da burguesia⁸⁵ quanto a sua maneira de escrever para o proletariado, negando-se a falar-lhes em uma linguagem pobre e conseqüentemente empobrecer-lhes o raciocínio.

Na esteira de Marx, a educação pensada por Gramsci objetivava a formação omnilateral do homem, isto é, uma formação que lhe permitisse o desenvolvimento de todas as suas potencialidades. É a educação já defendida por Marx em suas Instruções aos Delegados ao I Congresso Internacional dos Trabalhadores de agosto de 1866

Por instrução, nós entendemos três coisas:

Primeiro: instrução intelectual;

Segunda: educação física, assim como é ministrada nas escolas de ginástica e pelos exercícios militares;

Terceira: treinamento tecnológico que transmita os fundamentos científicos gerais de todos os processos de produção e que contemporaneamente, introduza a criança e o adolescente no uso prático e na capacidade de manusear os instrumentos elementares de todos os ofícios. (MARX *apud* MANACORDA, 2010, p. 358).

A proposta educativa de Gramsci afina-se com a proposta de Marx, quando ambos pensam uma educação que busque unir teoria e prática, “longe estava de significar a defesa de uma instrução profissionalizante destinada à formação de mão de obra ligada a funções

⁸⁵ Nosella (210) esclarece que na verdade o que incomodava a burguesia eram as análises de Gramsci porque tocavam com inteligência as questões de fundo, desmascaravam sua ideologia e engrossavam cada vez mais um quadro de operários-socialistas realmente competentes.

subalternas [...] proposta predileta dos burgueses” (Jimenez, 2001b, p. 70), mas sim uma ação transformadora da realidade, no intuito da elevação cultural da classe operária.

Gramsci entende o homem como um ser histórico, negando assim as concepções metafísicas e idealistas: “Eu penso que o homem é toda uma formação histórica obtida com coerção (entendida não só como sentido brutal e de violência externa) e é só o que penso, de outra forma cairia numa espécie de transcendência ou imanência” (GRAMSCI, 2005a, p. 386).

Mesmo em 1916, quando ele está ainda no processo de transição do idealismo para o marxismo, sua aproximação com o real já lhe permite entrever as contradições que emergem da proposta de educação profissional sugerida pela burguesia com o respaldo do Estado:

Emblematicamente, no que se refere às presenças de Croce e Marx em seu pensamento, assistiremos a dois desenvolvimentos paralelos e opostos; quanto mais um é jogado ao fundo e negado, tanto mais o outro emerge em primeiro plano e vem ser finalmente compreendido fora dos esquemas da vulgarização (Coutinho, 1990, p. 19).

Nesse mesmo ano, Gramsci escreve dois artigos que tem como cerne o tema da educação. Em janeiro o artigo *Socialismo e Cultura* e em dezembro o artigo *Homens ou Máquinas*. Embora ele ainda não tenha desenvolvido o conceito da escola unitária, seu alvo se torna a educação classista fornecida pelo Estado.

No artigo “*Socialismo e Cultura*” (GRAMSCI, 2004a, p. 56) desvela a pseudocultura ofertada às classes subalternas e expõe aquela que realmente é necessária para a emancipação da mesma, entendida como classe em desenvolvimento histórico.

No artigo “*Homens ou Máquinas*” (idem, *ibidem*, p. 73) o jornalista italiano denuncia a falta de uma proposta escolar por parte do PSI que se diferenciava dos demais programas da época, propiciando a perpetuação da escola na Itália como “um organismo estritamente burguês, no pior sentido da palavra” (idem, *ibidem*).

A escola era assim reflexo imediato da divisão do trabalho,

[...] pagas com o recurso do tesouro nacional, e, portanto, também com os impostos pagos diretos pelo proletariado, só podem ser frequentadas pelos jovens filhos da burguesia, que desfrutam da independência econômica necessária para a tranquilidade nos estudos. Um proletário, ainda que inteligente, ainda que com todas as condições necessárias para se tornar um homem de cultura é obrigado ou a desperdiçar suas qualidades em outras atividades, ou a tornar-se um obstinado, um autodidata, ou seja, com as devidas exceções, um meio homem, um homem que não pode dar tudo o que poderia dar caso tivesse se completado e fortalecido na disciplina da escola. (GRAMSCI, 2004a, p. 74).

A manobra da burguesia com a criação das escolas profissionais intentava, na verdade, perpetuar a dualidade classista na educação como bem lembra Jimenez (2001b) “as classes dominantes, através da história, tem lançado mão dos maiores malabarismos para tentar instruir os trabalhadores sem educá-los para governar” (p. 75). Enquanto a educação humanista era reservada aos filhos da classe dominante, restavam para o proletariado as escolas profissionais.

Gramsci se coloca do ponto de vista das classes subalternas, ou como bem analisa Germino (2003), da margem para o centro, negando o modelo educacional que colocava a escola como privilégio de poucos, preconizando uma educação que permitisse a formação ampla, desinteressada.

O proletariado precisa de uma escola desinteressada. Uma escola na qual seja dada à criança a possibilidade de ter uma formação, de tornar-se um homem, de adquirir aqueles critérios gerais que servem para o desenvolvimento do caráter [...] Uma escola que não hipoteque o futuro da criança e não constrinja sua vontade, sua inteligência, sua consciência em formação a mover-se por um caminho cuja meta seja prefixada [...] a escola profissional não deve se tornar numa incubadora de pequenos monstros aridamente instruídos para um ofício, sem ideias gerais, sem cultura geral, sem alma, mas só com o olho certo e a mão firme. (idem, *ibidem*, p. 75).

O vocábulo desinteressado, tantas vezes utilizado por Gramsci, precisa ser apreciado em seu sentido filológico a fim de que apreendamos o real significado que o escritor dos Cadernos do Cárcere pretende alcançar.

Considerando sua terminologia caracteristicamente italiana, Nosella (2010, p. 47) nos esclarece que em português se contraporía a “interesseiro, mesquinho, individualista, de curta visão, imediatista e até oportunista”. O interesse de Gramsci é uma educação que forme pessoas de visão ampla e complexa, porque governar é uma missão difícil.

Diante da passividade do PSI frente a falta de formação dos quadros, em 1917, juntamente com um grupo de amigos, funda uma Associação de Cultura. Logo em seguida tem uma nova experiência com a fundação de Clube de Vida Moral, sobre o qual chega a pedir a opinião de Lombardo Radice⁸⁶, com o qual polemizará no futuro sobre o exagero na utilização dos métodos ativos na Itália.

⁸⁶ Lombardo Radice foi considerado por Adolphe Ferrière como um dos pioneiros da escola nova na Europa. Durante o período que Giovane Gentile foi Ministro da Educação na Itália, Radice foi responsável pela reforma na educação básica. Mais tarde tanto Ferrière quanto Gramsci perceberão os exageros de Radice em relação à aplicação dos métodos ativos.

No período da ocupação das fábricas, no *biênio rosso*, seu espírito pedagógico cresce ainda mais com a escola de formação dos quadros. Mas é no cárcere, que amadurecerá sua concepção educativa com a proposta da escola unitária.

In nuce, o modelo de educação defendida por Gramsci, na esteira de Marx, é aquele que possibilite o desenvolvimento de todas as potencialidades do homem, que lhe permita, em comparação ao Renascimento, tornar-se um Leonardo D'vinci, um contemporâneo de seu tempo.

Defendendo uma proposta educativa comprometida com a emancipação humana Gramsci polemiza com algumas tendências pedagógicas que surgiam no seu tempo que se auto denominavam inovadoras por romperem com os antigos modelos de ensino apoiadas em novas áreas de estudo que despontavam como é o caso da Psicologia. Sua crítica não desmerecia os métodos ativos de ensino e sim os fins que estes acabavam por propiciar, como o exemplo de sua análise do plano Dalton em carta à Giulia.

Nesse sentido, desenvolvemos a seguir uma breve apreciação de uma dessas propostas ditas inovadoras, o escolanovismo, aqui referenciada pelo modelo do seu expoente estaduniense John Dewey e a educação pensada por Gramsci.

4.2.1 *Uma nova escola para formar o novo homem*

Sucholdolski, na obra “A Pedagogia e as Grandes Correntes Filosóficas”, ao fazer uma reflexão sobre as características das Pedagogias da Essência e da Existência⁸⁷, aponta que a primeira, a mais antiga, traz uma concepção ideal de homem e de educação; a segunda, cujas bases foram delineadas no século XIX, preocupa-se com o homem como ele é e não como deveria ser. A primeira considera o homem como a-histórico; na segunda, o homem é inserido na história, mas sem levar em conta as múltiplas determinações que o cercam. Cabe ainda dizer, com base no autor, que ambas as pedagogias possuem elementos de contato, como, por exemplo, ajustar o homem às determinações sociais que o circundavam.

No âmbito da Filosofia da Educação, como esclarece Saviani (2009), a Pedagogia da Existência, da qual os métodos ativos atuais são herdeiros, surgiu para se contrapor à

⁸⁷ Suchodolski apresenta Platão e S. Tomás de Aquino como exemplos de pensadores relacionados à pedagogia da essência. Enquanto que para a pedagogia da existência cita os nomes de Rousseau e Kierkegaard.

Pedagogia da Essência. Do mesmo modo, no âmbito da História da Educação, a Escola Nova possuía como principal prerrogativa o rompimento com o modelo de educação predominante até então, chamado de tradicional, que, por sua vez, está diretamente relacionado com a Pedagogia da Essência.

A escola nova, pois, embora advogue a adoção de métodos ativos de ensino-aprendizagem fez parte de um movimento mais amplo que buscava a renovação da educação e do ensino. As raízes da escola nova encontraram eco na obra de Montessori, primeira médica mulher italiana, nas últimas décadas do século XX e seu empenho em destacar a experiência e a educação científica.

Na Europa, no final do século XIX, particularmente, a partir de 1889, na Inglaterra, ganhou força nos Estados Unidos, a partir de 1896, com a primeira escola experimental, cujo expoente máximo foi o norte-americano John Dewey⁸⁸. Constantemente associada à ideia de modernização, chegou ao Brasil num período em que a elite latifundiária do “café-com-leite” era enfraquecida e o processo de industrialização era crescente – cenário propício para o desenvolvimento da tendência escolanovista.

Acerca do contexto histórico no qual surgiu a escola nova, Manacorda (2010) afirma que o século XIX herdara os ideais da burguesia revolucionária no que diz respeito à instrução – ideais esses que começaram a ser delineados ainda no século XVIII – cujos princípios seriam “universalidade, gratuidade, estatalidade, laicidade e, finalmente, renovação cultural e primeira assunção do problema do trabalho” (p. 325).

Ora, no século XIX culmina um ciclo de grandes transformações, no modo de produzir os bens materiais. Depois da Idade Média a produção artesanal individual sofrera inúmeras alterações até chegar à manufatura, na qual cada trabalhador realizava apenas uma parte no processo de fabricação de produtos, fato que se agravou com a grande indústria, a partir da primeira metade do século XIX.

A Revolução provocada pela indústria trouxe desdobramentos para toda a sociedade. Com relação à educação, Manacorda (2010) relata que:

O processo de transformação do trabalho humano desloca massas inteiras da população para a cidade, provocando conflitos sociais, transformações culturais e revoluções morais inauditas [...]. Isto implica dizer que as condições e exigências da formação humana também precisavam acompanhar a mudança do novo modo de produzir bens materiais. (p. 327).

⁸⁸ Luzuriaga (1990) informa que a primeira escola experimental nos Estados Unidos foi a escola primária de Chicago, fundada pelo professor John Dewey.

Frente às novas ciências que surgiram no século XIX, como a psicologia e a sociologia, a pedagogia passou a ser cobrada por uma postura que lhe permitisse adentrar ao espírito da modernidade. É o que podemos perceber nas palavras de Monarcha:

Nos debates e nas discussões, a teoria alemã sobre a formação da pessoa ética e virtuosa (*Bildung*), orientada pelo imperativo categórico, caía por terra. Noutras palavras, orgulhosos da sociologia e da psicologia (termos recém-inventados por Comte e Stuart Mill), os teóricos repudiavam a pedagogia animada pela filosofia, cujo propósito de formação universal de homens cultos fora colocado sob suspeição, pelo fato de acionar processos considerados artificiais, verbais e abstratos e, claro, características de uma era ingênua e primitiva, portanto, proscrita. (2009, p. 28).

Para clarear essa mudança de postura, Gramsci, em seu artigo de 1916, “Homens ou Máquinas”, preconizou uma das verdadeiras razões pelas quais a filosofia e tudo o que nela se apoiava fosse considerado ultrapassado e, conseqüentemente, desnecessário: “a filosofia encontra adversários, sobretudo quando afirma verdades que atingem interesses particulares” (GRAMSCI, 2004a, p. 73).

Adentrar a modernidade significava aderir aos pressupostos da ciência nascente que privilegiava a experimentação em detrimento de uma formação ancorada na filosofia, classificada como livresca e inútil. Assim, estava-se diante da luta do velho ensino (instrução) contra o novo (ação e experimentação). Conforme demonstra Monarcha:

Ao final do primeiro século da Revolução Industrial, certos intelectuais e cientistas, orgulhosos dos avanços do pensamento experimental e analítico e, claro, do triunfo da concepção de história como progresso incessante, anunciavam incredulidade diante das abstratas construções filosóficas e ao mesmo tempo demonstravam forte apego ao experimentalismo nascente. Como que descobrindo a natureza antagônica da sociedade burguesa, pondo-se a reagir contra um ideal formativo considerado chagado por valores éticos e aspirações desusadas, os teóricos solidarizavam-se na crítica dos valores desdenhosamente nomeados de intelectualismo e individualismo; por isso mesmo, confrontavam abertamente a aspiração de perfectibilidade humana assentada na cultura da inteligência, sensibilidade e volição; diziam que a perfeição da pessoa, por ser um fim em si mesma, era um valor artificial (2009, p. 26).

Nesse viés, ganham espaço em todas as áreas vozes que proclamam os ventos da renovação, consubstanciados pela *Scientia Nova*. Alguns exemplos são Claparède e sua psicologia pedagógica; Montessori e sua pedagogia científica; Decroly e suas pedagogia e pedotecnia e Dewey com sua pedagogia progressista, como já destacado anteriormente.

Observa-se que as pesquisas de profissionais de outras áreas, principalmente médicos, tiveram grande repercussão no novo modelo de educação a ser aplicado. Isto se dá também devido a outro importante fator que influencia no advento do movimento escolanovista, a descoberta da “criança” e a criação da psicologia infantil.

O panorama de desenvolvimento da educação nova é diverso, agregando conhecimento das novas ciências, tais como a psicologia, a sociologia e a biologia, privilegiando um ensino baseado na ação, ou seja, na experiência, na espontaneidade e no interesse do aluno, uma formação que possa inseri-lo no mundo sob a égide da modernidade permeada pela industrialização, cujo foco não é mais a repetição da tradição, mas a produção do novo.

Aqui vale lembrar que Gramsci também estava atento à preocupação com as necessidades da criança no processo de aprendizagem. Isso chega a ser assunto de algumas cartas à sua esposa Giulia e a outros familiares. Impedido de acompanhar a educação dos filhos, o filósofo italiano tecia comentários acerca dos assuntos educacionais com seus interlocutores. O que Gramsci questionava não era a atenção dada às necessidades da criança, ou aos métodos ativos de ensino, e, sim, o exagero desta preocupação, como exemplifica Manacorda:

Em resumo, é o mesmo protesto rousseauiano, já contido no prefácio do *Emílio*, contra a incapacidade dos adultos de compreender as crianças, mas com sinal contrário: ao invés de lamentar, como Rousseau, que os adultos “vejam o homem no menino”, Gramsci queixa-se de que eles o idolatram demasiadamente como um menino. (1990, p. 73).

Adentrando no século XX, o escolanovismo viu-se diante de uma paisagem diferente, um mundo em tensão. Logo após o final da I Guerra Mundial, uma nova missão era conferida à escola. Para Monarcha

Dir-se-ia que os teóricos do Espírito Novo, ao colocarem como escopo comum a cooperação, lealdade e sentido de justiça entre as pessoas, almejavam oferecer uma “segunda chance” à humanidade. Evocara-se a urgência de “escola nova”, como antídoto ao traumatismo e sublimação do egoísmo interesseiro do sentido de solidariedade (2009, p. 48).

Nesse sentido, a escola responderia também a necessidades políticas: preparar o espírito democrático, numa perspectiva liberal. Em outras palavras, para o escolanovismo, a igualdade, a democracia podem ser alcançadas à medida que se dá acesso a todos a experiência que viabilizem a formação da criança. No entanto, as condições sociais em que tais experiências podem ser vividas não são postas em questionamento.

Nesse panorama, deu-se início a um grande ciclo de discussões sobre a ciência do trabalho, que aparecia como um desdobramento natural das preocupações educacionais. A educação nova era imbuída pela “cultura da eficiência”, que mantinha íntima relação com o cotidiano da fábrica. Era o momento da educação funcional.

O ideário escolanovista passou a ser difundido por todo o mundo, sob a defesa de que a escola seria o ponto fundamental para a sociedade do amanhã, único modelo capaz de levar o homem à paz e ao progresso.

Uma das premissas do movimento escolanovista era a formação de um homem novo que implicasse na construção de uma nova sociedade. A formação de um novo homem era também a proposta de Gramsci. Embora as propostas pareçam idênticas, é preciso lembrar a assertiva de Kosik (2011, p. 13): “a coisa em si não se manifesta imediatamente ao homem. Para chegar à sua compreensão, é necessário fazer não só um esforço, mas também um *détour*.” Na busca de uma melhor compreensão, é preciso realizarmos este desvio em busca de todas as determinações que cercam as duas propostas.

Nessa tentativa, apoiados em Semeraro (2009) elegemos para nossa análise um ponto central e controverso do pensamento do expoente escolanovista, o estudunidense John Dewey, e do filósofo sardo Antonio Gramsci. Trata-se das categorias da prática, “experiência” em Dewey e da “práxis” em Gramsci.

Diferente de alguns dos precursores da escola nova, como Montessori, Fériere, Decroly, isto é, médicos, Dewey (1859-1952) teve formação filosófica. Entre 1875 e 1879, estudou na Universidade de Vermont, tendo frequentado disciplinas de História Natural e de Filosofia. Terminada a sua licenciatura, tornou-se professor do *high school*.

Gramsci e Dewey foram contemporâneos na primeira metade do século XX, assistindo a todas as transformações sociais e culturais do seu tempo. Procurando responder aos questionamentos desse momento histórico, os dois encontraram respostas diferentes.

Nesse viés, é preciso lembrar que Dewey vivia num país em plena ascensão hegemônica. Os Estados Unidos propagavam o *New Deal*, no qual a pedagogia progressista e ativa de Dewey encontrara terreno propício para seu desenvolvimento, tendo ele a tarefa de renovação do liberalismo, afastando-o do bruto *laissez-faire* e do individualismo atomista.

Em contrapartida, Gramsci estava num cenário europeu abalado com o final da I Guerra Mundial e temeroso por um novo conflito. Foi impactado pela Revolução de Outubro de 1917 e assistiu ao pleno crescimento do fascismo. Nesse contexto, coube a Gramsci a tarefa de resgatar o marxismo das “incrustações naturalistas e positivistas” (SEMERARO, 2009, p. 139).

Para os problemas de seu tempo, Dewey encontrou solução na “experiência prática”, profundamente influenciada pela ciência experimental, servindo de parâmetro para

suas construções pedagógicas e sociais, enquanto Gramsci escolheu a “Filosofia da Práxis” como instrumento fundamental para construir a hegemonia das classes subalternas.

Com a “experiência prática”, Dewey defendeu que o indivíduo era parte integrante do mundo: ele aprende fazendo, reage com a experimentação, com erros e acertos, adequando-se àquilo que for necessário para manter a harmonia e a estabilidade do coletivo.

Se em Dewey o indivíduo é uma parte integrante do mundo, para Gramsci ele é sujeito da ação transformadora sobre o mundo, fazendo parte de uma “classe revolucionária, à classe que traz nas mãos o futuro” (MARX e ENGELS, 2007, p. 49). Nesse sentido, o filósofo sardo compreendeu que a filosofia da práxis é a unidade fecunda entre filosofia e política, ou seja:

[...] atividade histórica-política dos subalternos que tomam consciência da sua subjugação, enfrentam as contradições existentes na sociedade e se organizam para construir uma concepção alternativa de mundo entrelaçando dialeticamente ação e reflexão, política e filosofia (SEMERARO, 2009, p. 144).

De acordo com Duarte (2009), Gramsci “insiste nessa unidade entre filosofia e política, ou seja, na unidade entre teorização sobre a realidade humana e a atividade voltada para a transformação dessa realidade como uma totalidade” (p. 130).

Aqui observamos que a “filosofia da prática” de Dewey destoa da “filosofia da práxis” de Gramsci. A primeira objetiva amenizar conflitos, buscando uma sociedade harmônica regulada pelo liberalismo renovado. A segunda, por sua vez, almeja a possibilidade de que as classes subalternas possam elaborar uma cultura que lhes permita não apenas harmonizar, mas superar as divisões existentes.

Na esteira de Gramsci, Duarte (2009) esclarece que o pragmatismo, no qual a filosofia prática de Dewey está ancorada, “identifica a prática social com a prática cotidiana, isto é, a atividade do pensamento humano não ultrapassaria jamais a vida cotidiana” (p. 125). Dito isso, é considerado relevante para a filosofia da prática apenas aquilo que é imediato.

Por fim, após essas duas diferenciações, percebemos que as finalidades dos dois teóricos são opostas. Enquanto a proposta renovadora de Dewey tem por objetivo a harmonização e a preservação da ordem vigente, Gramsci está empenhado numa ruptura com o modelo liberal que legitima a divisão social dos indivíduos. Este busca a superação das desigualdades sociais, para a qual a democracia não é o fim, apenas mais uma etapa rumo a uma nova sociedade.

4.3 Gramsci e a formação do educador: apontamentos iniciais

Resgatar e renovar o marxismo das incrustações positivistas, tentando superar a separação no seio das classes subalternas (operários e camponeses) objetivando um projeto de emancipação humana, são aspectos que levam Gramsci a se debruçar sobre a formação do educador.

Embora nesse momento, não tenhamos a intenção de nos aprofundar nessa temática, entendemos a necessidade de abordá-la nesse trabalho, mesmo que de maneira introdutória, visto que a preocupação do sardo com a formação do educador nos remete a alguns questionamentos importantes para que possamos entender sua proposta de emancipação das massas: quem educa o educador? Quem é esse educador?

É preciso lembrar que até 1919, a preocupação de Gramsci centrava-se na crítica ao ensino escolar italiano, que era baseado numa escola dualista, ou seja:

[...] ensino técnico destinado aos trabalhadores em busca de emprego ou, então, o ensino humanista destinado à pequena burguesia, cujo objetivo era o de compor os diversos escalões da administração pública do Estado liberal-burguês (DEL ROIO, 2006, p. 312).

Nesse sentido, sua crítica também era direcionada ao PSI, por este não apresentar uma proposta educativa alternativa ao modelo vigente na época. Podemos perceber a preocupação de Gramsci, ainda em germe, de um modelo de educação unitária, no sentido de proporcionar ao conjunto da humanidade uma formação omnilateral. O grande desafio desse momento era, como assevera Del Roio, o de pensar uma escola socialista unitária, “essa seria a chave para que os trabalhadores pudessem perseguir a sua autonomia e desenvolver uma nova cultura, antagônica àquela da burguesia” (2006, p. 312).

O fio condutor que nos leva as respostas acerca da preocupação de Gramsci com a formação do educador apresenta-se em fins de 1919, quando por ocasião do Biênio Vermelho (1919-1920) – momento efervescente da luta operária italiana – a massa operária viu sua luta sufocada pelas figuras do sindicato e do PSI, que negociaram com o patronato o fim de uma greve.

Gramsci passa a entender que os trabalhadores não estão presos somente pelas amarras da fábrica, mas à ideologia dominante que impera no seio da classe subalterna e principalmente por meio daqueles que lhes representam.

A virada editorial do L'Ordine Nuovo se dá nesse contexto. Aquilo que até então não tinha passado de uma resenha de cultura socialista, agora tinha como objetivo formar as massas contra a ideologia liberal positivista que empregava o PSI. Del Roio acredita que esse momento revela “uma guinada em direção à práxis”.

Ficara claro para o grupo do L'Ordine Nuovo que a auto-educação dos trabalhadores, a educação para a liberdade, não dependia, ou dependia menos, do sindicato e do partido e muito mais dos próprios trabalhadores. Inseridos no processo produtivo da riqueza social, os trabalhadores fabris eram já dotados de certo conhecimento profissional específico. O trabalho tecnicamente qualificado e produtivo deveria se vincular a um conhecimento mais amplo de cultura científica e humanística, não só para poder gerenciar o processo produtivo, mas a própria administração pública de um novo Estado operário e socialista. Assim é que os trabalhadores, no seu próprio processo de auto-educação, formariam os seus intelectuais e seus educadores, educando assim o sindicato e o partido (DEL ROIO, 2006).

Percorrendo o caminho da dialética, o questionamento de Gramsci passará por três momentos na reflexão sobre a educação do educador. O primeiro momento diz respeito ao período do Biênio Rosso (1919-1920) no qual as posições das classes passam a ficar claro para o sardo: de um lado os trabalhadores abandonados a sua própria sorte empreendem uma vigorosa greve diante das condições desumanas impostas; de outro a classe dominante do patronato que lhes explora; e no meio aqueles que deveriam ser os intelectuais orgânicos da classe trabalhadora, mas que se vinculam ao projeto reformista, defendendo os interesses do grande capital.

Nessa conjuntura, O filósofo italiano entende que os trabalhadores necessitam educar o educador, ou seja, é deles que devem vir os direcionamentos para a postura norteadora de seus representantes.

O segundo momento dava-se diante da ofensiva capitalista após a derrota do movimento grevista, “sendo necessário construir um novo instrumento político que conduzisse os trabalhadores a resistência e lhes possibilitasse reorganizar suas forças para o eventual contra-ataque” (Del Roio, 2006, p. 316). Esse seria o PCI, que guardava em seu interior a contradição defendida por Bordiga e Tasca.

O terceiro momento da reflexão de Gramsci se dá com sua ida para Moscou: lá o sardo retorna a condição de educando e principal lição assimilada é a da criatividade e da crítica. Educação da vanguarda operária, educar a si mesmo.

Avançando um pouco mais, entendemos que um quarto momento pode ser incluído na reflexão do filósofo italiano: trata-se dos anos que passou recluso nas prisões fascistas e no qual se debruçou sobre essa temática em condições extremamente adversas.

O que podemos inferir é que a grande preocupação de Gramsci com a formação do educador é restaurar a relação dialética entre os homens, superar a divisão entre trabalho manual e trabalho intelectual. Seus intelectuais são considerados orgânicos por fazerem parte de “um organismo vivo e em expansão. Por isso estão ao mesmo tempo conectados com o mundo do trabalho, com as organizações políticas e culturais mais avançadas” (SEMERARO, 2006, p. 135).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O legado deixado por Gramsci é de suma importância no processo de entendimento da realidade que subjaz aos fenômenos numa sociedade regida pela égide do capital. Isso porque o sardo dialeticamente reconstrói em suas categorias o movimento histórico de exploração do Sul em detrimento do Norte italiano, desnudando todo seu caráter classista e a partir das particularidades da realidade italiana, articula conceitos universais.

O pequeno menino da ilha da Sardenha que enfrenta infância pobre permeada por várias enfermidades, torna-se o jovem e ávido leitor, que mesmo tendo seus estudos constantemente interrompidos pelas dificuldades financeiras, adentra ao mundo acadêmico da Universidade de Turim, revelando-se um universitário dedicado e disciplinado.

Em Turim Gramsci conhece a classe operária e supera sua visão meridionalista, vê com clareza que a luta de classes faz parte de um universo mais amplo do que a disputa entre Sul e Norte italiano. Entende ainda as formulações marxianas em sua profundidade ao deparar-se com a massa de trabalhadores das fábricas automobilísticas italianas.

Defronta-se com um Partido Socialista Italiano eivado de Positivismo, que não oferecesse às classes subalternas nenhum programa de educação que assinale um rompimento com a divisão entre trabalho intelectual e trabalho manual.

A escola dualista era apenas um reflexo da divisão social do trabalho, que proporcionava uma escola humanista para os filhos da classe dominante e uma escola instrumental e profissionalizante para os filhos dos trabalhadores.

Frente a esse panorama propõe iniciativas de formação cultural na tentativa de suprir as lacunas deixadas pelo partido, como um Clube de Vida Moral, uma Associação da Cultura e uma escola do partido. Todas sufocadas pelo reformismo do PSI.

Com a participação ativa no *biênio rosso*, Gramsci aproxima-se da classe trabalhadora e após sua derrota mediada pelo sindicato e partido, percebe que os trabalhadores estão presos não apenas pelas as amarras da fábrica, mas principalmente pela ideologia dominante dos patrões.

Com a cisão de Livorno e a criação do Partido Comunista da Itália – PCI, nasce também um novo Gramsci, que passa a se debruçar sobre um questionamento revolucionário:

por que a revolução não aconteceu na Itália como à exemplo da Rússia? Essa reflexão leva-o a entender que era necessário procurar um novo caminho para a hegemonia proletária.

Gramsci percebe que diante da complexificação das sociedades ocidentais, nas quais era encontrado um equilíbrio entre sociedade civil e sociedade política a estratégia necessária era a guerra de posição, visto que a estratégia de ataque frontal, guerra de movimento só produzia os efeitos esperados nas formações orientais, caracterizadas por um domínio quase absoluto do Estado-coerção cuja sociedade civil era ainda caracterizada por sua debilidade.

Ao contrário de alguns autores, que tratam da história da humanidade, de maneira parcial, ou seja, de acordo com a ótica dos vencedores, como é o exemplo de Benedetto Croce, que trata do processo de unificação italiana deixando de fora as lutas revolucionárias das massas, Gramsci preocupa-se em recuperar a história dos homens, primando pela interpretação da totalidade histórica que lhes permitam compreender suas múltiplas determinações.

A partir de seu estudo sobre o *Risorgimento* e preocupado com uma proposta de formação humana que permitisse às classes subalternas construir uma visão de mundo mais elaborada, que lhes possibilitem superar o senso comum e a ideologia da classe dominante, Gramsci indica a necessidade de formação de intelectuais orgânicos da classe trabalhadora.

O intelectual orgânico das classes subalternas era determinante para se chegar à hegemonia proletária. Isso porque Gramsci entendia a hegemonia como capacidade de direção que fornece à ditadura do proletariado as bases sociais necessárias. Nesse sentido, a supremacia de um grupo dominante é concebida como direção e domínio, e, portanto, como conquista, persuasão, do consenso, mas também como força para reprimir as classes adversárias.

O intelectual orgânico é aquele que expressa, organiza, defende os objetivos do grupo social ao qual está vinculado, isto é, pertencente a uma classe e entrelaçado nas relações sociais dá a esse grupo do qual se originam homogeneidade e consciência de sua própria função. Seu caráter orgânico depende de dois fatores: sua relação com a classe a que pertence e o lugar que ocupa nas organizações da sociedade econômica, política e civil.

Contrária à proposta da preservação da unidade ideológica aplicada pela Igreja Católica, que mantinha intelectuais e massa num mesmo patamar, sempre nivelando pelo substrato inferior, a proposta de Gramsci indica uma proposta de unidade ideológica diferente,

por meio da Filosofia da Práxis com a mediação dos intelectuais promover uma aproximação dos estratos superiores e dos inferiores de tal forma elevando os últimos a um ponto que os primeiros sejam integrados a ele.

Norteados por um projeto revolucionário, a educação e a questão pedagógica encontram ressonância em toda a obra de Gramsci, desde o período pré-carcerário (1914-1926), na qual se destaca a educação política das massas, passando pelos Cadernos do Cárcere, onde se percebe a maturidade da reflexão do sardo até as cartas dirigidas aos familiares, nas quais se expressam a preocupação em torno da educação dos filhos e sobrinhos, intimamente imbricadas numa preocupação pedagógica com a educação da classe trabalhadora.

A educação pensada por Gramsci deve ser aquela que permita ao homem o desenvolvimento omnilateral de todas as suas potencialidades. Nesse sentido rejeita todo modelo de negação do conhecimento e rebaixamento da linguagem e dos conteúdos oferecidos a classe trabalhadora.

Entendemos assim que a proposta de Gramsci só é possível a partir do pensamento de Marx. São as formulações do grande mestre da dialética que conduzem o sardo por meio da Filosofia da Práxis a encontrar a saída para a falácia da naturalização da dominação capitalista.

A proposta educativa de Gramsci afina-se com a proposta de Marx, quando ambos pensam uma educação que busque unir teoria e prática, não significando a defesa de uma instrução profissionalizante destinada à formação de mão de obra ligada a funções subalternas, mas sim uma ação transformadora da realidade, no intuito da elevação cultural da classe operária.

O que Gramsci almeja pode ser traduzido pelas palavras de Tonet (2007, p. 16), quando este assevera que

Tornar-se homem é, pois, para Marx, na sua essência, transformar o mundo e a si mesmo; criar objetos e criar-se de forma cada vez mais ampla, universal e multifacetada; tornar parte de si mesmo um conjunto cada vez maior de elementos que fazem parte do gênero humano; agir de forma sempre mais consciente e livre, isto é, dominando o processo de autoconstrução de si mesmo e do mundo.

A educação é também tema recorrente nas correspondências com seus familiares. Com a esposa Giulia discute sobre a educação dos filhos, com os irmãos e a mãe trata da

educação dos sobrinhos, reforçando em todas as cartas a afirmação de Marx: é preciso educar o educador.

Nesse debate questiona a finalidade dos novos métodos ativos de ensino, ironiza com o Plano Dalton de ensino e pergunta a Giulia se ela acredita que o referido plano poderia formar novos Leonardos d’Vinci. Gramsci também estava atento à preocupação com as necessidades da criança no processo de aprendizagem, o que questionava não era a atenção dada às necessidades da criança, ou aos métodos ativos de ensino, e, sim, o exagero desta preocupação.

Assim encontramos em Gramsci a indicação de um educador que atua como formador de um sujeito revolucionário, que contrariamente aquela formação apresentada por Dewey que vê o indivíduo como parte integrante do mundo, para Gramsci ele é sujeito da ação transformadora sobre o mundo, fazendo parte de uma classe revolucionária, à classe que traz nas mãos o futuro.

Enquanto a “filosofia da prática” de Dewey objetiva amenizar conflitos, buscando uma sociedade harmônica regulada pelo liberalismo renovado, a “filosofia da práxis” de Gramsci almeja a possibilidade de que as classes subalternas possam elaborar uma cultura que lhes permita não apenas harmonizar, mas superar as divisões existentes.

O desafio de elevação cultural e moral das classes subalternas pensado por Gramsci cresce ainda mais se recordamos que o pensador sardenho edifica sua teoria num cenário histórico de crise, já que no início do século XX a Itália se via diante do complexo cenário de ascensão do fascismo. Hoje o contexto que nos encontramos, guardando as devidas proporções, também é um cenário de crise.

O Sistema capitalista encontra-se diante de uma crise nunca antes vivida em seu interior, trata-se, como nos afirma Mészáros (2011), de uma crise estrutural. Diferente das tantas crises cíclicas pelas quais a sociabilidade capitalista já havia passado, esta tem um caráter estrutural, por seu caráter universal, global, prolongado e rastejante: universal, porque afeta todas as suas esferas; global, porque engloba todos os países, não se referindo a apenas alguns deles; prolongado – em vez de cíclica, como ocorreu com as demais –, porque sua escala temporal é contínua, podendo ser medida em algumas décadas e não em séculos; rastejante, porque é uma crise “administrável”.

Como a base que sustenta a sociabilidade capitalista é a luta de classes – a exploração da força de trabalho – sob a crise estrutural, o capital chegou a limites extremos,

denominado por Mészáros (2011) de estágio da “ativação dos limites absolutos do capital”, devido a superprodução e exploração do trabalho. Esta crise é o encontro do sistema capitalista com seus limites.

Essa crise inédita na história do capital ocorreu após um período de crescimento extraordinário do sistema vigente, entre as duas grandes guerras e após a segunda, estendendo-se até a década de 1970. Trata-se, portanto, de uma crise sem precedentes na história da humanidade, porque agudizou os problemas gerados pelo capital – o aumento do desemprego e da miséria em escala mundial, a precarização do trabalho, o esgotamento dos recursos naturais de forma ímpar, a necessidade devastadora do complexo industrial-militar e etc. – impondo de modo irracional e cruel o seu caráter devastador para a humanidade através do qual expõe as contradições inerentes a esse sistema.

Para escapar desta crise, ou pelo menos administrá-la, o capitalismo busca e cria todas as saídas possíveis. Nesse viés, a educação e a formação do educador servirá de lócus privilegiado para manutenção da ideologia dominante.

Ora, a fim de assegurar a manutenção da ordem vigente, o capital se sustenta em meio a falácias, corresponsabilizando a humanidade por esta crise. No campo educacional, o capital surge com projetos de globalização, convocando a educação a solucionar todos os males da sociedade e conduzi-la rumo à iminente nova sociedade. Entretanto, conforme nos revela Mendes Segundo (2005), essas políticas nada mais são do que artimanhas de negação do conhecimento, fragmentação e aligeiramento do ensino, monitoramento da formação docente, com vistas ao ajuste dos indivíduos ao capitalismo e seu modo de produção.

Esta formação docente, que de acordo com a lógica do capital, garante o acesso e permanência do homem no novo mundo dito globalizado, na verdade não passa de um mecanismo de ajuste dos indivíduos a um capitalismo em crise, “com vistas à naturalização da exploração e de seus desdobramentos no plano da desumanização crescente e do próprio homem” (RABELO, MENDES SEGUNDO e JIMENEZ, 2009, p. 4).

Esse projeto capitalista destoa totalmente daquele proposto por Gramsci, na qual a formação deveria proporcionar a construção de uma visão ampla de mundo, de longo alcance, isto é, que interessa não objetivamente apenas a indivíduos ou a pequenos grupos, mas a coletividade e até a humanidade inteira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUTTIEG, Joseph. A. **Educação e Hegemonia**. In COUTINHO e TEIXEIRA. Ler Gramsci, entender a realidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP (FEU), 1999.

COSTA, Frederico Jorge Ferreira. **Ideologia e educação na perspectiva da ontologia marxiana**. (Tese de doutorado) Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, FAGED-UFC, 2007.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Gramsci**. Porto Alegre: L & PM, 1981.

_____. **Gramsci: um estudo sobre seu pensamento político**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

_____. **O Leitor de Gramsci**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

Dante Alighieri. **A Divina Comédia: inferno, purgatório, paraíso**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1971.

DEL ROIO, Marcos. **Os Prismas de Gramsci: a fórmula política da frente única (1919-1926)**. São Paulo: Xamã, 2005.

_____. **Gramsci e a Educação do Educador**. Cadernos Cedes. Vol. 26. N. 70, p.311-328 Campinas, set/dez 2006.

_____. **Gramsci e a Emancipação do Subalterno**. Curitiba: Revista Sociologia Política, 29, p.63-78, 2007.

DIAS, Edmundo Fernandes et al. **O Outro Gramsci**. São Paulo: Xamã, 1996.

_____. **Gramsci em Turim: a construção do conceito de hegemonia**. São Paulo: Xamã, 2000.

DUARTE, Newton. **A filosofia da práxis em Gramsci e Vigotski**. In: Gramsci e Vigotski: aproximações. Araraquara. São Paulo: Junqueira & Marim. Marília. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

FIORI, Giuseppe. **A Vida de Antonio Gramsci**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GRAMSCI, Antônio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

_____. **A concepção dialética da história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

_____. **Escritos Políticos, v.1: 1910-1920**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004a.

_____. **Escritos Políticos, v.2:** 1921-1926. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004b.

_____. **Cartas do Cárcere, v.1:** 1926-1930. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005a.

_____. **Cartas do Cárcere, v.2:** 1931-1937. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005b.

_____. **Cadernos do Cárcere, v.1:** Introdução ao estudo da filosofia. A filosofia de Benedetto Croce. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011a.

_____. **Cadernos do Cárcere, v.2:** Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011b.

_____. **Cadernos do Cárcere, v.3:** Maquiavel. Notas sobre o estado e a política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011c.

_____. **Cadernos do Cárcere, v.4:** Temas de Cultura. Ação Católica. Americanismo e Fordismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011d.

_____. **Cadernos do Cárcere, v.5:** O *Risorgimento*. Notas sobre a Itália. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011e.

_____. **Cadernos do Cárcere, v.6:** Literatura. Gramática. Folclore. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

GRUPPI, Luciano. **O conceito de Hegemonia em Gramsci**. Rio de Janeiro: Edições Graal LTDA, 1978.

_____. **Tudo Começou com Maquiavel**. Porto Alegre: L&PM Editores, 1986.

HOBSBAWM, Eric J. **A Era das Revoluções: 1789-1848**. Tradução de Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel. Paz e Terra. 3. Ed. 1981.

_____. **A Era do Capital: 1848-1875**. Tradução de Luciano Costa Neto. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 3. ed. 1982.

_____. **A Era dos Impérios: 1875-1914**. Tradução de Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toletto. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 3. ed. 1988.

_____. **A Era dos Extremos: O breve século XX, 1914-1991**. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo. Companhia das Letras. 1995.

_____. **Como Mudar o mundo: Marx e o marxismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

JIMENEZ, S. A Educação Pública: soçobra nas ondas do mercado – breves considerações críticas sobre a política privatizante da educação brasileira. In: _____. V. & FURTADO, E. B. (Orgs.) **Trabalho e Educação: uma intervenção crítica no campo da formação docente**. Fortaleza, Edições Demócrito Rocha, 2001a.

_____. A educação e a relação teoria-prática: considerações a partir da centralidade do trabalho. In: _____. V. & FURTADO, E. B. (Orgs.) **Trabalho e Educação: uma intervenção crítica no campo da formação docente**. Fortaleza, Edições Demócrito Rocha, 2001b.

JIMENEZ, S.; COSTA, F. J. F.; MORAES, B. M.; SEGUNDO, M. D. M.; GONÇALVES, R. P.; JOVINO, W. K. M.; BRAGA, S. A. C. A Ontologia marxiana e a pesquisa educacional: pressupostos teóricos e exigências metodológicas. In: Silvia Maria Nóbrega Therrien; Isabel Maria Sabino de Farias; João Batista Carvalho Nunes. (Org.). **Pesquisa Científica para iniciantes: caminhando no labirinto**. 1 ed. Fortaleza: EDUECE, 2011, V.3, P.151-168.

KONDER, Leandro. **Introdução ao Fascismo**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1977.

_____. **O que é Dialética**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

LAJOLO, Laurana. **Antonio Gramsci: uma vida**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

LESSA, Sérgio. **Para Compreender a Ontologia de Lukács**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2007.

LEPRE, Aurélio. **O Prisioneiro: a vida de Antonio Gramsci**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LOSURDO, Domenico. **Gramsci, do liberalismo ao “comunismo crítico”**. Rio de Janeiro: Revan, 2006.

LUKÁCS, György. **As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem**. In: Temas. São Paulo: Ciências Humanas LTDA, 1978.

LUZURIAGA, Lorenzo. **História da educação e da pedagogia**. 18. ed. São Paulo: Nacional, 1990.

_____. Introdução aos Escritos Estéticos de Marx e Engels. In: Marx, Karl e ENGELS, Friedrich. **Cultura, arte e literatura: textos escolhidos/ Karl Marx e Friedrich Engels**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

MAESTRI, Mário. CANDREVA, Luigi. **Antonio Gramsci: vida e obra de um comunista revolucionário**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

MAIA FILHO, Osterne Nonato. **A reforma do ensino médio: da pedagogia das competências à gestão tecnocrática em educação**. Tese de doutorado. Fortaleza. UFC, 2004.

_____. **A perspectiva dialética na pesquisa em ciências humanas**. In: TASSIGNY, Mônica M., SAMPAIO, Patrícia Passos (Org). Temas em Psicologia I: experiências em pesquisa. Fortaleza: Universidade de Fortaleza, 2010.

_____. **Formação para o Trabalho ou Formação do Trabalhador?** In: PINHEIRO *et al.* (Org.). Estudos Psicanalíticos na Clínica e no Social. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2011.

MANACORDA, Mario Alighiero. **O princípio educativo em Gramsci**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

_____. **História da Educação: da antiguidade aos nossos dias**. São Paulo: Cortez, 2010a.

_____. **Marx e a Pedagogia Moderna**. Campinas, SP: Alínea, 2010b.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia alemã**. São Paulo: Hucitec, 1999.

_____. **Manifesto comunista**. São Paulo, SP: Boitempo Editorial, 2007.

Marx, Karl. **O Dezoito Brumário de Luís Bonaparte** in: A Revolução antes da Revolução. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

_____. **O Capital: crítica da economia política: livro I**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O Príncipe**. 20. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

MENDES SEGUNDO, Maria das Dores; JIMENEZ, Maria Susana Vasconcelos. **O Banco Mundial e suas implicações na política de financiamento da educação básica no Brasil: o FUNDEF no centro do debate**. Tese de doutorado. Fortaleza: UFC, 2005.

MÉSZÁROS, István. **Crise Estrutural do Capital**. In: Outubro, Número 4. SP: Instituto de Estudos Socialistas, 2000.

_____. **Para além do capital**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.

_____. **O século XXI: socialismo ou barbárie?** São Paulo, SP: Boitempo Editorial, 2003.

_____. **A teoria da alienação em Marx**. São Paulo, SP: Boitempo, 2006.

MONARCHA, Carlos. **Brasil arcaico escola nova: ciência, técnica & utopia nos anos 1920-1930**. São Paulo: Ed. UNESP, 2009.

MONCHCOVITCH, Luna Galano. **Gramsci e a escola**. São Paulo: Editora Ática, 1988.

MOTA, Myrian Brechó. BRAICK, Patrícia Ramos. **História: das cavernas ao terceiro milênio**. São Paulo, SP: Moderna, 2002.

NOSELLA, Paolo. **A escola de Gramsci**. São Paulo: Cortez, 2010.

OLDRINI, Guido. **Gramsci e Lukács, adversários do marxismo da segunda internacional**. Crítica Marxista. São Paulo, N. 8: jun. 1999.

OLIVEIRA, Tatiana Fonseca. **A Filosofia da práxis nos Cadernos do Cárcere**. Tese de doutorado. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, 2008.

PONCE, Aníbal. **Educação e Luta de Classes**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1991.

RABELO, Jackline; MENDES SEGUNDO, Maria das Dores; JIMENEZ, Susana. **Educação para Todos e reprodução do capital**. Trabalho Necessário, v. Ano 7, p. 1-24, 2009.

SAMPAIO, Wilson Correia. **Gramsci: política e educação**. Maceió: EdUFAL, 2007.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 10. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

_____. História das ideias pedagógicas no Brasil. 3. ed. Campinas-SP: Autores Associados, 2009.

_____. Educação: do senso comum à consciência filosófica. 18.ed. Campinas-SP: Autores Associados, 2009.

SAGRA, Alicia. **A Internacional: um permanente combate contra o oportunismo e o sectarismo**. São Paulo: Editora Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2010.

SCHLESENER, Anita Helena. **Hegemonia e Cultura**. Curitiba: Ed. da UFPR, 1992.

_____. **Revolução e Cultura em Gramsci: política e educação nos escritos de Gramsci**. Brasília: Liber Livro, 2002.

_____. **A Escola de Leonardo: política e educação nos escritos de Gramsci**. Brasília: Liber Livro, 2009.

SEMERARO, Giovanni. **Gramsci e os novos embates da filosofia da práxis**. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2006a.

_____. **Intelectuais “Orgânicos” Em Tempos de Pós-Modernidade**. Cad. Cedes, Campinas, vol.26, n. 70, p.373-391. 2006b.

_____. A práxis de Gramsci e a experiência de Dewey. In: **Gramsci e Vigotski: aproximações**. Araraquara. São Paulo: Junqueira & Marim. Marília. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

SIMIONATTO, Ivete. **Gramsci: sua teoria, incidência no Brasil, influência no serviço social**. São Paulo: Cortez, 2011.

STACCONE, Giuseppe. **Gramsci: 100 anos revolução e política**. Petrópolis: Vozes, 1991.

SUCHODOLSKI, Bogdan. **A pedagogia e as grandes correntes filosóficas: a pedagogia da essência e a pedagogia da existência**. 3. ed. Lisboa: Livros Horizonte, 1984.

TONET, I. **Educação contra o capital**. Maceió: Edufal, 2007.

_____. **Educação, Cidadania e Emancipação Humana**. Ijuí: Unijuí, 2005.